



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC) - CAMPUS X
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)**

JÂNIE CARLA MARTINS ALMEIDA CABRAL

**OS *BECOS DA MEMÓRIA* VIVA: O TRAUMA DA DIÁSPORA E A
SOLIDÃO-RIDADE NA “ESCREVIVÊNCIA” EVARISTIANA**

TEIXEIRA DE FREITAS - BA

2025

JÂNIE CARLA MARTINS ALMEIDA CABRAL

**OS BECOS DA MEMÓRIA VIVA: O TRAUMA DA DIÁSPORA E A
SOLIDÃO-RIDADE NA “ESCREVIVÊNCIA” EVARISTIANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Letras – PPGL, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Departamento de Educação, Campus X, como requisito para obtenção do título de Mestra.

Linha de pesquisa: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres.

TEIXEIRA DE FREITAS - BA

2025

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Ficha Catalográfica elaborada pelo bibliotecário:
Lucas Aguiar Bezerra CRB 5-1822

C117o Cabral, Jânie Carla Martins Almeida

Os becos da memória viva: o trauma da diáspora e a solidão-ridade na “escrevivência” evaristiana. / Jânie Carla Martins Almeida Cabral. – Teixeira de Freitas, 2025.

150 f. : il.

Orientadora: Lillian Lima Gonçalves dos Prazeres.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus X. Programa de Pós Graduação em Letras – PPGL, 2025.

Contém referências, anexos e apêndices.


1. Decolonialidade. 2. Escrevivência. 3. Memória. I. Prazeres, Lillian Lima Gonçalves dos. II. Cabral, Jânie Carla Martins Almeida. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus X. IV. Título.

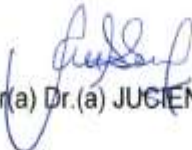
CDD: 804

FOLHA DE APROVAÇÃO
"OS BECOS DA MEMÓRIA VIVA: O TRAUMA DA DIÁSPORA E A SOLIDÃO-RIDADE
NA "ESCREVIVÊNCIA" EVARISTIANA"

JÂNIE CARLA MARTINS ALMEIDA CABRAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LETRAS – PPGL, em 26 de fevereiro de 2025, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Mestrado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:


Professor(a) Dr.(a) LILIAN LIMA GONÇALVES DOS PRAZERES
UFSB
Doutorado em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo


Professor(a) Dr.(a) JUCIENE SILVA DE SOUSA NASCIMENTO
UNEB
Doutorado em Curso de Doutorado em Educação
Universidade Federal do Espírito Santo

 Documento assinado digitalmente
LIZ MARIA TELES DE SA ALMEIDA
Data: 02/04/2025 17:04:50 -0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) LIZ MARIA TELES DE SÁ ALMEIDA
Ifba - IFBA

Eco-liberdade

Às mulheres negras e suas infâncias perdidas,
em dores, cesuras, traumas
de uma diáspora que deixa rastros
e compassos de crimes
e de “vozes-mulheres” invisibilizadas.
De suas “vozes-mulheres”,
ecoam lamentos, revolta
Favela-morada-becos da memória
E assim, empoeirada da labuta
com a força da ancestralidade, ela luta
ressurge, identidade, visibilidade,
resistência, re(existência),
representatividade, decolonialidade.
O ontem, memória, identidade,
o hoje, agora, vitória, eco-liberdade,
o futuro, ecos perplexos, que insurgem, ressurgem,
assim, brilham satisfeitas, refeitas,
Mulheres pretas, perfeitas, eleitas.

Jânio Carla Cabral (2024)
(Poema-homenagem)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, minha exclusividade e prioridade, meu colo, meu afago, minha adoração, que me segurou nas mãos, quando pensei que as “n” (enes) atribuições iriam deixar o meu sonho postergar. Sem Ele, meu refúgio e fortaleza, meu porto seguro, eu não teria conseguido a finalização do meu sonho – o Mestrado em Letras. A Ele, toda honra e toda glória!

A concretização deste estudo dissertativo requereu a colaboração de várias pessoas, desde a tripla orientação e o apoio dos professores nas aulas, até a assistência na pesquisa metodológica no conteúdo programático de Metodologia da Pesquisa. Também no suporte da coordenação acadêmica e a secretaria acadêmica, e o suporte emocional dos meus colegas de curso, amigos e familiares. Assim, expresso a minha profunda gratidão a todos os que contribuíram, direta e indiretamente, para que este sonho se tornasse realidade.

À minha família, especialmente, meus filhos, tão cheios de amor e dedicação a mim, muito obrigada por vocês serem exatamente como eu gostaria que fossem – super especiais. São permeados de adjetivos, mas apenas colocarei os que mais se sobrepõem: Anthony Almeida Antunes (meu porto seguro nº 2, amoroso e guerreiro, bondoso ao extremo, empreendedor nato), Brunna Stephanie Almeida Araújo (guerreira, inteligente, amorosa e persistente), Luma Gabriella Almeida Rendeiro (sábua, dedicada, amorosa e espiritual – é permeada de uma boa e salutar religiosidade), Luiz Bryan Almeida Cabral (sereno, leve, corajoso e reflexivo). Um privilégio e uma honra ser escolhida para ser a mãe dessas quatro preciosidades. À Cryslene Oliveira Prates, minha nora, uma filha que o Senhor me presenteou (guerreira, inteligente, surpreendente e agregadora). Amo vocês imensuravelmente.

Ao meu pai, João Carlos Almeida, ao meu irmão, Carlos Henrique Martins Almeida e a minha avó, Lília Almeida, minhas tias Maria José Almeida, Bernadete Almeida e tio Josué Jaime Almeida (*in memoriam*), que tão cedo foram e deixaram marcas, feridas abertas de ausência/presença; o primeiro, me ensinou o prazer da leitura, do estudo, da pesquisa, da escrita, e ainda, o legado de amar imensuravelmente os filhos, a mãe, a família – uma herança indissolúvel; ensinou-me a “não colocar o carro à frente dos bois”; o segundo, me ensinou a liberdade, a pensar no agora diante da efemeridade da vida; tão livre que era, que voou na mais tenra idade; a terceira, a minha avó, o grande amor da minha vida, que trouxe o legado oculto das coisas não ditas, nem escritas, nem vistas, mas vividas; o legado do benfazer e bendizer, do

amor e renúncia, do viver e sobreviver, do existir e resistir; aos meus amados tios, agradeço-os por serem meu apoio amoroso e dedicado, quando meu pai se foi. Todos vocês, são a minha inspiração e a minha saudade.

À minha mãe, Valdícia Ferraz Martins, minha princesa, àquela que não desiste nunca, muito obrigada por me encantar com a sua resiliência e alteridade; gratidão por me auxiliar a seguir em frente, por ser bondosa ao extremo, possuidora de uma dedicação exacerbada à família, és o meu porto seguro nº 3. (– Por sua causa, mamita, eu não desisto nunca e vivo rompendo em fé). Uma honra tê-la como minha mãezinha linda, guerreira, dedicada ao extremo, bondosa, forte, segura.

Ao meu esposo, Bergson Pinto Cabral (meu companheiro incrível de jornada, meu colo ao avesso). Admiro-o muito, esposo, por ser o meu oposto (tão calado), e por ser avesso às DRs, por não desanimar e por exigir tão pouco da vida, você é minimalista e não sabe. Obrigada pelo seu silêncio e compreensão nas inúmeras e inúmeras ausências. Você tinha ciúme até do meu notebook e dos meus livros.

Aos meus netos, por ordem de nascimento, Hugo Lima (estudioso, dedicado e doce); Emille Gabrielly (independente, guerreira e inteligente), Melissa Gabrielly (inocência, beleza e leveza, “um anjo na Terra, eu bem sei”), Anthony Gabriel (amoroso, carinhoso e perscrutador); Maria Alice (delicadeza, beleza e coragem), Otávio Rendeiro (astucidade, inteligência e beleza), Pedro Lucca (leveza, amorosidade e serenidade), Elisa Cabral (astúcia, beleza e sagacidade), e mais uma que já chegou (Heloísa, meu bem querer, linda, doce, um afago), que sentiram a minha ausência nesse longo período do meu debruçar nos estudos; longas noites em claro e o despertar ligeiro; minha gratidão por compreenderam minhas ausências nos passeios, festividades. Obrigada por serem pacientes e especiais durante esses semestres de pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado) em que fui tão ausente! Que privilégio ser a avó de tantas preciosidades! Deus me honrou.

Às minhas irmãs, Rosângela Silva Almeida e Eliana Almeida Ladeia, meus exemplos de vida, duas sumidades que ganhei de presente na vida para servirem de exemplo para mim e assim, pude dar uma guinada na vida, pós-convivência, e continuar, persistir no trabalho, nos estudos, na criação dos filhos. Exemplo de seguir em frente com honradez, dignidade e honestidade. Herdaram esses adjetivos de meu pai. Um privilégio e uma honra tê-las como

irmãs. À Suzana Martins Almeida, minha irmã guerreira e preciosa, não desiste nunca, vive rompendo em fé, na dispensação do Senhor. Amo muito vocês, minhas princesas.

Em especial, gostaria de agradecer com carinho e deferência, à orientadora Dra. Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres, pelo comprometimento, um misto de firmeza e delicadeza, paciência e dedicação na realização deste trabalho. Agradeço-a, pelas excelentes contribuições à pesquisa, pois foram fundamentais para o êxito deste estudo. Sem a sua paciência e persistência, eu não teria avançado. Muito obrigada, minha querida.

Meu agradecimento especial à Professora Dra. Juciene Silva de Sousa Nascimento e Professora Dra. Liz Maria Teles de Sá Almeida, respectivamente, as minhas orientadoras interna e externa, pelas sábias contribuições à defesa arvorando o texto dissertativo através de olhares cogentes que deram uma nova roupagem à tessitura.

Agradeço aos sujeitos da pesquisa, as mulheres negras, ora reais, ora personagens do romance memorialista *Becos da memória*, que me inspiraram a escrever sobre o trauma da diáspora, a memória, a solidão-ridade e a alteridade, encontrados em *Becos*, especialmente a temática da “Escrevivência”, vocábulo criado pela sábia escritora Conceição Evaristo – autora do romance em estudo, por sua genialidade, persistência, resistência. Ora se mistura aos escritos em sua “escrevivência”, a personagem-autora e a autora-personagem, um misto de realidade e ficção, quem poderia afirmar? Obrigada, Evaristo! A aliada da causa da mulher negra, esta mulher que aqui se apresenta e a agradece, pede licença para usar seus trechos, excertos, termos que visam arvorar a mulher negra, ora com vozes ancestrais, ora com vozes atemporais, mas Vozes-Mulheres. Uma honra escrever sobre e sob o debruçar do seu romance.

Agradeço, ainda, com muito louvor, a todos os professores e professoras do PPGL, pela enormidade de contribuições que auxiliaram na construção do meu trabalho e pelos pareceres pertinentes que colaboraram na delimitação do meu texto, especificamente devido às temáticas consonantes ao meu estudo dissertativo ocorridas nas aulas de *Escritas de si* (Juciene Nascimento e Aline Nascimento), *Literatura Africana* (Valci Vieira e Juciene Nascimento) e em relação à *Metodologia da Pesquisa* (Aline Nascimento e Décio Bessa), com vistas à organização do trabalho dissertativo, que estava por vir.

Aos meus colegas e às minhas colegas de mestrado da Uneb, onde conheci algumas relíquias que guardo no coração com saudade, Eliza Metzker, Bruna Giorno, Amilson Soares, Marcelo Caetano, Tânia Fortunato e Aline Colatino. Estudiosos/as, sábios/as, livres, fortes, acolhedores/as amigos/as. Gratidão!!!

Aos meus amigos de vida, Carlos Bispo, Hélcio Coura, Stanislaw Siepierski, Josete Souza, Eliane Pereira, Lucélia Rezende, Fabrício Cardoso, Maria Olinda. O primeiro, por orar por mim e ser meu único amigo desde a pré-adolescência; o segundo, por me compreender tão bem e ser meu amigo/irmão; o terceiro, por ser meu médico e terno amigo e promover a escuta dos meus dissabores e me aconselhar com carinho; a quarta, por ser minha amiga confidente; a quinta por me impulsionar sempre com palavras de motivação e estímulo. Os outros, por me fazerem feliz com o seu carinho, escuta, e por me colocarem sempre “para cima”. Obrigada a Marcos Sousa e Astério Caçador, meus colegas de escola e escritores competentes e dedicados, dois grandes, amados e carinhosos amigos. Uma honra revisar alguns de seus livros.

Agradeço a dois amigos queridos, André Almeida, da APLB, que reafirmou/ratificou a minha escolha, quando eu disse que tinha me apaixonado em sala de aula, pelo conto evaristiano, *Olhos d'água*, e que pretendia escrever sobre alguns livros da obra de Conceição Evaristo. Muito obrigada à professora e colega Shirley Cristina, por gentilmente me ceder o romance *Becos da memória*, quando eu disse que iria comprá-lo. Obrigada, amados, pelo carinho e predisposição a auxiliar-me na escolha do romance.

“Não que eu já tenha obtido tudo o que desejo ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo [...]. Mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio [...].

Fp 3:12-14 (NVI).

“Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra faço a minha, as histórias também”.

Conceição Evaristo (2016, p. 7).

“O real nos doerá para sempre”.

Orides Fontela (2006, p. 37).

RESUMO

O estudo fundamenta-se na análise do romance ficcional *Becos da Memória* (2018) da escritora negro-brasileira, Conceição Evaristo, explorando categorias como memória, solidão-ridade e “escrevivência”, com ênfase especial nas personagens femininas, Maria-Nova, Maria-Velha e Vó-Rita. Este estudo propõe como objetivo geral, analisar as narrativas memorialísticas individuais e coletivas, inseridas em um contexto sociocultural de trauma da diáspora e de solidão-ridade de mulheres negras na “escrevivência” evaristiana. Traz como objetivos específicos, apresentar a “escrevivência” como mote da narrativa em *Becos da memória* e como ferramenta de contribuição para o resgate histórico do negro e negra brasileiros, como conceito na busca do combate ao epistemicídio em uma perspectiva antirracista e de resistência; descrever a biografia de Conceição Evaristo alinhando os fios da narrativa em sua autobiografia, evidenciando o romance memorialista *Becos da memória*; analisar as vozes que ecoam na favela inominada, através da junção da categoria memória e o discurso do lembrar, reverberando as vozes das personagens negras, que precisam “seguir segurando a vida”; evidenciar o trauma da dispersão e a solidão, apresentando a solidão-ridade como atenuante das dores e cesuras na narrativa de Conceição, como manifestações individuais e coletivas à comunidade diaspórica. O problema da pesquisa questiona: Como se estabelecem as narrativas memorialísticas individuais e coletivas, a partir da “escrevivência” evaristiana em *Becos da memória*, sob a influência do trauma da diáspora e da solidão-ridade na ambiência de um desfavelamento? No que se refere à metodologia, a pesquisa é bibliográfica, exploratória e de natureza qualitativa. Fundamenta-se na análise como Prática Social (Foucault, 2008), cujo método é o dedutivo. Traz uma escrita traçada sob o olhar de uma autora negra, protagonista da sua história, Conceição Evaristo, e a visão de uma mulher negra jovem, protagonista do romance, Maria-Nova, acerca das narrativas sobrepostas ocorridas em uma favela, tornando-a um espaço discursivo memorialístico. O estudo traz relatos de experiências diversas dos moradores da favela, transcritos através do discurso do lembrar, dimanando atos de resistência e questões sociorraciais e políticas. Discute como a “escrevivência” evaristiana permeia as suas memórias individuais, urbanas e coletivas. Apresenta nuances dicotômicas, que ora trazem aspectos relacionados à tradição, ora tecem escritos atemporais, em que os movimentos diaspóricos se entrecruzam com outras epistemologias (saberes próprios). O aporte teórico que fundamenta o estudo ancora-se no decolonialismo, na literatura negro-brasileira, “escrevivência” e estudos culturais, sustentada por autores como Quijano (2020), Cuti (2000), Seligmann-Silva (2003), Heidegger (2007), Halbwachs (2013), Silva, Saunders e Ohmer (2021). As análises realizadas revelaram que a autora por meio da memória ancestral e as experiências relacionadas ao trauma da diáspora, fortalece a identidade das mulheres negras unindo-as na solidão-ridade. Mesmo diante de relatos de cesuras, solidão e lutas, elas reverberam a sua re(existência), apresentando o protagonismo negro em suas trajetórias de vida, dando relevância à ancestralidade e à territorialidade. Por vezes, são invisibilizadas e estigmatizadas pelo racismo estrutural, que remonta aos traumas da dispersão e às marcas ancestrais. Entretanto, a “escrevivência” evaristiana prima por visibilizar a mulher negra em uma ótica de resistência, através da memória individual, urbana e coletiva.

Palavras-Chave: Decolonialidade; Escrevivência; Memória; Solidão-ridade; Trauma da diáspora.

ABSTRACT

The study is based on the analysis of the fictional novel “Becos da Memória” (2018) by the Black-Brazilian writer Conceição Evaristo, exploring categories such as memory, *solidão-ry* and “*escrevivência*”, with special emphasis on the female characters, Maria-Nova, Maria-Velha and Vó-Rita. This study proposes as a general objective, to analyze the individual and collective memorial narratives, inserted in a sociocultural context of diaspora trauma and *solidão-ry* of black women in the Evaristian “*escrevivência*”. Its specific objectives are to present “*escrevivência*” as the narrative theme in “Becos da Memória” as a tool for contributing to the historical recovery of Black Brazilians, as a concept in the quest to combat epistemicide from an anti-racist and resistance perspective; to describe Conceição Evaristo's biography, weaving together the narrative threads in her autobiography, highlighting the memoirist novel “Becos da Memória”; to analyze the voices that echo in the unnamed slum, through the combination of the category of memory and the discourse of remembering, reverberating the voices of black characters, who need to “keep holding on to life”; to highlight the trauma of dispersion and loneliness, presenting *solidão-ry* as a mitigating factor for the pains and caesuras in Conceição's narrative, as individual and collective manifestations to the diasporic community. The research question asks: How are individual and collective memorial narratives established, based on Evaristian “*escrevivência*” in “Becos da Memória”, under the influence of diasporic trauma and *solidão-ry* in the context of a slum exodus? The methodology is bibliographical, exploratory, and qualitative. It is based on analysis as Social Practice (Foucault, 2008), using a deductive method. It presents a narrative from the perspective of a black author, Conceição Evaristo, the protagonist of her story, and the perspective of a young black woman, Maria-Nova, the protagonist of the novel, regarding the overlapping narratives that occurred in a slum, transforming it into a memorialistic discursive space. The study presents accounts of the diverse experiences of slum residents, transcribed through the discourse of remembering, emanating from acts of resistance and socio-racial and political issues. Discusses how Evaristian “*escrevivência*” permeates their individual, urban and collective memories. It presents dichotomous nuances, sometimes bringing aspects related to tradition, sometimes weaving timeless writings, in which diasporic movements intersect with other epistemologies (own knowledge). The theoretical framework underlying the study is anchored in decolonialism, Black-Brazilian literature, “*escrevivência*” and cultural studies, supported by authors such as Quijano (2020), Cuti (2000), Seligmann-Silva (2003), Heidegger (2007), Halbwachs (2013), Silva, Saunders, and Ohmer (2021). The analyses revealed that the author, through ancestral memory and experiences related to diasporic trauma, strengthens the identity of black women, uniting them in *solidão-ry*. Even in the face of accounts of cesuras, *solidão*, and struggles, they reverberate their re(existence), presenting black protagonism in their life trajectories, emphasizing ancestry and territoriality. At times, they are rendered invisible and stigmatized by structural racism, which dates back to the traumas of dispersion and ancestral scars. However, Evaristian “*escrevivência*” strives to make black women visible from a perspective of resistance, through individual, urban, and collective memory.

Keywords: Decolonility; Writing-living; Memory; *Solidão-ry*; Diaspora trauma.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABL- Academia Brasileira de Letras

AD- Análise do discurso

AML- Academia Mineira de Letras

APCBH/ASCOM- Acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

BDTD- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNH- Banco Nacional da Habitação

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CHISAM- Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio

CHISBEL- Companhia de Habitação e Interesse Social de Belo Horizonte

COHAB-MG- Companhia Habitacional do Estado de Minas Gerais

DEDC- Departamento de Educação

DMH- Departamento Municipal de Habitação e Bairros Populares

FEUSP- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

FGV- Fundação Getúlio Vargas

Gevonc- Grupo de Estudos em Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

M/C- Modernidade/Colonialidade

MNE- Movimento Negro Educador

MNU- Movimento Negro Unificado

Partida- Movimento de Protagonização de Mulheres para a Política

PPGL- Programa de Pós-Graduação em Letras

PPGMEL- Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários

PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Pnad Contínua- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

PUC-Rio- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

UNIR- Universidade Federal de Rondônia

WSQ- Women's Studies Quarterly

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 - Organograma com o aporte teórico-metodológico da pesquisa.....	23
Imagem 02 - Detalhe de Conceição Evaristo na porta de sua casa, no Rio de Janeiro.....	43
Imagem 03 - Conceição Evaristo. Biografia na Literafro. Portal de Literatura da UFMG.....	44
Imagem 04 - Conceição Evaristo é capa da edição de novembro de Claudia: cultura em 2022.	45
Imagem 05 - Casa Escrevivência Conceição Evaristo.....	46
Imagem 06 - Conceição Evaristo, nova imortal da AML.....	47
Imagem 07 - Limite Original da Favela Pindura Saia.....	62
Imagem 08 - Favela Pindura Saia - 1965.....	63
Imagem 09 - Proporção de Negros por UF.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 ESTADO DA ARTE: PERCURSO ENTRE PESQUISAS	27
3 A "ESCREVIVÊNCIA": MOTE DA NARRATIVA EM <i>BECOS DA MEMÓRIA</i>	31
3.1 Do epistemicídio à visibilidade	32
3.2 Biografia da autora: Era penoso não ter o que ser – Ser quem nasceu para ser	42
3.3 Alinhavando os fios da narrativa	49
3.3.1 A autobiografia evaristiana: “Gota por gota, o sangue estanca e o corpo novamente se põe de pé e procura seus caminhos”	53
3.4 Um passeio na "escrevivência" de Evaristo: <i>Becos da memória</i> – Con(fundindo) escrita e vida	69
4 AS VOZES QUE ECOAM NA FAVELA INOMINADA: "COMO A MEMÓRIA ESQUECE, SURGE A NECESSIDADE DA INVENÇÃO	79
4.1 O discurso do lembrar na “Escrevivência”	81
4.1.1 Literatura e memória: "Era preciso seguir segurando a vida"	83
5 SOLIDÃO-RIDADE: O TRAUMA DA DISPERSÃO E A SOLIDÃO – A NARRATIVA DE CONCEIÇÃO	93
5.1 O trauma: a necessidade de esquecer e o medo de esquecer – fincar na memória ou desterrar para seguir em frente	98
5.2 Entrecruzam as memórias e os traumas: o silêncio do trauma e a solidão	107
5.3 Solidão-ridade: a narrativa do trauma entrecruzado à memória	119
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
7 REFERÊNCIAS	133

1 INTRODUÇÃO

O estudo situa-se no campo da Literatura Contemporânea e Literatura Negro-brasileira – áreas de pesquisa que têm crescido linearmente nas últimas décadas, especialmente nesse viés do contexto étnico-racial, que tem obtido um impacto relevante na representação e protagonismo da mulher negra e valorização da memória ancestral.

Traz em seu campo teórico, a abordagem do pensamento decolonial e as práticas decoloniais, o que implica uma análise incisiva para compreender e, assim, superar a lógica da colonialidade que se oculta na retórica da modernidade (Mignolo, 2017). Nessa teorização, este estudo fundamenta-se nos pressupostos da perspectiva teórico/prática da decolonialidade/colonialidade do poder, proposta pelo professor e sociólogo peruano Aníbal Quijano (2020) em um contexto marcado por uma grave crise do sistema colonial/capitalista moderno, eurocêntrico e patriarcal.

Desse modo, ao refletir o meu posicionamento de uma mulher branca – ainda que muitos acreditem que essa percepção se encontra no viés da branquitude privilegiada¹ –, é o de denunciar a colonialidade, de ser antirracista, em um movimento de alteridade e decolonialidade. É o posicionamento de escrever sobre uma mulher negra e seu romance que denuncia o racismo latente no imaginário coletivo, o racismo estrutural velado e desvelado, bem como mostrar que através das narrativas memorialísticas e ficcionais, a autora consegue expurgar as suas dores, colocando ‘para fora’ as suas cesuras, através das memórias e ficção, que vivenciou alhures, como o trauma da diáspora, a solidão da mulher preta, trazendo a sua escrevivência, pautando-a, também, na solidão-ridade.

A partir da perspectiva teórica de decolonialidade/colonialidade apresentada por Walter Mignolo (2017), inúmeros sujeitos são levados a refletir de forma epistemológica sobre o seu posicionamento no mundo, especialmente no contexto brasileiro. Nessa perspectiva apresentada, com relação à reflexão de forma como mulher branca antirracista, professora, mãe, posicionei-me como aliada da causa da mulher negra, uma vez que as reflexões várias me levaram, há muito tempo, a não mais ficar na posição de observadora e sim de participante da causa da mulher negra no viés do racismo, preconceito, discriminação racial, resistência e

¹Amiúde, a visão de privilégio branco, mesmo quando expressa, carrega ideias que podem sustentar práticas ou discursos racistas. Além disso, a representação das mulheres negras ainda costuma estar presa em estereótipos criados e sustentados socialmente em uma sociedade altamente racista como a brasileira. Por isso, a branquitude é vista aqui como uma construção social e histórica, resultado de uma ideia falsa de superioridade racial branca (Cardoso, 2010).

re(existência). Por isso, as categorias “Escrevivência”, Memória e Solidão-ridade fizeram-se necessárias neste estudo.

Assim, uma mulher branca antirracista, pode teorizar acerca da realidade vivenciada por pessoas negras, demonstrando o horror do colonialismo e destacando o viés do decolonialismo, a partir do lugar que ela ocupa. Por exemplo, os que atuam em seu cotidiano a favor de professar uma educação antirracista e promover o estabelecimento de relações étnico-raciais nos ambientes em que interage, precisa compreender que a diversidade racial deve ser o mote das narrativas. Lembrando que ainda, assim, é uma posição de privilégio, mas que essa narrativa precisa ser desconstruída.

Já Quijano (2020) desafiou a tradição eurocêntrica predominante nos estudos da vida social. Uma tradição fundamentada em um modelo de racionalidade que desconsidera como racional, qualquer conhecimento que não se encaixe em seus princípios epistemológicos. Nesse aspecto, ele afirma:

O conhecimento da realidade social só é plenamente acessível, a partir de uma prática social transformadora. O que, certamente, implica uma opção epistemológica e, ao mesmo tempo, ética. Quem quiser adquirir pleno conhecimento da realidade social tem que se dedicar à prática social transformadora. Ou renunciar a essa ambição por conhecimento² (tradução minha). (Quijano, 1978, p. 262).

Quijano (2020) tem se orientado por explorar a vida social como um sistema histórico complexo. Examina a realidade histórico-social como um denso tecido de relações sociais articuladas pelo poder em uma totalidade histórica atravessada por uma heterogeneidade estrutural, porém sem deixar de assinalar a especificidade de cada âmbito da vida social.

O tema orientador para o estudo dissertativo em questão, trata-se da “escrevivência” no viés da legitimação identitária e resistência da mulher negra. Ainda que as mulheres negras vivenciaram/vivenciem o trauma da diáspora, dores e solidão, através da memória individual e coletiva, vai expurgando as cesuras e os dissabores no discurso, na escrita (escrevivência), na união entre mulheres (solidão-ridade). A “escrevivência” *evaristiana*, convida a repensar a relação entre o *eu e o outro* na ambiência de um processo de desfavelamento³, sendo a

² *El conocimiento de la realidad social solo es accesible, plenamente, desde el interior de una práctica social transformadora. Lo cual, ciertamente, implica una opción epistemológica y, al mismo tiempo, ética. Quien quiera adquirir un conocimiento pleno de la realidad social, tiene que dedicarse a la práctica social transformadora. O renunciar a esa ambición de conocimiento* (Quijano, 1978, p. 262).

³ 1. Ação ou resultado de desfavelar(-se). 2. Processo de extinção de favela. 3. Saída, mudança de indivíduo residente em favela. (Aulete digital, 2024).

“escrevivência”, o *corpus* da pesquisa com a ancoragem nas categorias memória e solidão-ridade.

O trauma, na literatura, estabelece uma relação íntima com o ato testemunhal. (Seligmann-Silva, 2008), especialmente se tratando do trauma da diáspora africana. Tal vertente consiste em relatos biográficos de acontecimentos trágicos/traumáticos dos quais os(as) autores(as) ou os seus ancestrais foram submetidos(as), por isso encontra-se atrelado à memória, neste estudo.

Sendo assim, a escolha do *corpus* de análise trata-se do romance memorialista ficcional, *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, através do exame às situações relacionadas à memória e solidão-ridade na “escrevivência” evaristiana. Traz em seu cerne, uma escrita voltada para o eu e o outro, transcrita através do discurso do lembrar, alinhando cesuras ancestrais abordadas nas narrativas literárias, que se transfiguram em símbolo de resistência física, social e política, que demonstram a alteridade.

O "discurso do lembrar" foi um termo utilizado neste estudo, sem ter um autor teórico que o categorizasse, ou seja, foi criado pela autora desta dissertação como uma nomenclatura que desse um maior sentido ao discurso advindo das memórias. No entanto, o termo surgiu na escrita após estudos acerca da análise do discurso (AD) como prática social do livro *Arqueologia do Saber* de Michel Foucault (2006) – pois trata-se de uma das suas concepções acerca da análise do discurso, uma das formas de compreender como o saber e a memória se articulam e se organizam, influenciando nas produções sociais, – e estudos de Rita Caregnato (2006, p. 681), por trabalhar com “o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o corpus da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem”.

Dessa maneira, a “escrevivência” perpassa o conceito de alteridade, que nesse caso, traz uma relação de legitimização identitária. Nesse aspecto, fala-se do outro (sujeito), quando a narrativa sobre si (o eu) se aprofunda e ganha novas ramificações, ou seja, ao retratar episódios vividos, eles acabam sendo entrelaçados por outras vivências, e aquela história ganha uma nova roupagem com outras experiências amalgamadas de outros sujeitos envolvidos na trama escrita.

Temáticas como as questões étnico-raciais, de gênero, classe social, geracionais e aprofundamentos históricos perpassam a narrativa evaristiana – em pauta neste estudo –, enfatizando o processo de desfavelamento de uma parcela marginalizada da sociedade, demonstrando como a violência simboliza a cristalização de traumas e solidão, ocasionando consequências emocionais, psicológicas nos indivíduos ali, territorialmente e de forma identitária, inseridos.

O estudo possui como objetivo primeiro, analisar as narrativas memorialísticas individuais e coletivas, inseridas em um contexto sociocultural de trauma da diáspora e de solidão-ridade de mulheres negras na “escrevivência” evaristiana.

Traz como objetivos secundários que sistematizam a pesquisa, (i) apresentar a “escrevivência” como mote da narrativa em *Becos da memória* e como ferramenta de contribuição para o resgate histórico do negro e negra brasileiros, como conceito na busca do combate ao epistemicídio em uma perspectiva antirracista e de resistência; (ii) descrever a biografia de Conceição Evaristo alinhavando os fios da narrativa em sua autobiografia, evidenciando o romance memorialista *Becos da memória*; (iii) analisar as vozes que ecoam na favela inominada, através da junção da categoria memória e o discurso do lembrar, reverberando as vozes das personagens negras, que precisam “seguir segurando a vida”; e por fim, (iv) evidenciar o trauma da dispersão e a solidão, apresentando a solidão-ridade como atenuante das dores e cesuras na narrativa de Conceição, como manifestações individuais e coletivas à comunidade diaspórica.

A pesquisa traz, portanto, o questionamento: Como se estabelecem as narrativas memorialísticas individuais e coletivas, a partir da “escrevivência” evaristiana em *Becos da memória*, sob influência do trauma da diáspora e da solidão-ridade na ambiência de um desfavelamento?

Para responder a esta questão, será realizada a análise do romance com relação aos aspectos que abrangem o trauma e a solidão, visando contemplar as contextualizações atinentes às vivências impetradas na favela ficcional, colaborando no desvelamento da abertura da “escrevivência” e da escrita de si e do outro relacionada à solidão-ridade.

O estudo destaca a “escrevivência” com fundamentação em três marcadores sociais: (1) a prerrogativa da solidão-ridade com base na relação dialética do eu e do outro que concede oportunidade ao ser mediada pelas relações étnico-raciais; (2) o exercício da escrita de si e de nós por seu caráter limite e por sua capacidade de reencontro da história literária, das memórias coletivas e urbanas amalgamadas à memória individual; (3) o trauma e a solidão na “escrevivência” evaristiana com norteamo na Literatura Contemporânea e Literatura Negro-brasileira.

Vale ressaltar que, a escolha temática deste estudo, deu-se devido ao fato da Literatura Negro-brasileira⁴, através de autores vários (Cutí, 2010, Evaristo, 2009, Munanga, 2012), ter

⁴ Dado a mudança recente da forma de nomeação da produção de autores afrodescendentes no Brasil, fez-se necessária uma justificativa para a adoção da forma Negro-brasileira em substituição ao termo afro-brasileira. Assim sendo, Cutí (2010) menciona que termos como afro-brasileiro e afrodescendente sugerem um variação sutil

buscado a inclusão, ao longo de sua trajetória, de grupos sociais que outrora foram excluídos da história da nação brasileira (Carneiro, 2005; Santos, 2006), como é o caso das mulheres negras e dos homens negros.

Outrossim, a escolha se deu, especialmente, pelo fato de ser uma mulher branca aliada da causa da mulher negra e desse modo, escolher para a abordagem deste estudo, um romance de autoria negro-brasileira. Termo utilizado, de acordo com Cuti (2010), para classificar a produção literária negro-brasileira – dos autores que se identificam como negros no Brasil em seus textos. De acordo com Cuti (2010), ao utilizar o vocábulo "afro-brasileiro", observa-se um modo de remeter à origem continental desses escritores, relegando-a a um espaço secundário na literatura brasileira, com base na hierarquização de culturas, uma ideia amplamente aceita por intelectuais brasileiros (Cuti, 2010).

O vocábulo "negro" é permeado de profundidade, é uma categoria que tem um significado social, cultural e também, político, refletindo a história dos afrodescendentes no mundo contemporâneo. Além disso, o termo “negro”, pode ser visto como uma categoria de cunho existencialista, que explica certas subjetividades sociais no mundo atual (Itaú Cultural, 2025). Para fundamentar esse termo com mais objetividade, Neusa Santos Souza (2021), em seu livro, *Tornar-se negro*, afirma que ser negro, não consiste em algo que vem de uma essência, contudo, trata-se de uma construção sócio-histórica e subjetiva.

Já Lélia Gonzalez (1982), em consonância com essa assertiva, ao abordar sobre as dimensões sociais envolvidas na construção dessa categoria, explica que o uso do vocábulo "negro" foi uma conquista política. Em outras palavras, a autora menciona que o ato de “tornar-se” negra é atribuído a um ato político (Gonzalez, 1988).

Em uma entrevista, a autora destacou que as argumentações acerca da mestiçagem, que representam uma ideologia cultural brasileira, inclinam-se a diluir e segmentar a identidade negra, por meio de distintas categorias de cor, como “mulatos, escurinhos, roxinhos, marrons, morenos e até expressões como cor de burro quando foge” (Itaú Cultural, 2025, p. 1). Algumas categorias foram listadas na pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1976, através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Nessa perspectiva das categorias, Cuti (2010) segue afirmando que vocábulos como afro-brasileiro e afrodescendente sugerem um sutil retorno às raízes africanas, criando uma distância silenciosa em relação à literatura brasileira e transformando a vertente negra em um mero apêndice da produção literária africana. Para o autor, estes termos "afro-brasileiro" e

de retorno às raízes africanas, criando entre linhas uma separação da literatura brasileira e reduzindo a produção negra a uma mera extensão da literatura africana.

"afrodescendente" muitas vezes vistos apenas como um resgate da raça negra, também pode ser visto como um meio para a negação dessa raça. Entretanto, há controvérsias, uma vez que esses termos incluem o debate sobre o fato dessas palavras representarem um resgate ou um reforço da ideia de raça, especialmente em um país que, segundo a interpretação de alguns, busca negar a existência do racismo.

Enquanto Cuti (2010) pode querer que as pessoas se orgulhem de suas origens, o termo "afro" pode gerar "jogos duplos", podendo ser usado para negar, e não para afirmar uma identidade ou origem africana, no caso do Brasil. Dessa forma, analisando essas vertentes mencionadas, este estudo usou o termo Literatura Negro-brasileira, por se identificar mais com a ótica utilizada por Cuti. Em outros termos, parece que apenas a obra de autores brancos teria a legitimidade de compor a literatura do Brasil. O autor afirma, ainda, que “os escritores negro-brasileiros fazem literatura escrita. A sua tradição, desde Luiz Gama⁵, é escrita. Sua produção é inerente, um aspecto, uma vertente da literatura brasileira e não africana” (Cuti, 2020, p. 43).

Dentre estes autores mencionados, Cuti, Evaristo e Munanga, a escolha foi sobre a linguista, ensaísta, contista e escritora negro-brasileira, Conceição Evaristo, e seu livro *Becos da memória*, de 2018, por perceber que, em sua fortuna crítica, incluindo o romance escolhido para estudo, há a abordagem, em vários ângulos, da temática das mulheres negras que ficaram à margem da sociedade, e por um período, tiveram as suas culturas negadas.

Daí o termo “epistemicídio” criado pela filósofa Sueli Carneiro em sua tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) em 2005, sendo também desenvolvido o vocábulo por Boaventura de Souza Santos (2006), em seu livro *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*, que significa, em sua essência, o aniquilamento de conhecimentos, de saberes e de culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental.

Isto posto, a escolha do tema justifica-se, ainda, através de fatores de relevância:

1) Pelo fato de autointitular-me e intitular-me “uma mulher branca aliada da causa da mulher negra” e por ser preciso reverberar a trajetória de escritoras negras brasileiras em uma perspectiva antirracista, pois o lugar de fala de um sujeito que possui uma pauta antirracista

⁵ Luiz Gama, que se destacou como poeta, jornalista, abolicionista radical, foi o primeiro advogado negro do Brasil, um dos raros intelectuais negros brasileiros do século XIX. Foi o único autodidata e também, o único a ter experienciado na pele, a escravidão, antes de conseguir, de forma “ardilosa e secretamente”, conforme menciona em uma carta, as provas de ter nascido livre. Gama dedicou-se à luta contra a escravidão e pela liberdade dos negros brasileiros (Fausto, 1994; Ferreira, 2007). A correspondência aqui mencionada, trata-se da “Carta a Lúcio de Mendonça”, em que Gama traz revelações sobre sua família e sua infância (Moraes, 2005).

deve reverberar em todos os âmbitos da sociedade, em todos os espaços acadêmicos, perpassar por qualquer ambiência, para que inúmeras pessoas, sejam elas pretas, pardas, brancas, indígenas e amarelas possam fazer valer a sua identidade racial e cultural e compreender a relevância da diversidade humana, seja ela no âmbito racial, cultural e/ou social.

2) devido às vivências em sala de aula com alunos que sofrem o processo de denegação por racismo, mas recebem orientação antirracista, ao trabalhar vários contos de Conceição Evaristo, como “Olhos d’água” (Evaristo, 2015) – para exemplificar –, que traz sensibilidade na demonstração da dura realidade do mundo, sem cortes ou fantasia, através de nuances de pobreza extrema, abrangendo temáticas voltadas à vida cotidiana, porém centradas, especialmente, nas *escre-(vivências)* e experiências de mulheres negras e homens negros, dando ênfase, neste estudo, às mulheres. Uma forma de auxiliar alunas e alunos, por ser uma professora chã da escola, aliada da causa negra e antirracista, à compreensão da identidade negra e pertencimento étnico-racial;

3) para identificar a representatividade da mulher negra por meio da alteridade na escuta do eu e do outro, nas vozes que ecoam na favela inominada no romance *Becos da memória*, uma vez que as instâncias sociais perpetuam a invisibilidade feminina na arena do debate público na sociedade (Carvalho, 2010);

4) para enfatizar como o cotidiano da mulher negra, invisibilizado na produção hegemônica (um viés do epistemicídio) visibiliza-se na superação da solidão e do trauma da dispersão, através da solidão-ridade.

5) para trazer, através do estudo temático, o desvelamento de preconceitos estabelecidos nas relações étnico-raciais nesse universo evaristiano, trazendo, em pauta, a alteridade das personagens que representam as nuances da mulher negra;

6) pela relevância social, visto que é uma temática que trata da solidão-ridade como uma contribuição para extrair do trauma e da solidão, as suas nuances e assim, resistir a eles e ressurgir através da alteridade; e por fim,

7) por ser uma temática que contribuirá para outros estudos de graduandos, graduados, mestrados e mestres em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL da UNEB – Campus X e áreas afins, e em outros *Campi* e universidades, uma vez que o PPGL tem privilegiado a pesquisa universitária, tanto docente quanto discente, aumentando, constantemente, os patamares de qualidade, procurando, cada vez mais, estabelecer-se e consolidar-se como um centro de formação e de pesquisa acadêmica.

O estudo embasou-se em teóricos que abordaram as categorias estudadas, quais sejam, a Memória sob à ótica de Maurice Halbwachs (2013); a “Solidão-ridade” sob a vertente de

Luciane Silva, Tanya Saunders e Sarah Ohmer (2021); por fim, engendrou pelo caminho da análise da “Escrevivência”, que permeou todo o estudo e encontrou-se como uma escrita reflexiva, potente, edificadora, submersa na perspectiva de Conceição Evaristo (2009; 2018).

Alguns temas se fizeram presentes – o “Trauma” sob o olhar de Seligmann-Silva (2008), o “Trauma da dispersão” ou Trauma da diáspora destacado por Paul Gilroy (2001) e Maria da Conceição Evaristo de Brito (2011); a “Alteridade” sob à ótica de Martin Heidegger (2007), Luciana Barreto Rezende e Beatriz Schmidt Campos (2022). O estudo também ancora-se em teóricos que tratam das “Escritas de si” sob a visão de Michael Foucault (1992), Giorgio Agamben (2009) e Diana Klinger (2006); e por fim, a temática das “Escritas de nós”, trazida por Conceição Evaristo (2018; 2020).

Neste cenário, o escopo teórico-metodológico empregado para a fundamentação deste estudo dissertativo encontra-se no quadro/organograma metodológico (Imagem 01):

Imagem 01: Organograma com o aporte teórico-metodológico da pesquisa.



Fonte: Dados da autora (2024).

Explicitando o quadro exposto, no que se refere à metodologia de estudos, a pesquisa é bibliográfica, exploratória e qualitativa. Fundamenta-se na análise do discurso como prática social por meio de técnicas de pesquisa como: coleta, tratamento e interpretação dos dados (Foucault, 2008). Desse modo, no dizer de Foucault (2008), o discurso tem a capacidade de englobar uma pluralidade de sentidos.

Quanto à natureza do método, o estudo se fundamenta pelo viés da pesquisa qualitativa, a qual, segundo Minayo (1998, p. 21), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspiração, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Durão (2015, p. 382) cita que “o cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da interpretação”.

Nessa perspectiva, o método a ser empregado foi o dedutivo, justificando a sua utilização devido ao uso da alteridade, trauma e solidão; abordando a “escrevivência”, como o *corpus* a ser analisado no estudo, reverberando em algumas categorias como memória e solidão-ridade, com vistas à visibilidade da mulher negra no universo feminino evaristiano.

Segundo Moraes (1999, p. 9), o método dedutivo é mais amplo sendo muito utilizado nas ciências, e a sua conclusão vai além dos enunciados. Esse método “vai reconstruindo as categorias usadas pelos sujeitos para expressarem suas próprias experiências e visão de mundo, a abordagem subjetiva”.

Quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica, pois Marconi e Lakatos (2003, p. 44) citam que a pesquisa bibliográfica “compreende oito fases distintas: a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação; d) localização; e) compilação; f) fichamento; g) análise e interpretação; h) redação”. Desse modo, a pesquisa bibliográfica subsidiou o trabalho com a análise do romance memorialista de Conceição Evaristo, em que as fases mencionadas pelas autoras metodológicas darão um direcionamento à forma de condução do estudo.

Os procedimentos metodológicos utilizados para a construção do *corpus*, principiaram com a seleção e a leitura do romance *Becos da memória*. Dessa forma, ocorreu o fichamento dos excertos mais relevantes do romance em estudo e, por fim, a apreciação dos textos do romance. Assim sendo, foi realizada uma pesquisa exploratória para a dissertação de mestrado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em conformidade às categorias estudadas e posteriormente, analisadas.

Quanto aos fins, a pesquisa é exploratória, visto que os procedimentos metodológicos empregados para a construção do *corpus*, principiaram com a seleção e a leitura do romance

Becos da memória e a leitura e fichamento de livros e *e-books* dos demais autores referenciados, através da pesquisa exploratória que “[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Gil, 2019, p. 43).

O estudo baseou-se na contextualização sócio-histórica por compreender que existem relações que são indissociáveis entre sujeito e realidade na trajetória da complexidade da investigação constituída pelo pesquisador, diante dos outros que se encontram envolvidos de maneira direta/indireta no modo de subjetivar-se e objetivar-se.

Nessa perspectiva, Antonio Candido assevera que um escritor, aquele que escreve uma obra literária, “não é apenas o indivíduo capaz de exprimir sua originalidade [...] mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas de seus leitores” (Candido, 1980, p. 74).

Até porque os elementos sócio-históricos têm um forte impacto na Literatura Contemporânea e na Literatura Negro-brasileira. Assim, nessa contextualização, buscou-se estudar três elementos: autora, obra e público (moradores da favela), observando a relação estabelecida entre eles e as categorias aqui elencadas que subsidiarão a análise das obras.

O estudo, fugindo à regra dissertativa, foi analisando as categorias “Escrevivência”, Memória e Solidão-ridade – em cada capítulo e não apenas no último, como é comumente realizado nas pesquisas dissertativas –, sendo cada categoria mencionada e estudada, com mais ênfase, em seu respectivo capítulo, para maior compreensão na análise dessas categorias e dos excertos que as compreendem no romance em estudo, *Becos da memória*.

Destarte, para uma melhor assimilação deste estudo, procurou-se delinear a pesquisa da seguinte forma: a parte introdutória, que é o primeiro capítulo, apresenta a proposta geral do trabalho, exibindo a problematização e os objetivos geral e específicos, que fundamentam a investigação, bem como a justificativa e o aporte teórico-metodológico do estudo, e ainda, o resumo dos capítulos que estão contidos nesta dissertação.

Dessa forma, depois do capítulo introdutório, há um capítulo intermediário, que traz o *Estado da Arte* apresentando autores e suas teses e dissertações, que se referiram em seus estudos, a algumas temáticas e/ou categorias aqui desveladas, cuja abordagem faça referência ao romance *Becos da memória* de Conceição Evaristo.

O 3º capítulo intitulado A “*escrevivência*”: mote da narrativa em *Becos da memória*, trouxe com mais ênfase, a abordagem da categoria “*escrevivência*”, que também permeou todo o estudo. Apresentaram-se algumas temáticas relevantes nos subcapítulos, a saber, o epistemicídio, trazendo à visibilidade, a mulher negra; a autobiografia e a biografia da autora

Conceição Evaristo, bem como um passeio em sua “escrevivência”, alinhando os fios da narrativa através da análise do romance em estudo. Nos demais capítulos, ocorreu o mesmo, ou seja, cada categoria foi analisada no respectivo capítulo e não no capítulo final, como é comumente visto nas dissertações.

O 4º capítulo apresentou a temática da literatura interligada à categoria *Memória*, trazendo este título que subsidiou a análise – *As vozes que ecoam na favela inominada: “Como a memória esquece, surge a necessidade de invenção”*. Trouxe em pauta, a alteridade na escuta do eu e do outro, referindo-se, ainda, à abordagem do discurso do lembrar e retomando a temática da “escrevivência”, atuando como uma ferramenta de contribuição para o resgate histórico da negra e do negro brasileiros, em uma perspectiva antirracista e de resistência.

O 5º capítulo, *Solidão-ridade: o trauma da dispersão e a solidão – a narrativa de Conceição*, utilizou-se da abordagem de um vocábulo novo, a categoria “Solidão-ridade” – apresentando a narrativa do trauma da dispersão que foi analisada neste capítulo final. Foram notadas algumas nuances do trauma: (a) o trauma atrelado à solidão; (b) o silêncio do trauma; (c) e a narrativa do trauma entrecruzado à memória.

Para finalizar as considerações iniciais, esta pesquisa caracterizou-se por realizar uma investigação subjetiva mergulhada no romance ficcional de Conceição Evaristo, *Becos da memória*, uma autora que extrapolou o intramuros da Literatura Negro-brasileira e vem angariando um espaço consolidado no cenário nacional. Ao criar o termo “escrevivência” iniciou uma avalanche de estudos em todo o país, que tem bebido na fonte da sua *Fortuna Crítica*, em busca de escrever as vivências – as *escre-(vivências)* e experiências de mulheres negras e não negras, as quais têm se inspirado em Conceição, se identificando com a sua escrita forte, aguda, cogente, que imiscui o ser e lavra a alma.

2 ESTADO DA ARTE: PERCURSO ENTRE PESQUISAS

O Estado da Arte traz autores que, em seus estudos, versam sobre o romance que serviu de base à pesquisa, *Becos da memória*, retratando temáticas que aqui foram desveladas e outras que não foram retratadas. É essencial e relevante que a pesquisa estabeleça diálogo com diversos estudos que abordam a obra de Conceição Evaristo em suas mais diversas nuances, ora tratando da “escrivivência”, da memória, solidão-ridade, trauma da diáspora, bem como de subcategorias como a solidão e a alteridade; ora abordando sobre a escrita de si, ora sobre *a escrita de nós*⁶.

Logo, apresentam-se aqui, estudos realizados por diferentes pesquisadores que contribuem, de certa forma, para este trabalho dissertativo, cujas pesquisas/teses e dissertações estão disponíveis no repositório da CAPES e/ou BDTD selecionadas devido à credibilidade que as definem e por serem bancos digitais que compreendem o acervo nacional.

No entanto, constatou-se que há poucas dissertações e/ou teses que tratam da Literatura Contemporânea e Literatura Negro-brasileira sobre as categorias já supramencionadas, *Escrevivência* e *Memória* e nenhuma tese ou dissertação que aborda a *Solidão-ridade*, sendo estas três, as categorias utilizadas nesta pesquisa.

Em contraponto, há artigos que fundamentam/ancoram aspectos semelhantes a essas categorias em destaque, portanto serão utilizados na dissertação. Para que ocorresse um refinamento na pesquisa, foram aplicados os descritores: Decolonialidade; Escrevivência; Memória; Solidão-ridade, Trauma da diáspora.

A dissertação de Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa, defendida na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 2016, por Jane Cristina Cruz, sob o título: “**Uma análise da personagem narradora em Becos da memória, de Conceição Evaristo**”, refere-se a uma pesquisa realizada acerca do processo de construção da identidade negra, através da fragmentação, rememoração, contação/oralidade e hibridização cultural.

A autora considera que o romance *Becos da memória*, uma obra da Literatura Negro-brasileira, apresenta questionamentos acerca do lugar outrora ocupado pelos negros na sociedade brasileira, inclusive ainda vigente, por ser algo estrutural, tendo por relevância, as ações da personagem narradora/protagonista, Maria-Nova, uma mulher/criança negra que se

⁶ *Escrevivência: a escrita de nós* é uma obra organizada por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, que apresenta olhares diversos sobre a Escrevivência de Conceição Evaristo. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

sobressai em sua comunidade desde muito cedo, devido a sua paixão pela leitura e seu desejo de transformar a vida dos moradores da favela em que crescera.

A investigação analisa o fato da narradora das histórias vivenciadas pelos moradores, ser uma menina negra que sempre teve o anseio de contar as suas próprias experiências e as de seus vizinhos, marcadas pela dor e sofrimento. A análise examina a situação estabelecida por Evaristo, ao erigir sua narrativa concernente a um jogo de espelhamento entre ela, a autora e a protagonista/narradora Maria-Nova em *Becos da memória* (Cruz, 2016). Assim, Evaristo revela, por meio de sua ressignificação da história, o homem negro e a mulher negra, e como essa etnia passa a ser visibilizada, pelo viés da criação literária, saindo do apagamento e invisibilidade, passando ao protagonismo negro.

A pesquisa de doutorado de Fernanda Rodrigues de Miranda, defendida em 2019 na Universidade de São Paulo, intitulada “**Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada**”, buscou visibilizar a coleção de romances escritos por autoras brasileiras negras, agrupando suas obras espalhadas perfazendo um período de três séculos de história.

Assim o fez por considerar que o romance é um gênero pouco presentificado nos estudos críticos/bibliográficos destinados a autoria negra brasileira. Foram estudados na tese alguns romances de autoria negra feminina. Desse modo, umas dessas autoras é Conceição Evaristo e um dos romances abordados na tese é *Becos da memória* (2006).

A análise comparativa revelou vários pontos de conexão, que fizeram brotar uma perspectiva compartilhada pelas distintas narrativas. Segundo a autora, os romances se encontram ao esquadriharem constantemente, uma mesma base histórica, resultando na apropriação da História. Assim, eles traçam uma imagem crítica da nação ao pautarem em sua matriz colonial distintiva.

A tese é bem posicionada, uma vez que articula em seu bojo, o rompimento do silenciamento sobre a voz da mulher negra. Traz o posicionamento desvelado da “escrevivência” em relação à mulher negra, um sujeito social, e o texto literário, como o sujeito da fala.

Lízia Khênya de Campos Rosa Oliveira Machado, em sua dissertação de mestrado defendida em 2021, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia – Escola de Formação de Professores e Humanidade: Curso de Letras – intitulada “**Pelos Becos da memória: uma análise da autorrepresentação negro-feminina em Conceição Evaristo**”, objetivou “refletir como a literatura negro-feminina vem através dos escritos de Conceição Evaristo e, especificamente pela narrativa de *Becos da Memória*, reivindicar uma narrativa

protagonizada pela mulher preta para torná-la sujeito de sua própria história” (Machado, 2021, p. 7).

O contexto investigado busca problematizar o fazer literário no viés da literatura contemporânea, através das histórias de personagens e autores vindos de espaços marginalizados socioculturalmente, refletindo acerca da capacidade da escrita de visibilizar espaços e sujeitos, anteriormente não ou pouco reconhecidos no âmbito literário, a partir de sua própria perspectiva.

Ao narrar suas memórias, Conceição Evaristo pleiteia uma literatura que quebra os padrões anteriormente conferidos nas representações rotuladas entrepostas de estigmas que prevalecem na sociedade. A autora aborda a temática da literatura negra-feminina como uma maneira de mostrar a resistência e insubmissão às amarras colonialistas, trazendo uma contranarrativa que reconhece a identidade da mulher negra como elaboradora de discursos permeados de sentido e que aproximam o narrador e autor do leitor.

Para a escritora Evaristo, conforme reza Machado (2021), o romance *Becos da memória* visa uma ruptura no renome literário imposto na atualidade, consentindo que vozes outras sejam visibilizadas através da sua escrita e denúncia, fundamentando um novo ponto de vista, que antes era característica de uma elite branca e heteronormativa, que apresentava regalias de classe.

A dissertação de mestrado de Douglas Santana Ariston Sacramento, defendida em 2021 na Universidade Federal da Bahia, sob o título, “**Os fios da morte nos tecidos da memória: Um estudo comparativo sobre *Amada*, de Toni Morrison e *Becos da memória*, de Conceição Evaristo**”, objetivou realizar um estudo comparativo acerca das duas mencionadas autoras e seus dois respectivos romances, buscando compreender o entrelaçamento dos fios da morte nos tecidos da memória e como essa relação vem se descortinando nesses referidos romances de duas escritoras negras.

Para o autor, o diálogo estabelecido entre estes romances mostra a relação imbricada entre memória e morte, o tempo e as imagens que denotam à temporalidade espiralar, em espaços que estão amarrados aos locais de memória e signos da morte. Mesmo que os romances mostrem nas narrativas, os corpos que tombam, o estudo busca ultrapassar o objeto-livro e objetiva afetar o leitor e a sociedade combatendo o racismo estrutural.

Tainá Celen Pereira Santos, em sua dissertação de mestrado cuja defesa ocorreu em 2022, na Universidade Federal de Minas Gerais – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, intitulada “**A escrivência como lituraterra**”, objetiva “localizar no ensino de Lacan, os principais textos sobre a letra, (...) a fim de verificar a hipótese de que a versão de literatura

proposta por Lacan (...), em *Lituraterra* se aproxima do que Conceição Evaristo em ato, traça em sua escrevivência” (Santos, 2022, p. 13). Assim, em sua pesquisa, conceitua a “escrevivência” principiando pelos seus espaços de nascimento e subtextos, confirmando a sua hipótese primeira de que a *Lituraterra* abraça o manejo da escrita na “escrevivência” evaristiana.

A dissertação de Mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (PPGMEL), defendida na Universidade Federal de Rondônia, em 2022, por Neuza Pereira de Oliveira, sob o título: “**A reconstrução ficcional da favela em becos da memória, de Conceição Evaristo**”, refere-se a uma pesquisa realizada acerca dos espaços onde se desenvolvem as narrativas de *Becos da memória*. Desse modo, o estudo “analisa como são narradas as memórias e as vivências cotidianas dos personagens do romance *Becos da memória*, considerando como tais relatos promovem a ressignificação do espaço periférico retratado na obra” (Oliveira, 2022, p. 7).

O estudo destaca a relevância da favela, como o locus narrativo em *Becos da memória*, assinalando como as vinculações entre memória e espaço se interligam. Evaristo explana que o romance expõe uma reconstrução ficcional da favela, baseada nas vozes dos personagens que vivem nesse local. Ela aponta que o discurso narrativo consegue deslocar as imagens estereotipadas e preconceituosas de um espaço social periférico, apresentando-o de uma maneira mais humana e ambivalente.

Desse modo, observa-se que as autoras e autores aqui elencados, tratam de algumas categorias abordadas no estudo em pauta, mostrando o engajamento das suas escritas e a contribuição das suas pesquisas para uma releitura da escrita brasileira, revelando a existência da diversidade em uma perspectiva decolonial.

Sendo essa uma discussão que transcende as barreiras temporais, em que o passado, ora revisitado por uns, continua a ecoar na contemporaneidade com novos significados. E o presente, estudado por alguns, traz marcas ancestrais de uma história que não pode invisibilizar, precisa ser reverberada e ressignificada. Por isso, faz parte da pesquisa desse estudo, ampliando o leque de informações sobre o que já foi dito acerca de algumas temáticas abordadas neste estudo.

3 A "ESCREVIVÊNCIA": MOTE DA NARRATIVA EM *BECOS DA MEMÓRIA*

“Creio que conceber escrita e vivência,
escrita e existência, é amalgamar vida e arte,
Escrevivência”.

Conceição Evaristo

Este capítulo segue uma perspectiva que utiliza a categoria “Escrevivência”, aliando-a às demais – Memória e Solidão-ridade –, especificamente nos capítulos seguintes, sendo essa categoria a mais explorada, que permeia todo o estudo, por ser o mote da narrativa no romance ficcional, como um todo significativo, de forma analítica.

Busca-se neste tópico, abordar a “escrevivência” como um conceito, que em sua ideologia, corrobora na visibilização de sujeitos que produzem conhecimento e, portanto – mas sem esta obrigação – busca combater o epistemicídio. Procura, ainda, trazer a autobiografia e a biografia da autora/escritora Conceição Evaristo e aspectos do romance *Becos da memória*.

A priori, este capítulo trata de explicitar o vocábulo “epistemicídio”, que por vezes está imbricado à “escrevivência”. Segundo Santos (2018), é preciso combater o desperdício de experiência. Faz-se necessário construir, com urgência, uma nova abordagem epistemológica buscando resgatar o conhecimento, as experiências e os saberes que foram negligenciados e até mesmo, aniquilados, pelo sistema colonial-capitalista, o que o autor denomina de *epistemicídio*.

Essas categorias, “escrevivência” e epistemicídio, estão interligadas porque se contrapõem. O epistemicídio é a negação dos saberes e de culturas negras não assimiladas pela cultura branca/ocidental, é a eliminação étnico-racial que principiou com a formação da sociedade brasileira (Santos, 2006), é a morte do conhecimento. Já a “escrevivência”, que aglutina os vocábulos, escrever e vivência, é a vivência da coletividade negra, marginalizada, é a transcrição das experiências dos indivíduos nos mais diversos âmbitos, na comunidade, na favela, nos becos, nos guetos, é escrever (Evaristo, 1996).

A escritora Conceição Evaristo cunhou o conceito de "escrevivência", na década de 1990, mais precisamente em 1996, durante a elaboração da sua dissertação de mestrado⁷. O termo significa a vida que cada pessoa escreve a partir das suas vivências (Evaristo, 2010). Nesse âmbito, o Portal Geledés (2025, p. 3) informou que “o termo escrevivência ganhou

⁷ BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

projeção nacional a partir de maio de 2017, quando a Ocupação Itaú Cultural homenageou à escritora Conceição Evaristo, quem cunhou esse termo”.

Boaventura de Sousa Santos, ao prefaciar a obra de Nilma Lino Gomes, intitulada *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*, em relação à temática aqui apresentada, afirma que “o conhecimento convencional sobre as lutas sociais e os movimentos que as alimentam é de que umas e outras valem pelos objetivos que se propõem e pelas conquistas sociais que obtêm” (Santos *apud* Gomes, 2017, p. 9). Segue afirmando que os movimentos sociais possuem um valor epistemológico intrínseco, uma vez que produzem um tipo de conhecimento específico oriundo de lutas de representações sociais. Estas lutas auxiliaram a legitimar o modo de fazer, pensar, aprender e ensinar as relações étnico-raciais.

Nesse sentido, de acordo com Gomes (2017), é preciso mencionar a relevância desses outros saberes, que são conhecimentos legitimados pelos movimentos sociais em suas lutas, contribuindo na transformação do próprio entendimento, assimilação e representação sociais concernentes às temáticas e problemáticas imbricadas na motivação dessas lutas e ideais; estando aptos à construção de conhecimentos novos que contrapõem e dialogam com o conhecimento convencional.

A categoria “escrivivência”, já abordada no decorrer do estudo, por ser o mote da narrativa evaristiana, traz uma conceituação da própria autora do termo,

Em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p. 11).

Evaristo ao trazer em pauta o conceito da “escrivivência”, especialmente apresentando uma abordagem das vivências das mulheres negras, com a ótica na condição feminina a partir dessa conceituação criada pela escritora, visibiliza a escrita das vivências dos corpos femininos negros no âmbito pós-colonial brasileiro, sem deixar de lado, os relatos orais ancestrais.

3.1 DO EPISTEMICÍDIO À VISIBILIDADE

O epistemicídio alude aos saberes dos oprimidos e subalternizados que foram silenciados pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado. Os saberes daqueles que são desconsiderados como seres humanos pelos padrões do pensamento abissal. É preciso defender

o desenvolvimento de uma teoria alternativa ou alternativas que considerem a diversidade, a complexidade das lutas dos oprimidos e marginalizados e o resgate aos conhecimentos silenciados e/ou a desqualificação de conhecimentos (Santos, 2018a) ou ainda, os conhecimentos não validados pela ótica eurocêntrica. Nessa perspectiva,

As Epistemologias do Sul⁸ mostram que os critérios dominantes do conhecimento válido na modernidade ocidental, ao não reconhecer como válidos outros tipos de conhecimento que não sejam os produzidos pela ciência moderna, provocaram um epistemicídio massivo, ou seja, a destruição de uma variedade imensa de saberes que prevaleciam principalmente do outro lado da linha abissal, nas sociedades e sociabilidades coloniais (Santos, 2018, p. 297).

Desse modo, verifica-se a negação ou o apagamento dos saberes relacionados às sociedades coloniais. Já no que concerne à visão eurocentrada, Lílian dos Prazeres (2021, p. 17) considera que “a África e sua história, mesmo tendo fortes relações com o Brasil e conformando também a nossa identidade, por muitas vezes, esteve ausente de nossos currículos ou esteve presente de forma equivocada, ensinada a partir do discurso eurocêntrico”.

Em continuidade a essa assertiva, a filósofa panamenha Linda Alcoff *et al.* (2020, p. 29), acerca do conhecimento eurocêntrico assevera:

Para descolonizarmos o conhecimento, precisamos nos ater à identidade social, não somente para evidenciar como o projeto de colonização tem criado essas identidades, mas para mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas.

Nesse sentido, o Movimento Negro tem lutado pela valorização da raça e da identidade de seus integrantes no contexto das relações étnico-raciais, procurando trazer como possibilidade, a conscientização e a mobilização de sujeitos em pautas relacionadas à diversidade e à ascensão da população negra na sociedade brasileira.

Seguindo essa linha de raciocínio, para Romilda Iyakemi Ribeiro (2002), é preciso contemplar a diversidade na constituição do povo brasileiro, o que auxilia a compreensão de um legado de produção negra em todas as áreas de conhecimento que, muitas vezes, está longe dos cursos de formação inicial nas universidades ou nos cursos de formação continuada e/ou permanente das várias secretarias de educação de estados e municípios. Entretanto, a autora adverte e indaga:

⁸ “As Epistemologias do Sul se referem à produção e validação dos conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que sistematicamente têm sofrido a injustiça, a opressão e a destruição causada pelo capitalismo, o colonialismo e o patriarcado” (Santos, 2018, p. 300).

Crianças brasileiras de todas as origens étnico-raciais têm direito ao conhecimento da beleza, riqueza e dignidade das culturas negro-africanas. Jovens e adultos têm o mesmo direito. Nas universidades brasileiras, procure nos departamentos as disciplinas que informam sobre a África. Que silêncio lamentável é esse, que torna invisível parte tão importante da construção histórica e social de nosso povo, e de nós mesmos? (Ribeiro, 2002, p. 150).

A efetivação de ações educativas que integram as relações étnico-raciais e a educação afro-brasileira, além de saberes relevantes na construção da identidade ancestral, possibilita e incentiva o autorreconhecimento e pertencimento étnico-racial. Faz-se necessário que as instituições educacionais, todas elas, se tornem o ambiente por excelência da promoção da igualdade racial, das vivências de práticas multirraciais e do ambiente de discussões antirracistas, provocando novos saberes em crianças desde a mais tenra idade, em adolescentes e não apenas no ensino superior. E que a Literatura Negro-brasileira seja pauta de leitura nos âmbitos acadêmicos com mais visibilidade.

Nessa perspectiva antirracista, é necessário enfatizar as informações trazidas por Angela Davis (2016, p. 52), demonstrando que em outros países também há a luta antiescravagista, ao afirmar que:

Em 1833, quando a Sociedade Antiescravagista Feminina da Filadélfia foi criada, na esteira da convenção de fundação da Sociedade Antiescravagista Estadunidense, o número de mulheres brancas simpatizantes à causa da população negra era suficiente para estabelecer o vínculo entre os dois grupos oprimidos. Em um fato de ampla repercussão naquele ano, uma jovem branca se tornou um exemplo dramático da coragem e da militância antirracista feminina. Prudence Crandall foi uma professora que desafiou a população branca de Canterbury, Connecticut, ao aceitar uma menina negra em sua escola.

Desse modo, observa-se a luta antirracista em meados do século XIX, em benefício de crianças negras americanas, que precisavam estudar em escolas em que havia o predomínio de crianças brancas. Assim, não se pode apenas combater o racismo em si, é preciso ter um posicionamento antirracista, aqui em solo nacional e em terras internacionais. Para enfatizar essa assertiva,

Os aspectos legais no contexto das relações raciais prestigiam os alunos negros e não negros a vivenciarem práticas multirraciais para que num processo de aprendizagem e de convivência coletiva possam ter garantidos os seus direitos à diferença e respeitadas as suas origens sociais o que contribui para a construção de novos saberes (Silva, 2008, p. 34).

Desse modo, é necessário afastar-se do pensamento crítico eurocêntrico, visto que é preciso criar distância das ideias da tradição eurocêntrica, que cimentam essa narrativa de invisibilizar ou ignorar as culturas ou conhecimentos que foram marginalizados dentro dessa excludente tradição ocidental.

Nesse panorama, assinala assertivamente, Gilson Brandão de Oliveira Junior (2012, p. 20), ao mencionar que é preciso promover “[...] outras abordagens e epistemologias derivadas das questões étnico-raciais, de gêneros e das sexualidades, problematizando a naturalização de práticas discriminatórias e o silenciamento de diversas culturas historicamente marginalizadas e subalternizadas”. Nesse ínterim, Gean Santana (2021, p. 24), observa que o conhecimento dos povos outrora subalternizados, como os negros, é “[...] ciência por eles produzida como forma de existência e resistência”.

Desse modo, é preciso reverberar a socialização de temáticas sobre esses conhecimentos dos povos originários – que se tratam de estudos meticulosos e reflexivos –, que ganham destaque na contemporaneidade ao traçar narrativas que a colonialidade arriscou debalde assenhorear-se.

Para Santana (2021, p. 26), presumidamente, esse processo ideológico, até o momento presente, “ancora os mecanismos excludentes, dissolvendo-se em fatores que fragmentam as identidades, com o objetivo de sugestionar minorias sociais economicamente desfavorecidas a permanecerem em constante fragilidade sociocultural”. Desse modo,

À medida que o capitalismo global e suas formas satélite de opressão e dominação se expandiram, mais e mais panoramas diversos de povos, culturas, repertórios da memória e das aspirações, universos simbólicos, formas de vida e estilos de vida, concepções do tempo e do espaço, e assim sucessivamente, foram incluídos dialeticamente na conversação da humanidade por meio do sofrimento e da exclusão inenarrável. Sua resistência, frequentemente por meio de redes cosmopolitas insurgentes, subalternas e clandestinas soube enfrentar a supressão pública implementada por diversas formas capitalistas e colonialistas de violência física, simbólica, epistemológica e, inclusive, ontológica (Santos, 2018, p. 300).

Em resumo, reconhecer a importância de se distanciar da tradição eurocêntrica implica estar ciente de que a diversidade da experiência global é infinita e, logo, não consegue ser elucidada por uma teoria geral única. Nesse contexto, é preciso lembrar-se de Chimamanda Ngozi Adichie (2019) e *Os perigos de uma única história*. Dessa forma,

Importa discutir, pensar e refletir sobre a destruição dos valores de comunidades (epistemicídio, genocídio e do racismo epistêmico), até mesmo o apagamento de línguas, de valores culturais e literários. Importa discutir, pensar e refletir sobre a destruição dos valores de comunidades. Para além disso, discutem-se, com maior ou menor amplitude, sobre a imposição de perspectivas hegemônicas do conhecimento (conhecimento eurocentrado) em detrimento de outros conhecimentos “roubados” de outros continentes (grifo dos autores). (Silva; Pereira; Pereira, 2023, p. 21)

Nessa perspectiva apresentada, irromper com o que se nomina de epistemicídio e, de modo consequente, com a lógica eurocêntrica, é uma maneira de visibilizar os saberes e histórias dos ancestrais, os relatos orais perpassados de geração a geração, bem como as

concepções políticas e sociais de cada comunidade. Isso se aplica ao que ocorreu com as mulheres, ao longo do tempo, e em especial, com as mulheres negras, que partiram do epistemicídio e apagamento até à visibilidade e protagonismo negro no contexto atual.

No século XIX, as mulheres enfrentavam um grande desafio em relação à sua participação nas questões políticas – elas não tinham acesso ao voto, somente os homens; nem à profissionalização, pois não possuíam acesso à educação (Cardoso, 2010). Desse modo, Ana Paula Cavalcanti Simioni (2008) fez um delineamento em seus estudos no contexto da mulher brasileira do século XIX: branca, de classe privilegiada, frequentemente filha de apreciador da arte ou esposa de artista plástico, ou de funções afins; de certa forma, estudada e com poder aquisitivo, sendo essa classificação, uma demonstração da supremacia da raça branca em detrimento das outras raças, especialmente, a negra.

Já no século XX, nos anos 1960, surgiram narrativas que propunham uma nova perspectiva sobre a participação das mulheres na história brasileira. Esse período foi marcado por mudanças na contracepção e por uma revolução cultural que impulsionou a evolução do papel feminino nos países ocidentais. Durante muito tempo, a sociedade definiu que o papel da mulher era se casar, cuidar do lar e ser submissa ao marido. Hoje em dia, a mulher tem o poder de ser a protagonista de sua própria história e decidir o rumo a seguir. Ela tem o direito de escolher ser mãe, esposa ou buscar novas aspirações, enquanto sua luta por reconhecimento e igualdade de direitos ganha cada vez mais visibilidade. Todavia, é relevante enfatizar que, ainda em outros lugares do mundo, o modelo patriarcal ainda prevalece, privando as mulheres de educação, trabalho e, conseqüentemente, de sua liberdade (Carvalho, 2010).

Durante muitas décadas, na história brasileira, como aponta Judith Butler (1998), ocorreu o apagamento das mulheres, o que constituiu uma forma de opressão do patriarcado. Contudo, ao reintegrá-las na narrativa histórica, é preciso ter cuidado para não criar um novo tipo de sujeito genérico, respaldando-se na suposta ‘identidade feminina’ singularizada, uma expressão que mascara e viola a diversidade que existe de forma velada, por detrás do rótulo dado ao termo ‘mulheres’.

A narrativa histórica sobre as mulheres de modo geral, sejam brancas ou negras, ganhou contornos mais visíveis, especialmente nas décadas de 1970 e 1980. Essa evolução representou um esforço para compreender de maneira mais abrangente, o lugar ocupado pelas mulheres ao longo da história (Carvalho, 2010).

Nesse contexto, as mulheres negras eram mais invisibilizadas do que às brancas. Mesmo com as grandes diferenças nos recursos para elas alocados, em suas representações e no lugar por elas ocupado no currículo, na posição concedida às mulheres pelas universidades e pelas

associações disciplinares, parece não haver nenhuma dúvida de que a história das mulheres brasileiras, foi e é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo (Scott, 1992).

Em se tratando da mulher negra, a situação era mais desfavorável do que a de uma mulher branca, uma vez que possuíam menos direitos que as demais mulheres, conforme observou Francione Oliveira Carvalho (2010, p. 151), “à mulher negra cabia apenas o direito de ser revelada pelo olhar do outro, em imagens exóticas e estereotipadas”.

Nesse contexto, Charles Taylor (1997) afirmou que a representação da imagem do outro como um ser inferior e menosprezável acaba distorcendo essa imagem, fazendo com que se torne internalizada. Para Frantz Fanon (2008), a principal estratégia dos colonizadores era a injeção da imagem que eles idealizavam dos colonizados. Para se libertarem, os oprimidos precisariam, em primeiro lugar, desfazer-se dessas imagens de autodepreciação.

Fugindo à expectativa do apagamento intelectual, racial, coube à negra e ao negro, ganhos políticos, democráticos e pedagógicos significativos para a sociedade brasileira, visto que, de lá para cá, situações positivas aconteceram, trazendo a sua merecida visibilidade. Segundo Moura (1995), o negro conseguiu, com o início nos capoeiras e quilombolas da Colônia e do Império, sobrevivendo os malandros e tias ciatas⁹ da Primeira República, inclusive, as escolas de samba da década de 1930, devido à demasiada capacidade e habilidade, conduzir o seu espaço, tanto para o seu proveito imediato, como para a maturação de uma consciência de encerebração¹⁰ racial e de africanidade do povo brasileiro.

Os resultados, na atualidade, são manifestos. O aumento quantitativo das mulheres negras e homens negros em posição de destaque no panorama nacional e internacional (cargos outrora dados às pessoas brancas); já trouxe à nação, um deslocamento de olhar do público para que, de acordo com Célia Marinho Azevedo (2004), possam ir à busca do protagonismo negro no Brasil da atualidade.

O desejo de abordar este tema, portanto, vem das observações sobre a atuação das mulheres negras na obra evaristiana, compreendendo a sua importância em vencer os traumas e a solidão, perpassando as suas dores, através da solidão-ridade. Por isso, traz em pauta, a alteridade em suas ações, demonstrando a relevância da mulher negra e do homem negro no processo de formação do país, resistindo ao preconceito e às amarras do apagamento e epistemicídio advindos da colonialidade, vislumbrando o seu lugar devido: o protagonismo

⁹ Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata, foi uma mulher negra, brasileira, cozinheira, que influenciou o surgimento do samba carioca (Lemos, 2001).

¹⁰ Modo de pensar, orientação.

negro da decolonialidade, depois de 400 (quatrocentos) anos de diáspora africana e epistemicídio cultural. Nessa perspectiva apresentada, Fernandes (1988, p. 26) alude que “os povos africanos e negros têm de ser reconhecidos como uma força com a qual o mundo tem que lidar”.

Devido à menção dada ao termo "alteridade", faz-se necessário conceituá-lo. Ele se origina do vocábulo latino *alteritas*, que significa *ser outro*. Logo, indica a prática de posicionar-se no lugar do outro, ser empático, de reconhecer o outro como um indivíduo único e subjetivo. Consiste em reconhecer e respeitar as diferenças entre os sujeitos. “É a aceitação da diversidade, tanto no contexto linguístico usual, quanto no contexto filosófico, já que a alteridade é, por essência e definição, aquilo que é diferente” (Freire *apud* Passos; Santos *et al.*, 2021, p. 4). Vê-se, portanto, a alteridade bastante presentificada nos romances, contos e poesias que fazem parte da Fortuna Crítica de Conceição Evaristo.

Gomes (2012), ao tecer o texto da apresentação do livro *Negritude*, de Kabengele Munanga, de 2012, certifica sobre a negação existente em relação à cultura negra, demonstrando que é preciso ter uma tomada de consciência, para que haja:

[...] a afirmação e a construção de uma solidariedade entre as vítimas do próprio racismo, possibilitando uma reabilitação dos valores das civilizações destruídas e de culturas negadas. Questões que estão no cerne da negritude como conceito e movimento. Questões que atravessam as muitas e diversas experiências de construção da identidade negra no Brasil e na diáspora africana (Gomes *apud* Munanga, 2012, p. 5).

Segundo Kabengele Munanga (2012), a Negritude é um conceito que envolve aspectos sociais, culturais e históricos, e que permite ao povo negro, o reconhecimento e valorização da sua identidade, história e cultura. Sendo esta, uma forma de resistência às opressões e às negações que vieram com a colonização e o racismo. O autor explica que a Negritude funciona como uma espécie de "desintoxicação semântica", ou seja, uma maneira de criar um novo entendimento sobre quem o negro é e como ele se relaciona com o mundo.

Essa ideia é essencial para o combate ao racismo e para a reconstrução da história e da dignidade do povo negro. Trata-se de uma busca por um espaço onde a identidade negra seja reconhecida, questionando as tentativas de assimilação e a inferiorização impostas pela cultura eurocentrada. De acordo com Munanga (2012), entender a importância da Negritude é o passo inicial para desenvolver ações concretas contra o racismo e a desigualdade. Ele acredita que a educação, o sistema legal e as políticas afirmativas são caminhos essenciais para a transformação da sociedade e garantia dos direitos equânimes para toda a população negra.

Acerca desta temática, Munanga (2012) acrescenta que, alguns acreditam que Negritude é um movimento político-ideológico, já outros afirmam que Negritude é um movimento negro. Portanto, o autor alude que, “se historicamente a negritude é, sem dúvida, uma reação racial negra a uma agressão racial branca, não poderíamos entendê-la e cercá-la sem aproximá-la do racismo do qual é consequência e resultado” (Munanga, 2012, p. 19).

Em se tratando desse enfrentamento, Gomes (2005) considera o racismo uma pauta de grande complexidade que pode ser compreendida inclusive a fatores distintos que se relacionam às práticas sociais. O racismo seria, portanto, um ato estabelecido por sujeitos com fundamentação no ódio e que esbarra seu embasamento no pertencimento de uns, entretanto não existindo o mesmo por parte de outros. Encontra-se no imaginário coletivo de alguns grupos humanos que acreditam existir indivíduos superiores e inferiores. Desse modo, faz-se necessário o enfrentamento nos espaços em que o racismo se apresenta. Nesse cenário, para Munanga (2019), as diferenças e semelhanças afastam, no entanto, elas estabelecem relações e constituem critérios para que esse ou aquele indivíduo seja incluído.

É de grande relevância, portanto, como afirma Gomes (2017), o conhecimento da matriz cultural e da história dos negros e negras que legitimam e fortalecem as lutas dos movimentos sociais colaborando na transformação do próprio entendimento, assimilação e representação sociais atinentes às temáticas interligadas à motivação dos ideais de lutas da comunidade negra, unindo conhecimentos de raízes ancestrais à construção de conhecimentos novos que redarguem e palestram com o conhecimento convencional.

Nessa perspectiva, observa-se à visibilidade das mulheres negras, considerando-se a noção de sua representação, em suas ligações com literatura, cultura, ancestralidade, pensando-se o *modus vivendi* como sistema representacional (Gomes, 2017; Silva, 2018), e práticas compartilhadas dessas vivências (“escrevivência”) que organizam e regulam a vida social e as relações étnico-raciais (Evaristo, 2009), muitas vezes demonstrando a potência da identidade negra (Hall, 2006) e o pertencimento étnico-racial que nasce dessa identidade imbricada à memória ancestral.

Assim, a identidade é uma percepção sobre si, que os diferentes sujeitos históricos elaboram e acionam em variados contextos socioculturais individuais e/ou coletivos e, ao fazê-lo, se enunciam no mundo. Stuart Hall (2006) menciona que a identidade não é fixa ou essencial, mas sim uma celebração móvel e uma construção sócio-histórica e cultural em constante transformação. Ela é moldada continuamente por representações culturais, mudanças sociais e históricas, pela globalização e estruturas de poder, resultando em uma identidade fluida e fragmentada, e não única e unificada.

A identidade é latente na “escrevivência” evaristiana e se presentifica nas personagens potentes, fortes, representativas, cheias de personalidade, memória, luta e resistência. A conceituação de identidade é essencial para entender como a mulher negra se reconhece ou, às vezes, acaba sendo afastada do processo de afirmar sua própria consciência racial, sua autoafirmação.

A identidade é a maneira como o sujeito percebe quem ele é, uma percepção que pessoas distintas e grupos históricos vão construindo e usando em vários momentos e contextos sociais e culturais, tanto individual quanto coletivamente. Quando o indivíduo assim age, ele está se colocando no mundo, expressando quem é.

Segundo Hall (2000, p. 38), ‘a identidade é algo que se forma ao longo do tempo, através de processos inconscientes’, e não algo que nasce pronto, inato, no exato instante do nascimento. Em consonância com Hall (2002), Angela Castro Gomes (2005) também destaca que é preciso pensar na identidade como uma relação entre o ser e o mundo ao seu redor. Assim sendo, os vínculos e laços que se tem com outras pessoas e com o próprio mundo são essenciais para assegurar, fortalecer ou até negar a possibilidade de uma identidade negra.

Munanga (1994, p. 63) destaca que “a identidade é uma realidade que está sempre presente em todas as sociedades humanas”. O autor segue afirmando que, cada grupo, usando seus valores e critérios, costuma escolher certos aspectos de sua cultura para se definir, muitas vezes em contraposição ao que é diferente.

Quando há a abordagem da identidade negra no viés do Movimento Negro, o foco é a construção de uma identidade principiando pelas singularidades de homens e mulheres negras e dos seus grupos de pertencimento. Em uma sociedade como a do Brasil, que sempre foi hierárquica, os afro-brasileiros herdaram o processo de escravização das populações negras. Por isso, ainda há dificuldade em mobilizar as pessoas que sofrem opressão para uma luta comum, com o objetivo de transformar suas condições e conquistar uma identidade que lhes foi negada, ainda que tenham colaborado para o enriquecimento de grupos dominantes na sociedade em que vivem, que enriqueceram às custas de trabalho árduo e sofrimento atroz (Munanga, 2019). Em suma, na contemporaneidade, o Movimento Negro busca construir uma identidade levando em conta as características únicas de cada indivíduo e dos grupos aos quais pertencem.

No tocante à identidade negra, na atualidade, luta-se pela visibilidade e protagonismo da mulher negra, visando uma representação mais arvorada. Nesse âmbito, Jurema Werneck (2005, p. 1) diz que “a luta pela emancipação da mulher negra não tem por finalidade apenas formar mulheres seguras, capazes e brilhantes, que visem com isto adquirir privilégios

individuais. Essas conquistas são como veículos para gerar transformações na vida da população negra”.

A partir dessa perspectiva, a luta pela valorização e reconhecimento da mulher negra e seu merecido protagonismo, também se estende à escritora Conceição Evaristo e outras/os escritoras/es negras/os relacionados à Literatura Negro-brasileira e Literatura Contemporânea. Acredita-se que a “escrevivência” presentificada na obra evaristiana busca reivindicar o protagonismo negro e trazer à luz as narrativas e personagens, especialmente femininas, que foram subalternizadas pelo discurso dominante/hegemônico. A “escrevivência”, portanto, é um conceito que em sua ideologia corrobora com a visibilização de sujeitos que produzem conhecimento, mas também, sem esta obrigação, busca colaborar no combate ao epistemicídio.

Sabe-se que, há pouco tempo, apresentava-se a cor no cânone literário escrito no país, por meio de um branqueamento eurocentrado. Em outras palavras, a literatura brasileira carecia de diversidade e era baseada em um padrão eurocêntrico. Pode-se verificar, ainda, em algumas situações, essa “cor no cânone literário”, uma vez que Conceição Evaristo não foi aceita na Academia Brasileira de Letras (ABL), mesmo que tenha ocorrido na internet, a maior campanha popular da história para que isso acontecesse. De acordo com Matheus Campo e Paula Bianchi (2018, p. 3), “Evaristo entrou na disputa para expor a falta de representatividade negra e feminina na centenária academia”. Não obteve êxito, recebendo apenas 01 (um voto), pois existem critérios para adentrar na ABL, que é um clube de amigos, segundo reza um dos acadêmicos, Proença Filho, ao afirmar que:

É um equívoco achar que a Academia tem que fazer isso ou aquilo. [...] A ABL é uma instituição privada sem fins lucrativos. É um clube de amigos. Por isso, existe a tradição de que os candidatos visitem os acadêmicos nos meses que antecedem a eleição. A gente precisa conhecer melhor aqueles com quem a gente vai passar o resto da vida (Filho *apud* Campo; Bianchi, 2018, p. 12).

Dessa forma, nota-se que há requisitos específicos para ingressar na ABL, uma vez que, de acordo com Campo e Bianchi (2018), é necessário ter um perfil sociável para conquistar a simpatia e o respaldo dos imortais, membros vitalícios da Academia, além de organizar jantares de campanha para amigos influentes e associados da ABL terem ciência das ideias daqueles que irão se candidatar. Mas, essas práticas não podem ser alardeadas. No entanto, Evaristo assume: “Minha participação é minha obra. Quando a gente quer informação, encontra”. (Evaristo *apud* Campo; Bianchi, 2018, p. 14). Evaristo quer ser conhecida por sua fortuna crítica, por seu engajamento na Literatura Negro-brasileira, por sua “escrevivência”. E é desta forma que os outros escritores deveriam ser escolhidos pela ABL.

3.2 BIOGRAFIA DA AUTORA: *ERA PENOSO NÃO TER O QUE SER – SER QUEM NASCEU PARA SER*

Doutora Maria da Conceição Evaristo de Brito possui uma biografia extensa. Mais conhecida como Conceição Evaristo, nasceu em uma favela em Belo Horizonte. Com afã de escrever as suas vivências e a dos outros, criou o termo “escrevivência” e passou a publicar o que escrevia, aos 46 anos. Em 2018, concorreu a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, como já mencionado.

Parafraseando o portal *Literafro* (2024), que trata da continuidade da extensa biografia de Evaristo, a autora/escritora integra, diligentemente, movimentos que valorizam a cultura negra no Brasil. Fez sua estreia como escritora em 1990, quando principiou a publicar contos e poemas na série "Cadernos Negros". Com um estilo multifacetado, exercita a poesia, a ficção e o ensaio em sua obra, conquistando leitores, cada vez mais, ao longo do tempo. Sua escrita já tem alcançado publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Além disso, seus contos têm sido estudados em universidades, tanto no Brasil quanto no exterior, sendo objeto de estudo na tese de doutorado de Maria Aparecida Andrade Salgueiro, em 2004¹¹. Esta realizou uma análise comparativa da autora brasileira Conceição Evaristo com a escritora norte-americana Alice Walker.

Evaristo criou o conceito "escrevivência", utilizando-o inicialmente, em 1996, quando apresentou sua dissertação de mestrado. Sempre que possível, ela enfatiza que "a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos" (Evaristo, 2020, p. 20).

É linguísta, ensaísta, contista e escritora de renome no que concerne à Literatura Negro-brasileira. Em continuidade à biografia da autora, será registrado, a princípio, o que Luiz Henrique Oliveira (2009, p. 621) escreveu:

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Gradou-se em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense e da rede privada de ensino superior.

¹¹ SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas Estados Unidos e Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Caetés, 2004. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/>. Acesso em: 02 fev. 2024.

Abaixo encontra-se o registro de Conceição Evaristo em sua casa no Rio de Janeiro, após migrar, saindo de sua terra natal, Belo Horizonte, em busca de maiores oportunidades no campo literário (Imagem 02).

Imagem 02: Detalhe de Conceição Evaristo na porta de sua casa, no Rio de Janeiro.



Foto: Joana Oliveira.

Fonte: <https://claudia.abril.com.br/cultura/conceicao-evaristo-capa-claudia-novembro-2022/mobile>

Observa-se que a escritora tem uma vasta biografia entremeada à literatura negra, e ainda que tenha começado a publicar seus livros mais tardiamente, desde a tenra idade buscava adentrar-se na leitura e escrita, moldando uma identidade negra fortalecida pelos embates que a vida lhe traçava.

O portal de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulado *Literafro*, possui uma vasta biografia da escritora (Imagem 03). Abaixo, segue-se um dos trechos:

É mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto (*Literafro*, 2024, p. 2).

Imagem 03: Conceição Evaristo. Biografia na Literafro. Portal de Literatura da UFMG.



Fonte: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>

Parafraçando o portal *Literafro* (2024), que trata da continuidade da extensa biografia de Evaristo, a autora/escritora integra, diligentemente, movimentos que valorizam a cultura negra no Brasil. Fez sua estreia como escritora em 1990, quando principiou a publicar contos e poemas na série "Cadernos Negros". Com um estilo multifacetado, exercita a poesia, a ficção e o ensaio em sua obra, conquistando leitores, cada vez mais, ao longo do tempo. Sua escrita já tem alcançado publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Além disso, seus contos têm sido estudados em universidades, tanto no Brasil quanto no exterior, sendo até mesmo, objeto de estudo na tese de doutorado de Maria Aparecida Andrade Salgueiro, em 2004¹². Ela realizou uma análise comparativa da autora brasileira Conceição Evaristo com a escritora norte-americana Alice Walker.

Continuando a paráfrase do texto biográfico de Evaristo no *Literafro*, em 2003, a escritora teve o seu romance *Ponciá Vicêncio* publicado pela Editora Mazza, situada em Belo Horizonte. Evaristo lançou em 2006, o seu segundo romance, *Becos da memória*, que é mote

¹² SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas Estados Unidos e Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Caetés, 2004. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 02 fev. 2024.

para a narrativa deste texto dissertativo que, assim como seu livro anterior, aborda poeticamente e de forma realista, o drama de uma comunidade favelada que também se encontra em vias de desfavelamento.

Repetidamente, a figura feminina aparece simbolizando a resistência, tanto em relação à pobreza, quanto à discriminação. Em 2011, a autora publicou o volume de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, e em seu bojo, contextualiza as relações de gênero em um enquadramento social grifado pelo racismo e sexismo (Literafro, 2024).

No ano de 2014, Conceição lançou *Olhos D'Água*, livro que se tornou finalista do Prêmio Jabuti, cuja categoria contemplada foi a de "Contos e Crônicas". Já em 2016, ela publicou *Histórias de Leves Enganos e Parecenças*, seu mais recente volume de ficção. Nos anos derradeiros, alguns de seus livros, que continuam sendo lançados em novas edições brasileiras, obtiveram a sua tradução para o francês e sua publicação em Paris ocorreu através da editora Anacaona (Literafro, 2024).

No ano de 2017, de acordo com o descrito no Literafro (2024), houve a realização da *Ocupação Conceição Evaristo* por intermédio do Itaú Cultural de São Paulo, trazendo perspectivas da vida e da literatura evaristiana. Como parte da exposição, foram criadas as *Cartas Negras*, resgatando um projeto de troca de correspondência entre escritoras negras principiado nos anos 1990. Conceição Evaristo, em 2018, foi agraciada com o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pela totalidade de sua *Fortuna Crítica*. Em novembro de 2022, Evaristo foi capa da edição da revista *Cláudia* (Imagem 05) devido à sua relevância e representatividade.

Imagem 04: Conceição Evaristo é capa da edição de novembro de *Cláudia*: cultura em 2022.



Fonte: <https://claudia.abril.com.br/cultura/conceicao-evaristo-capa-claudia-novembro-2022/mobile>

Foto: Joana Oliveira.

Em 2023, a escritora, poeta e ficcionista foi agraciada com o título de intelectual do ano pelo Prêmio Juca Pato (O tempo, 2024). Em 20 de março de 2024, lançou na *Casa Escrevivência Conceição Evaristo*¹³ (Imagem 05), o *Projeto Cátedra Pequena África*, uma articulação da Prefeitura do Rio de Janeiro com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), sendo uma das quatro responsáveis pela gestão do projeto cujo objetivo é “aprofundar estudos das produções teóricas de homens e mulheres negros” (Agência Brasil, 2024, p. 3).

Imagem 05: Casa Escrevivência Conceição Evaristo.



Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/conceicao-evaristo-abre-casa-escrevivencia-espaco-cultural-no-rio>

A autora afirma que a “a criação de uma cátedra para valorizar saberes negros é uma obrigação do país” (Evaristo *apud* Agência Brasil, 2024, p. 3). Continua enfatizando em entrevista/depoimento à Agência Brasil que:

Nós temos de reconhecer as nossas contribuições, os nossos valores. A nacionalidade brasileira é marcada profundamente pelas culturas negras em todos os âmbitos. Embora, durante muito tempo, esse reconhecimento não se deu, eu acho que na medida que ele se dá, temos obrigação também de afirmar nossa competência. É uma questão de valorização, não individual, mas coletiva das culturas negras, que vão para além da dança, da cozinha. É na área técnica, científica, filosófica (Evaristo, 2012, *apud* Agência Brasil, 2024, p. 4).

¹³ A escritora Conceição Evaristo é fundadora da *Casa Escrevivência Conceição Evaristo*, aberta em julho de 2023.

Evaristo, portanto, dá ênfase à valorização dos saberes das culturas negras, antes silenciados, que perpassam a dança e a cozinha, e vai além, perfazendo os âmbitos técnico-científico, político e filosófico, demonstrando que o Brasil, enquanto nação, é assinalado pelas culturas negras nesses seus vários campos.

No ano de 2024, no dia 15 de fevereiro, Conceição Evaristo, uma mulher negra e escritora, foi eleita imortal da Academia Mineira de Letras (AML) (Imagem 06).

Imagem 06: Conceição Evaristo, nova imortal da AML.



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/02/15/conceicao-evaristo-e-eleita-imortal-da-academia-mineira-de-letras.ghtml>

Foto: Juh Almeida.

Evaristo ocupou a cadeira número 40. Entre 34 votantes, Evaristo recebeu o voto de 30 pessoas (O tempo, 2024). Nesse ínterim, a acadêmica Maria Esther Maciel, na presente data em relação à eleição de Conceição Evaristo mencionou:

É uma das escritoras mais notáveis da literatura brasileira contemporânea e poderosa representante das mulheres negras em nosso país, Conceição Evaristo vem trazer para a Academia Mineira de Letras a força da negritude, da diversidade e dos saberes afro-brasileiros. Sua eleição é um grande acontecimento literário e político-cultural para Minas e o Brasil (O tempo, 2024, p. 2).

No que concerne à representação das mulheres negras nas obras, no dizer de Evaristo (2009), com relação à literatura afro-brasileira, esta tem buscado erigir a presença de um discurso literário que, ao construir as suas personagens e histórias, o concebe dessemelhantemente do presumível pela literatura canônica, difundida pelas classes que detêm o poder político-econômico. Autora de uma obra que perfaz uma Literatura Contemporânea que traz como protagonistas, mulheres negras, para Evaristo é possível afirmar que, “um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira” (Evaristo, 2009, p. 19).

A aprovação do Estado Brasileiro confere à designação afro-brasileira um caráter obrigatório, inserindo a produção literária em seus fundamentos ideológicos. Mas, Cuti (2010) enseja que é preciso usar o termo Literatura Negro-brasileira, uma vez que categorizar a produção literária de autores negros no Brasil como "afro" é uma forma de destacar a origem continental dessas vozes, mas a coloca em um patamar inferior na literatura brasileira.

O autor continua afirmando que o interesse em promover intercâmbio econômico com as nações africanas apoia as ações de intercâmbio cultural. Associar a Literatura Negro-brasileira à africana poderia ter o efeito de validar a falta de questionamento da realidade brasileira por parte desta última. A literatura africana não confronta o racismo no Brasil e não se declara como negra (Cuti, 2010).

A Literatura Negro-brasileira, segundo Cuti (2010), parte da difícil tarefa de se identificar ou autoidentificar como negro em um país com uma história marcada pelo racismo. Essa literatura é escrita por negros e negras que têm consciência racial e experienciam as situações relacionadas à experiência de ser negro/negra em uma sociedade racista.

Nesse âmbito, para Mário Augusto Medeiros da Silva (2023), há dificuldades de conceituação em relação à literatura negra. E o autor questiona: “o que faz uma literatura ser negra?”. Segue afirmando que “as respostas mais simples, como a de que a literatura negra é aquela escrita por um *autor* autorreferenciado ou identificado como negro, ou, ainda, a que apresenta um *eu lírico/narrador* que se queira negro”. (grifos do autor) (Silva, 2023, p. 25).

Para este estudo, a proposta refere-se à Literatura Negro-brasileira relacionada às mulheres negras e às suas memórias contadas, através de personagens que representam histórias reais do cotidiano de uma favela habitada por mulheres negras e algumas não-negras. Essas narrativas são essenciais porque oferecem referências, tanto práticas quanto simbólicas, fundamentais para que essas mulheres possam reverberar as suas dores, traumas e cesuras, revelando o racismo vivenciado. Assim, em união entre as mulheres negras, através da solidariedade, lutam contra o apagamento feminino, buscam o combate ao epistemicídio e visam

denunciar o racismo, visto que muitas vezes vivenciam a denegação por racismo, por essas experiências que ficam marcadas na pele e na memória.

Nesse contexto apresentado, Conceição Evaristo é uma escritora que se preocupa com a diversidade, identidade e pertencimento étnico-racial, com o protagonismo negro, com a reverberação da Literatura Negro-brasileira. 99Isto posto, no subtítulo seguinte, faz-se a continuação do estudo da “Escrevivência” evaristiana e suas narrativas, tracejando alguns excertos do romance *Becos da memória*.

3.3 ALINHAVANDO OS FIOS DA NARRATIVA

“Na autoria
desta nova história.
E neste novo registro
a milenária letra se fundirá à nova
grafia dos mais jovens”.

Conceição Evaristo

Ao tracejar o conceito de “escrevivência”, examinando a sua localização, percebe-se que se subdivide entre realidade e ficção, entre autobiografia, escrita de si e do outro e de nós, destacando que essa conceituação tem um alcance considerável. A definição do termo “escrevivência”, dado pela escritora Conceição Evaristo, que o criou e o instituiu, foi mencionada em sua participação no seminário virtual, uma ação do Itaú Social em coparticipação com a MINA Comunicação e Arte, concebida com o início do *Projeto Oficina de Autores – Memórias e Escrevivências de Conceição Evaristo*, criado em 2018. Ao ser questionada ‘como surgiu o termo “Escrevivência” afirmou:

Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência (grifos da autora) (Evaristo, 2018, *apud* Santana; Zapparoli, 2020, p. 6).

A “escrevivência”, portanto, seria uma forma de escrever as vivências das mulheres negras, tanto as que viviam escravizadas, outrora, quanto às de hoje, visibilizadas e protagonistas das suas histórias, com caminhos percorridos de histórias potentes de mulheres empoderadas, fortes, que resistem, estudam, trabalham. Mulheres, enfim, que não aceitam o apagamento feminino e a cultura hegemônica eurocêntrica.

Nesse âmbito, de acordo com Evaristo (2020), a “escrevivência” é pensada como um fenômeno diaspórico e universal, em que se valoriza a família, a linhagem, a ancestralidade. Assim, Munanga (2020, p. 77) informa:

Na concepção negra africana, o clã, a linhagem, a família, a etnia são uniões dos vivos e dos mortos. Entre os mortos há defuntos comuns e ancestrais. Estes últimos são os mortos que durante a vida tiveram uma posição social destacada, um rei, um chefe de etnia, um fundador de clã, etc. Origem de vida e prosperidade, ponto fixo de referência, o ancestral está sempre presente na memória de seus descendentes através do culto que deles recebe.

Em concordância com o descrito, para Isabella Rosado Nunes (2020, p. 13), a “escrevivência” é:

[...] um mundo de olhares e vivências, principalmente das mulheres negras e indígenas, colocado à margem pela cultura hegemônica eurocêntrica, patriarcal e racista imposta aos povos originários e afrodiaspóricos desde que seus pretensos “descobridores” chegaram a este país de cultura ancestral, insistentemente negada e corrompida (grifo da autora).

Em continuidade, Lívia Natália Souza (2020) alude que a ideia de “escrevivência” amplia à compreensão da escrita e desaprova a estrutura de ensino que preconiza que a melhor maneira de gerar conhecimento, é a de nos distanciarmos das experiências pessoais – pois querem que escrevamos os próprios textos, com o lugar de fala em terceira pessoa, ou seja, a escrita deve ser mais impessoal, estando a favor de uma pressuposta objetividade científica. E a autora argumenta que, por essas razões, os textos acadêmicos devem ser permeados por escrevivências e jornadas, e que estas possam ser utilizadas como instrumentos de análise.

Propõe-se, portanto, um enfoque discursivo das representações em conformidade com o contributo teórico dos estudos identitários, antirracistas e com foco na memória ancestral e resistência negro-brasileira, com relevância na perspectiva evaristiana, de maneira a consultar as pressuposições em que se fundamentam essas representações, ressaltando seu cenário de produção e modos de subjetivação das mulheres negras.

Em referência aos modos de subjetivação, conforme Foucault conceitua (1997, p. 92), “são os processos através dos quais nos tornamos sujeitos, isto é, os meios pelos quais somos capturados por relações de forças implicadas no processo de produção de subjetividades”. Nesse ínterim, faz-se necessário fazer menção à subjetividade, uma vez que é o que torna cada indivíduo singular, diferenciando-o dos demais, de acordo com as suas especificidades, fundamentando-se em opiniões e sentimentos pessoais, ao invés de se apoiar em fatos objetivos, concretos. Já o conceito de subjetividade feminina refere-se à maneira como as mulheres

compreendem e experimentam o mundo do qual fazem parte, sendo moldado por uma combinação de elementos internos e externos (Rocha, 2013).

Conforme alude Aralia López González (apud Salomone, 2006, p. 113), “as subjetividades e identidades sociais que emergem são contextualmente historicizadas como posições particulares e relativas a um contexto histórico-social sempre em movimento”. Nesse âmbito, para explicar e exemplificar a citação foucaultiana que trata dos modos de subjetivação e por se tratar da subjetivação da mulher negra, é preciso compreendê-la através das personagens do romance *Becos da memória*.

A principal personagem, como já foi realizada a menção ao longo do *corpus* do trabalho, a protagonista Maria-Nova, que ao experienciar o que ocorre consigo e com os moradores da favela inominada, devido ao desfavelamento abrupto – a expulsão dos moradores de suas habitações, com uma parca ou nenhuma indenização –, a narradora passa a ser um sujeito da sua própria história e acaba por vivenciar a dos outros.

Esse aspecto mencionado pode ser compreendido no excerto seguinte, desenvolvido por Eliza Araujo (2019, p. 13):

É à Maria-Nova que as pessoas da favela recorrem para contar suas memórias. Essas camadas variadas de memórias e vivências (tanto ouvidas, como vividas) que ela cria na escrita, formam uma subjetividade multifacetada de uma jovem mulher melancólica que sofre com o processo de desfavelamento.

O desfavelamento significa a retirada abrupta de pessoas do seu território, do ambiente em que vivem e interagem com os seus. O romance *Becos*¹⁴ gira em torno dessa expulsão de diversas famílias de uma favela em Belo Horizonte durante os anos 1960. O que sustenta a trama, ainda que não de forma cronológica linear, são as narrativas que a protagonista Maria-Nova ouve e busca interpretar, buscando ressignificá-las em sua realidade.

Estamos diante da perspectiva de uma menina negra, afrodescendente, de apenas 13 anos, pré-adolescente, que ao observar sua família e vizinhos – moradores da favela – sob o temor do desfavelamento/despejo, principia a descoberta de um rico passado histórico/ancestral por meio das histórias que ouve e coleta.

Toda a trama se desenrola através dos olhos de Maria-Nova, que ao vivenciar a dor do desfavelamento, acaba sendo a porta-voz das experiências dolorosas, muitas vezes, traumáticas, e das demais situações apresentadas dos outros moradores. As histórias emergem de um

¹⁴ Doravante será utilizado, na maioria das vezes, apenas o termo *Becos*, evitando repetições.

contexto bastante fragmentado, que é o fato da comunidade da favela ter sido abalada pela remoção forçada/desfavelamento de seus habitantes, como se verifica neste excerto de *Becos*:

[...] As mudanças, trouxas, latas, meninos e grandes, cachorros, desamparo, merda e merda, tudo era acomodado desacomodadamente em cima do caminhão (também oferecido pela firma construtora). Os vizinhos próximos observavam a partida, sabendo que daí a uns dias seriam eles. O caminhão levantava poeira. Bom era que, com pó caindo nos olhos da gente, se podia chorar como se nada fosse (Evaristo, 2018, p. 78).

Nesse âmbito, observa-se que aqueles que têm menor poder aquisitivo e não têm poder de voz, de serem ouvidos, aceitam aquilo que lhes foi imposto, ainda que isto signifique perder as suas moradias, o seu território, o seu lugar de trabalho, descanso, o viver entre os seus. Maria-Nova também aceitava o que se avizinhava, pois era apenas uma menina.

Essa subjetividade multifacetada de Maria-Nova contrasta com o silenciamento feminino resultante das imposições histórico-sociais, e pode ser expressa e transformada através da da autoconsciência, ou seja, ao desvelar a singularidade de suas próprias experiências e a dos outros (Salomone, 2006).

Maria-Nova, portanto, é a pessoa-chave procurada pelos moradores da favela/comunidade para descrever as suas vivências e memórias, que ora são ouvidas, ora são vividas/sobrevividas. Ela costumava contemplar a natureza e ouvir as histórias e memórias dos moradores nas tardes amenas da favela:

Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar a história dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. [...] Tio Tatão dava os mais lindos. Ele tinha ido à guerra. Tinha histórias também. Mas, das histórias dele, Maria-Nova não gostava. Eram histórias com gosto de sangue (Evaristo, 2018, p. 31).

Nessa perspectiva, Maria-Nova não se afasta das ocorrências da sua favela/comunidade, ela vivencia, escuta, conta, narra, é partícipe do processo do desfavelamento e do que passa a decorrer desse/a fato/tragédia. Às vezes, ocupa a posição de personagem participante, e em outras, apenas age como personagem observadora.

O próximo subtítulo abordará a autobiografia de Conceição Evaristo, para aproximá-la mais deste estudo, uma forma de conhecê-la e entender o que pensa, através das suas entrevistas, sua história, sua “escrivência” de mulher negra, que resiste e vai no contraponto eurocêntrico, pois é uma mulher que estuda, luta e galgou degraus como o mestardo e o doutorado e como

escritora de renomados romances e contos de grande repercussão e venda no Brasil e no exterior.

3.3.1 A autobiografia evaristiana: “Gota por gota, o sangue estanca e o corpo novamente se põe de pé e procura seus caminhos”

“[A] literatura marcada por uma escrevivência pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Essa con(fusão) não me constrange”.
Conceição Evaristo

A autobiografia de Conceição Evaristo faz parte de uma grande produção discursiva, em que muitos elementos se agregam à sua obra. Em um depoimento realizado ao I Colóquio de Escritoras Mineiras, em Belo Horizonte, em maio de 2009, Evaristo traça a sua “escrevivência” em uma narrativa pujante da sua trajetória biográfica:

Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada por minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredito ser verdadeira. Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filho da senhora tal, que seria ela. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra. Quanto a ela ir sozinha, ou melhor, solitária para o cartório me registrar é uma dedução minha tirada de alguns fatos relativos à vida de meu pai. Aliás, de meu pai conheço pouco, pouquíssimo (Evaristo, 2009 *apud* Literafro, 2024, p. 3-4).

Nesse relato de Conceição acerca do seu nascimento, verifica-se aqui, o seu aporte contributivo em rememorar a solidão da sua mãe em registrá-la sozinha. A ausência do pai. A presença da mãe. Presentifica-se aqui, a denegação por racismo, psicologicamente inconsciente. Cor: parda. Em relação a essa solidão e à solidude, pode-se afirmar que a solidão representa o estado de estar isolado, sem escolha; ao passo que a solidude refere-se à capacidade de estar consigo mesmo e apreciar essa companhia (Sonsin, 2023). Muitas mulheres negras enfrentam a solidão afetiva, a solidão social, o que impacta negativamente sua saúde mental, sendo o racismo estrutural, uma das causas dessa problemática.

Cabe, aqui, uma reflexão acerca do fato de, no Brasil, ser compulsório usar o termo *pardo*. É relevante, também, atentar ao fato de que o vocábulo ‘pardo’ tem um conceito que permanece o mesmo, como pode-se ver na exemplificação do seu registro em dois dicionários,

a saber, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (1913, p. 5356), que traz o significado: “Pardo, 1. adj. Que tem côr intermédia a preto e branco, quase escuro. [...] 2. O mesmo que mulato”. E, também, no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, tem-se uma acepção semelhante, “Pardo. adj. 1. De cor intermédia entre o preto e o branco, quase escuro. s.m. 2. Mulato” (Priberam, 2011, p. 8.653).

Ainda que o conceito da lexia *pardo* não tenha mudado ao longo dos séculos, não obstante, “o conteúdo por ela designado altera-se substancialmente” (Koselleck, 1992, p. 138). Por isso, faz-se necessário o conceito de *pardo* no sentido socioantropológico e não apenas, lexical.

Desse modo, no sentido antropológico e demográfico, no Brasil, *pardo* refere-se ao indivíduo que se identifica como uma mistura de raças, ou seja, que não é exclusivamente branco, preto ou indígena, mas combina características de duas ou mais dessas origens (Guimarães, 2024). O termo, utilizado oficialmente pelo IBGE, descreve pessoas com características físicas mestiças e é crucial para a compreensão da complexa diversidade étnico-racial do país, apesar de ter um significado que mudou ao longo da história (Guimarães, 2024).

Nesse âmbito, Francisco Bethencourt (2018, p. 22) afirma que “ao longo da história, o racismo na forma de preconceito étnico associado a ações discriminatórias foi motivado por projetos políticos”. Isso se vê, também, na taxonomia, pois o autor salienta que “a teoria das raças antecedeu o racismo” (Bethencourt, 2018, p. 21). Para maior reflexão, Hiran¹⁵ (2018) em sua música, *Bastardo*¹⁶, afirma, “[...] chega de abrir a boca e falar que eu sou pardo, a minha raiz é negra e isso não é um fardo...”.

Nessa perspectiva apresentada, desde meados de 1872, já havia uma compreensão do porquê de o uso do termo *pardo* ser compulsório no país:

O quesito cor/raça foi coletado no primeiro Censo Demográfico ocorrido no Brasil em 1872. O referido censo, em relação à cor ou raça, coletava informações sobre “brancos/as”, “pretos/as”, “pardos/as” e “caboclos/as”. Naquela configuração histórica, o termo “pardo” pretendia diferenciar os/as negros/as cativos/as, não importando se os/as mesmos/as fossem pretos/as ou miscigenados/as, dos/as negros/as livres ou forros/as. Já no primeiro Censo, em 1872, o/a negro/a liberto era considerado “pardo/a”, identificando como “pretos/as” os/as que eram escravos (grifo dos autores) (Heilborn *et al.* 2011, p. 119).

¹⁵ *Rapper* baiano.

¹⁶ https://cultura.uol.com.br/programas/culturalivre/videos/6878_bastardo-por-hiran.html

Verifica-se neste excerto, que era considerado *parda/a* em 1872, conforme a realização do Censo Demográfico, o negro livre, liberto; já os/as pretos/as, eram os/as escravizados/as. Nesse âmbito, apresentado, houve mudanças ainda no século XIX:

No segundo Censo brasileiro, o de 1890, o termo *parda* foi substituído por *mestiço*. Os Censos subsequentes ignoraram a raça até 1940, quando a cor da população voltou a ser coletada quase segundo as mesmas categorias do Censo de 1872. O termo designador dos mestiços voltou a ser *parda* e, em razão do fluxo de imigração asiática, foi criada a categoria *amarela*. Não havia uma categoria específica para indígenas. Desde então, a única alteração no sistema classificatório, que não foi empregado no Censo de 1970, foi justamente o acréscimo da categoria indígena na década de 1990 (Osório, 2003, p. 20-21).

O mencionado autor afirma ainda que, com a inclusão da categoria indígena, a partir do Censo de 1991, a classificação passou a ser de “cor ou raça”, ganhando suas cinco categorias atuais, que correspondem à classificação da população brasileira, que é a de pretos e pardos, que compõem a população negra, juntamente com as categorias branca, indígena e amarela.

Para compreender o processo colonial, é importante perceber que ele trouxe novos preconceitos étnico-raciais, criados por novas taxionomias étnicas e outras hierarquias sociais, além da institucionalização do trabalho escravo de pessoas negras, tanto em relação à política quanto ao comércio (Silva *et al.*, 2019). Também ocorreram modificações nas ideias eurocêntricas preconcebidas, resultantes da convivência forçada entre os povos nativos e as estruturas coloniais recém-chegadas, além da reestruturação socioeconômica (Bethencourt, 2018).

Nessa perspectiva, o termo *parda* faz parte de uma tentativa de branqueamento, como assevera Petruccelli (2000), ao mencionar que, no levantamento em questão, as categorias de cor foram desenvolvidas culturalmente com o objetivo de abranger diferenças fenotípicas, possibilitando, assim, a identificação da tonalidade/cor dentro de uma escala de cores em relação a diferentes níveis de distanciamento social com a categoria negro.

Dessa forma, Heilborn *et al.* (2011, p. 120) declaram que:

Tais denominações também são entendidas pelo autor como uma das estratégias utilizadas para contrabalançar práticas de discriminação. Constroem-se matizes que se aproximam do componente de pele mais clara, na tentativa de uma melhor aceitação social. Dessa forma, a atribuição de cor a uma pessoa é feita de maneira que depende do convívio e, normalmente, vem revestida de significados no interior de um contexto histórico-cultural e social específicos.

Observa-se neste excerto, que os autores demonstram que, de forma velada, não só a discriminação, mas o racismo estrutural já faz parte do imaginário coletivo dos brasileiros há centenas de anos. Busca-se branquear o negro, com a matiz *parda*, com o tom pejorativo

moreno, buscando aproximá-lo de uma matiz mais clara, acreditando que, ao branqueá-los, estes serão melhor aceitos no âmbito social.

Fanon (1968, p. 176), em sua obra *Os Condenados da Terra*, assinala que:

O negro que jamais foi tão negro como a partir do instante em que esteve sob o domínio do branco, quando resolve dar testemunho de cultura, fazer obra de cultura, percebe que a história lhe impõe um terreno determinado, que a história lhe indica um caminho preciso e que lhe cumpre manifestar uma cultura negra.

Aquilo que não é dito, é invisibilizado, por isso deve ser reverberado o que é dito e quem o diz. Para que assim, como no caso do racismo estrutural, por possa ser combatido e que as pessoas possam compreender que os termos que estão sendo replicados, estão errados, e que aqueles hábitos racistas precisam ser modificados. As pessoas precisam entender que é uma prática alienável e que o crime para o racismo é inafiançável.

Diante dessas assertivas, em relação ao branqueamento da raça negra, Abdias do Nascimento (2016, p. 69) é contundente ao escrever, elencando algumas categorias possivelmente pensadas pelos brancos numa tentativa de embranquecer o negro e a negra:

Para a solução deste grande problema – a ameaça da "mancha negra" – já vimos que um dos recursos utilizados foi o estupro da mulher negra pelos brancos da sociedade dominante, originando os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno, o pardavasco, o homem-de-côr, o fusco [...]. O crime de violação cometido contra a mulher negra pelo homem branco continuou como prática normal através das gerações (Nascimento, 2016, p. 69).

Nesse sentido, o autor usa a categoria *mulato*. Entretanto, afirma também que, “a posição do mulato essencialmente se equivale àquela do negro: ambos vítimas de igual desprezo, idêntico preconceito e discriminação, cercado pelo mesmo desdém da sociedade brasileira institucionalmente branca” (Nascimento, 2016, p. 69)

O autor traz em pauta, uma discussão reflexiva acerca da relação entre raça e imigração no território brasileiro. Aponta que a política de imigração adotada pelo Brasil, marcada por características hegemonicamente racistas, desempenhou um papel significativo no processo de embranquecimento da população brasileira, visando, sobretudo, utilizar-se desse instrumento, na marcha para o branqueamento da população negra no país, especialmente no que se refere ao genocídio do povo negro no Brasil. A miscigenação representada pelo mulato surge como o primeiro passo na estratégia de branquificação da população brasileira, sendo um marco inicial na supressão da raça negra brasileira (Nascimento, 2016; Santos, 2020).

Há uma defesa eugênica do branqueamento no viés psicanalítico sob à ótica de Francisco José de Oliveira Vianna em 1956. Essa teria criado dificuldades para que os

movimentos negros conseguissem unir afro-brasileiros em prol de uma identidade coletiva. Sabendo-se que a política de branqueamento vem formando parte da lógica racial, instituindo os modos de ser e de agir de muitos negros e negras, brancos e brancas (Vianna, 1956), faz-se necessário considerar os seus impactos na realidade subjetiva da população negra e também da população não negra em uma visão contemporânea.

Em consonância com essa assertiva, é necessário preocupar-se com o lugar que o branco ocupa nessas temáticas referentes às desigualdades e relações sociais brasileiras, pois ao realizar estudos e pesquisas, Bento (2016) observou um grande silenciamento por parte desse branco que se omite, ou que distorce, tanto nos debates, quanto na pesquisa e na implementação de programas institucionais que visam combater essas desigualdades que desencadeiam o racismo velado e desvelado. A autora segue afirmando que:

Nas pesquisas que viemos realizando com brancos desde 1994 (*Estudos sobre branquitude, USP, Projeto Oportunidades iguais para todos em Belo Horizonte, Equidade de gênero e raça no trabalho para mulheres e negros – Uma experiência na região do ABC paulista*) e nas questões que surgem nos debates com diferentes grupos (movimentos sindicais, feministas, empregadores, funcionários do poder público envolvidos com políticas de inclusão no trabalho) o que se observa é que, mormente as diferentes concepções e práticas políticas desses grupos, há algo semelhante a um acordo no que diz respeito ao modo como explicam as desigualdades raciais: o foco da discussão é o negro e há um silêncio sobre o branco (grifos da autora) (Bento, 2016, p. 29).

O que se observa após as considerações da autora citada é que após o sujeito branco silenciar-se sobre o papel que ocupa no contexto étnico-racial com vistas ao combate às desigualdades sociais e ao racismo, ele acaba se colocando no lugar de quem não precisa ir à luta, no tocante às causas sociais referentes ao negro e à negra. De quem se acomodou em sentir-se na situação de classe privilegiada, ou acreditar que esteja nesta situação.

Nesse cenário descrito, para Bento (2016, p. 29), “o que parece interferir neste processo é uma espécie de pacto, um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil”. Nesse âmbito, a ideologia do branqueamento vem sendo tratada pelos brancos como uma pauta apenas da comunidade negra. O sujeito branco se abstém de tratar do tema, o que acaba invisibilizando pautas de relevância que precisam ser tratadas, discutidas e dirimidas.

Muitos negros e negras por sofrerem racismo por denegação, acabam perpetuando essa ideia do branqueamento de forma inconsciente. Por isso, é preciso observar a relevância de ensinamentos concernentes às relações étnico-raciais em uma perspectiva decolonial, com vistas à afirmação da identidade negra contemporânea buscando superar a denegação por

racismo propiciando mudanças no sujeito. Entretanto, a denegação não é inocente. Tampouco pode ser confundida com o fenômeno do branqueamento.

Nesse cenário, sem deixar de dar ênfase aos estudos diaspóricos, é preciso pensar na literatura em uma perspectiva decolonial, pois seu conceito emerge no percurso de resistência e desconstrução de padrões, de conceituações e concepções cominadas aos povos subalternizados em um extenso período na história.

A decolonialidade, deste modo, “apresenta-se como luta e resistência contra os padrões de poder” (Oliveira; Lucini, 2021, p. 107) e existe há mais de 500 anos (Mignolo; Walsh, 2018). Padrões estes que são impostos por uma cultura hegemônica eurocentrada. Por conseguinte, de acordo com Walter Mignolo e Catherine Walsh (2018), a sua permanência insurge conforme se reafirmam as colonialidades. À vista disso, estes últimos autores mencionados, que são integrantes do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C)¹⁷, dentre outros¹⁸, criado no final da década de 1990, e autores como Frantz Fanon e Aimé Césaire, que produziram obras acerca da temática negra, (Oliveira; Lucini, 2021), todos eles, lutam, em uníssono, por igualdade racial, combate ao racismo e ao preconceito sociorracial.

Conforme Oliveira e Candau (2010, p. 24) apresentam, possuem por ação, a efetivação de “críticas de pensamento produzidas a partir da América Latina, assim como com autores de outros lugares do mundo, na perspectiva da decolonialidade da existência, do conhecimento e do poder”. Nesse sentido, segundo Mignolo (2010, p. 14), em sua abordagem decolonial informa:

Colonialidade e descolonialidade introduzem uma fratura entre a pós-modernidade e a pós-colonialidade como projetos no meio do caminho entre o pensamento pós-moderno francês de Michel Foucault, Jacques Lacan e Jacques Derrida e quem é reconhecido como a base do cânone pós-colonial: Edward Said, Gayatri Spivak e Hommi Bhabha (...).

Afirma ainda que, registra-se “a conceitualização mesma da colonialidade como constitutiva da modernidade é já o pensamento de-colonial em marcha” (Mignolo, 2008, p. 249). Busca-se compreender como a visão estereotipada eurocêntrica acabou deixando marcas/cicatrizes no homem e mulher negros que têm refletido nas mais diversas estruturas: de poder, econômica e no *modus vivendi* e modos de ser-pensar-saber, especialmente dos povos que vivem nos países latino-americanos. Por isso, é preciso decolonizar para reexistir. Nesse

¹⁷ A pedagoga da decolonialidade, Catherine Walsh, o semiólogo Walter Mignolo (Oliveira; Lucini, 2021, p. 98).

¹⁸ O sociólogo peruano Aníbal Quijano, o sociólogo Immanuel Wallerstein, o filósofo Nelson Maldonado-Torres, o sociólogo Ramón Grosfoguel e os clássicos do pensamento negro produzidos por Aimé Césaire e Frantz Fanon (Oliveira; Lucini, 2021, p. 98).

âmbito, o romance *Becos*, de Conceição Evaristo, pode ser lido como uma obra decolonial, pois reflete a resistência à opressão e à violência através da memória.

Muitas vezes, devido ao racismo estrutural já internalizado na sociedade, no imaginário coletivo, a mulher negra e o homem negro se veem de forma autodepreciativa. São momentos em que o homem e a mulher negra têm muitas incertezas, denegação e negações quanto às origens, como tonalidade da pele, textura do cabelo e traços faciais expressivos. São traços belos, mas não há estímulo para assim serem considerados devido ao racismo estrutural. São pautas que não podem mais ser engessadas, não mencionadas.

Quanto à denegação, é fundamental seguir o aconselhamento de Juciene Nascimento e João Botton (2021), quando afirmam que é necessário superar a denegação por racismo, buscando uma afirmação da identidade negra na contemporaneidade.

Dando sequência a sua autobiografia, Evaristo mostra as dificuldades e experiências que foi obrigada a passar devido às circunstâncias, desde a mais tenra idade; inclusive algumas se deram para que ocorresse uma mudança de vida, forjassem a sua identidade e fortalecessem o caráter, para sair da situação estacionária em que se encontrava e muito dos seus, também:

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos (Literafro, 2024, p. 4).

Sua mãe e tia eram lavadeiras, ela auxiliava na lavagem e entrega das roupas. Evaristo era doméstica, cuidava da casa e do corpo do outro e ainda ganhava uns trocados ajudando às crianças da favela a fazer os seus deveres de casa. Sempre que possível, fazia permuta: em troca dessas atividades, ela angariava algumas aulas particulares e livros para si e para seus irmãos. Aspectos de alteridade bastante presentes no romance *Becos*.

Observa-se nesse relato, a presença das mulheres lavadeiras fortes que ganhavam o pão de cada dia para criar os seus filhos. Mas, por que elas não mudavam de vida e buscavam outras alternativas de trabalho? A mesma profissão da vida real, também se presentifica em *Becos*, talvez por fazer parte da vivência da escritora.

As protagonistas das histórias contadas por Conceição Evaristo são mulheres negras que desempenham papéis como domésticas, mendigas, moradoras de favelas e prisioneiras. No entanto, elas são, acima de tudo, figuras de resistência, líderes e referências em suas comunidades (Duarte; Fonseca, 2011).

Mais adiante, na continuação do seu depoimento, Evaristo refere-se à doçura da mãe, mesmo criando quatro filhas sozinha, conforme descreve neste excerto:

Em compensação, sei um pouco mais, daquele que considero como sendo meu pai. Dele sei o nome todo. Aníbal Vitorino e a profissão, pedreiro. Meu padrasto Aníbal, quando chegou a nossa casa, minha mãe cuidava de suas quatro filhas sozinha. Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, Maria da Conceição Evaristo e Maria de Lourdes Evaristo. Bons tempos, o de nós meninas. Minha mãe se constituiu, para mim, como algo mais doce de minha infância. O que mais me importava era a sua felicidade. Um misto de desespero, culpa e impotência me assaltava quando eu percebia os sofrimentos dela. Minha mãe chorava muito, hoje não. Tem uma velhice mais tranquila. Meu padrasto completou 86 anos e vive ao lado dela. Depois das quatro meninas, minha mãe teve mais cinco meninos, meus irmãos, filhos de meu padrasto (Evaristo, 2009 *apud* Literafro, 2024, p. 4).

Evaristo (2009) vivenciou a presença do sofrimento e do choro de sua mãe, e se via impotente na resolução dessa situação. Entretanto, descreve que, na velhice, sua mãe já não mais chorava tanto, talvez devido à presença do padrasto – o qual considerava seu pai – que continuou firmemente ao lado da sua mãe, amparando as quatro Marias (Conceição e suas irmãs e a mãe Joana) e os cinco filhos homens que sua mãe e seu padrasto tiveram juntos.

Em um outro trecho, Conceição faz um relato da ausência do seu pai que foi suprimida – um pouco – pela presença do seu padrasto:

A ausência de um pai foi dirimida um pouco pela presença de meu padrasto, mas, sem dúvida alguma, o fato de eu ter tido duas mães suavizou muito o vazio paterno que me rondava. Aos sete anos, fui morar com a irmã mais velha de minha mãe, minha tia Maria Filomena da Silva. Ela era casada com Antonio João da Silva, o Tio Totó, viúvo de outros dois casamentos. Não tiveram filhos. Fui morar com eles, para que a minha mãe tivesse uma boca a menos para alimentar. Os dois passavam por menos necessidades, meu Tio Totó era pedreiro e minha Tia Lia, lavadeira como minha mãe. A oportunidade que eu tive para estudar surgiu muito da condição de vida, um pouco melhor, que eu desfrutava em casa dessa tia. As minhas irmãs enfrentavam dificuldades maiores (Evaristo 2009, *apud* Literafro, 2024, p. 4).

Evaristo demonstra em seu depoimento, que a presença de duas mulheres, a sua mãe Joana e sua tia Maria Filomena, amenizavam a ausência paterna. Sua tia era esposa do Tio Totó, cujo nome, não por acaso – pois tudo na obra foi pensado –, foi mencionado no romance *Becos da memória*, como sendo o tio da protagonista/narradora Maria-Nova. Atribuiu a estadia na residência da sua tia, a sua oportunidade de estudar, o que não ocorria com suas três irmãs, que residiam em casa de sua mãe, onde havia menos oportunidades de estudo.

De acordo com Angela Langa e Denise Silva (2015, p. 81), em relação a *Becos*, nesse romance memorialista, “Evaristo pode ter sido inspirada em uma ambiência e experiência reais, pelo fato ter vivenciado a desocupação de uma favela na qual morava, e pela coincidência de nomes de alguns dos personagens com pessoas próximas à autora, como seu Tio Totó”.

Conceição relata uma situação contundente em seu depoimento, que pode ter desencadeado um trauma devido à condição de miserabilidade e exclusão social, à necessidade de sobreviver diante das adversidades e dificuldades que perduravam cotidianamente:

Conseguir algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós. E no final da década de 60, quando o diário de Maria Carolina de Jesus, lançado em 58, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhanamente para as nossas mãos. Restos. (Evaristo, 2009 *apud* Literafro, 2024, p. 4-5).

Viam-se presentes, situações de alteridade ante ao caos vivenciado na ambiência escolar, o *apartheid*, a divisão por classes dos mais abastados, dos mais inteligentes, o rompimento com o padrão de desigualdade, a resiliência e a resistência:

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um “apartaid” escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas [...]. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o Curso Primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. Entretanto, ao ser muito bem aprovada da terceira para a quarta série, para minha alegria fui colocada em uma sala do andar superior. [...]. Eu, menina questionadora, teimosa em me apresentar nos eventos escolares, nos concursos de leitura e redação, nos coros infantis, tudo sem ser convidada, incomodava vários professores, mas também conquistava a simpatia de muitos outros. Além de minhas inquietações, de meus questionamentos e brigas com colegas, havia a constante vigilância e cobrança de minha mãe à escola. Ela ia às reuniões, mesmo odiando o silêncio que era imposto às mães pobres e quando tinha oportunidade de falar soltava o verbo (grifo da autora) (Evaristo, 2009 *apud* Literafro, 2024, p. 5).

Ao longo do seu depoimento, em sua busca incessante de ser quem nasceu para ser, ela ia se firmando como uma menina valente, estudiosa, amante das letras, e bem pequena, com 10 ou 11 anos, teve a oportunidade de conhecer um tio materno, Osvaldo Catarino Evaristo. Estudioso, lutou na Itália, servindo à pátria na Segunda Guerra Mundial, era poeta, desenhista, artista plástico e questionador acerca da situação do negro no Brasil. Ele deu a Evaristo, as

primeiras lições de negritude. Aos 17 anos, Evaristo já enfrentava discussões relacionadas à realidade social brasileira. As questões étnicas começaram a ser pauta das discussões evaristianas na década de 1970, no Rio de Janeiro.

Anteriormente à ida ao Rio de Janeiro, ainda em Belo Horizonte, em 1971, Conceição Evaristo e sua família sofriam um real desfavelamento/despejo na favela Pindura Saia, ocorrido em sua infância. O tema do desfavelamento foi bastante discutido pela autora do romance *Becos* sob à luz de Maria-Nova, narradora pré-adolescente, que contava o que ocorria em sua visão e, também, em conformidade às histórias compartilhadas pelos moradores da favela sem nome. Com embasamento nesse romance, portanto, a autora compartilha a sua vivência, retratando o cotidiano de uma outra favela, sendo esta vertical, a Pindura Saia, em uma fusão entre escrita e vida.

A seguir, as imagens reais da antiga favela Pindura Saia, onde Evaristo morava em Belo Horizonte, que existia no local onde foi expandida a Avenida Afonso Pena após a praça Milton Campos (Imagem 07). Segundo Melo (2012, p. 20), “a favela Pindura Saia não foi totalmente erradicada. Existem três núcleos remanescentes, as chamadas Vila Santa Isabel, Vila Fumec e Vila Pindura Saia”. Tracejado de vermelho, vê-se o território da favela Pindura Saia.

Imagem 07: Limite Original da Favela Pindura Saia.



Fonte: Acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH/ASCOM (2011).

Vê-se na Imagem 08, um recorte da favela em 1965. Junto ao processo de desfavelamento da favela Pindura Saia, as obras de infraestrutura, como a construção da Avenida Afonso Pena, foram fundamentais para transformar uma área que anteriormente era periférica em um espaço centralizado.

Imagem 8: Favela Pindura Saia - 1965.



Fonte: Acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte - APCBH/ ASCOM (2011).

Nesse sentido, Pierre Bourdieu (1997) afirma que a posição de um agente dentro do espaço social reflete diretamente em sua localização física. Em outras palavras, Bourdieu (2013, p. 134) afirma que “o lugar e o local ocupados por um agente no espaço físico apropriado constituem excelentes indicadores de sua posição no espaço social”.

Vê-se, portanto, que a valorização desse espaço impulsionou a ascensão social de determinados grupos, no entanto levou à expulsão de outros, de acordo com aspectos como ocupação, renda e nível educacional. Desse modo, os antigos moradores da favela Pindura Saia foram escorraçados das suas casas, enquanto os que passaram a viver na região recém-modificada alcançaram uma nova posição social, determinada pelas mudanças e melhorias no espaço (Melo, 2012).

Ao mesmo tempo, novos residentes se instalaram, caracterizados segundo a classificação de Luiz César Ribeiro (2008), como pertencentes às classes mais elevadas, possuidoras de alto poder aquisitivo; melhor dizendo, donos de significativas parcelas de capital

econômico, social e simbólico, sendo estes, os moradores das classes dominantes nas áreas conhecidas como zona sul.

Observa-se aqui, a importância da literatura-testemunho em um cenário social permeado por conflitos urbanos, sendo o desfavelamento, uma realidade social frequentemente ignorada pelas mídias ‘ditas’ tradicionais, evidenciando as dramáticas violações de Direitos Humanos enfrentadas por aqueles e aquelas que viviam e vivem em situações de vulnerabilidade (Clark, 2017).

A narrativa de *Becos* se desenrola em meio à marcha do desfavelamento realizada pelos tratores de uma construtora, que, como "monstro pesadão", como descreve Evaristo (2018), gradualmente forçava a saída dos moradores e devastava os barracos. A autora, acerca deste fato mencionado, comenta em um excerto: “Os tratores continuavam firmes o trabalho na favela. O dia inteiro era um infernal barulho. Um sobe-desce, um vai e vem do **monstro pesadão**. Os terrenos em declive, os buracos, os restos de barracos eram soterrados rapidamente” (grifo meu). (Evaristo, 2018, p. 122).

Em continuidade ao descrito, tem-se um trecho acerca desses “monstros” na narrativa de Maria-Nova em sua observância aos sentimentos de Tio Totó em relação ao processo de desfavelamento:

Tio Totó escutava os barulhos dos tratores desejando ensurdecer. Aos poucos foi rareando as idas ao armazém de São Ladislau. Para chegar ao armazém, era preciso atravessar uma área da favela em que o bicho andava solto, arando, derrubando tudo e todos [...] Deus meu! O que aconteceu com a sua vida? Aconteceu tudo e nada. Agora ali, o corpo pedindo terra e ele assim tão vazio [...] As dores-lágrimas lavaram a face de Tio Totó pela primeira vez, quando naquela noite os carrinhos-trator dos homens-vadios-meninos se beijaram mortalmente. E depois disto Tio Totó chorava sempre (Evaristo, 2018, p. 123-124).

Nesse contexto, Tatiana Melo (2012, p. 6) afirmou que “a quase completa extinção da Favela Pindura Saia ocorreu na década de 1970, sob o vigor da Política de Erradicação de Favelas executada pelo órgão municipal CHISBEL”. Entretanto, em setembro de 1971, quando ocorreu a criação da Companhia de Habitação e Interesse Social de Belo Horizonte (CHISBEL), inspirada na Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio¹⁹ (CHISAM), no Rio de Janeiro, era exatamente com a missão de planejar e implementar a erradicação de favelas na cidade.

Nesse cenário apresentado, em contraponto ao descrito, Luciana Ostos (2004, p. 46), mencionou que “a CHISBEL planejava o total desfavelamento de Belo Horizonte, através de um convênio entre o BNH [Banco Nacional da Habitação] e COHAB - MG [Companhia

¹⁹ Antigo Estado da Guanabara, no Rio de Janeiro.

Habitacional do Estado de Minas Gerais], para construção de moradias”. Já Melo (2012, p. 38) segue afirmando, que este desfavelamento ocorreu para que houvesse “a abertura de vias e liberação de área para a construção do Mercado Distrital do Cruzeiro”.

Em 1955, quase duas décadas anteriores à criação da CHISBEL, foi criado o Departamento Municipal de Habitação e Bairros Populares (DMH), em Belo Horizonte, tendo como objetivo a "recuperação moral e econômica dos moradores das favelas, através da eliminação dessas áreas e sua substituição por bairros populares e habitações de baixo custo" (Gomes; Lima, 1999 *apud* Ostos, 2004, p. 39).

Percebe-se que essas ações promoveram mais o desfavelamento do que, propriamente, o planejamento de construção de novas moradias para os desfavelados, como prometido pela CHISBEL. Os responsáveis pela construtora diziam aos moradores, que eles seriam indenizados e comprariam lotes e teriam a casa própria. No entanto, devido à submissão total da CHISBEL a outros setores de planejamento, acabava acatando a decisão da Prefeitura de construir na área da favela, imóveis mais valorizados, removendo/expulsando os habitantes do seu território e levando-os às áreas mais periféricas da cidade.

Desse modo, tinham que recomeçar as suas vidas com uma irrisória ou nenhuma indenização, que os fazia viver em uma situação mais precária que a anterior. A alegação da construtora, de acordo com Melo (2012, p. 128) era que eles teriam uma “mudança de status de morador da favela para morador da casa própria, incentivando a compra de lotes”. O fato real é que eles teriam que recomeçar, construir novamente a sua moradia, e ainda, com poucos recursos da indenização irrisória, quanto esta ocorria.

A partir dessas informações, verifica-se que Evaristo passou por um desfavelamento em Belo Horizonte, que a transformou, deixou marcas, dores, cesuras e, assim, transcreveu parte do que experienciou, em seu romance memorialista, *Becos da memória*, descrevendo os horrores de sofrer uma desterritorialização. Para Ribeiro (2008), essas remoções trataram-se de uma desonra social e violência simbólica.

De acordo com Haesbaert (2003, p. 113), “a desterritorialização é considerada uma das características mais significativas do nosso tempo”. O autor aponta que as dimensões política e cultural estão entrelaçadas nos processos de desterritorialização. Esse fenômeno pode se manifestar de maneira simbólica, envolvendo a eliminação de símbolos, marcos históricos e identidades, ou de forma mais concreta, material, política e/ou econômica, resultando na desarticulação de antigas conexões e fronteiras econômico-políticas.

O autor segue afirmando que a desterritorialização não acontece quando alguém perde um espaço específico, do sentido territorial das sociedades, no entanto significa a maneira como

um grupo ou sujeito perde poder, controle ou o acesso ao seu território. Nessa perspectiva, a desterritorialização acontece quando alguém perde seu espaço de forma voluntária ou forçada, muitas vezes de maneira violenta. Isso significa perder o controle sobre seus territórios pessoais ou coletivos, ter dificuldades de acessar recursos, bens ou espaços econômicos e simbólicos. (Haesbaert, 2009). Em um significado social, a desterritorialização seria “não ser”.

Conforme Enes e Bicalho (2014), para compreender o conceito de desterritorialização, apela-se às ideias do filósofo francês Gilles Deleuze, que em uma entrevista menciona:

[...] construímos um conceito de que gosto muito, o da desterritorialização. [...] precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte (Deleuze *apud* Haesbaert, 2009, p. 99).

Em *Becos*, a escritora Evaristo menciona trechos relacionados aos sentimentos da narradora Maria-Nova acerca do desfavelamento ocorrido: “Ameaçados, ou melhor, confrontados diante do desfavelamento, um desânimo amolecia a vontade de todos. Emoções confusas tomavam conta de Maria-Nova e a menina procurava se equilibrar em meio de tantos acontecimentos” (Evaristo, 2018, p. 130). Possivelmente, esses eram os sentimentos da própria escritora diante do desfavelamento de outrora, ocorrido com a sua própria família na favela Pindura Saia em Belo Horizonte. Diante de tantas dificuldades vivenciadas, para Evaristo, a literatura a perseguia como uma catarse, um escape, uma mudança de vida, uma mudança de *status quo* dos sofrimentos e traumas vivenciados:

Entrar para a carreira de magistério, naquela época, dependia de ser indicado por alguém e as nossas relações com as famílias importantes de Belo Horizonte estavam marcadas pela nossa condição de subalternidade. Aliás, nesse sentido, gosto de dizer que a minha relação com a literatura começa nos fundos das cozinhas alheias. Minha mãe, tias e primas trabalharam em casas de grandes escritores mineiros ou nas casas de seus familiares. Digo mesmo que o destino da literatura me persegue [...] (Evaristo, 2009 *apud* Literafro, 2024, p. 6).

Evaristo conta em seu depoimento, que vivia rodeada de pessoas, livros e que aprendeu a colher palavras. E em seu processo de escuta, ouvia relatos orais dos seus familiares, eles contavam histórias, experiências, vivências, escrevivências:

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espaço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semialfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos

serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papéis, passei a ler para todos. Ali pelos meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo. Escrevíamos também, bilhetes, anotações familiares, orações (Evaristo, 2009 *apud* Literafro, 2024, p. 6-7).

Mesmo diante dos traumas da infância, Evaristo rompia as dificuldades vivenciadas e com alteridade, conceito já visitado, superava o medo e seguia em frente, descortinando as adversidades encontradas pelo caminho. A escritora desabrochava na sabedoria de menina-moça virando mulher, buscando eternizar, através da escrita, aquilo que era efêmero. Assim brotava a sua veia memorialista:

Se naquela época eu não tinha nenhuma possibilidade concreta de romper com o círculo de imposições que a vida nos oferecia, nada, porém freava os meus desejos. Eu menina, dona de uma tenaz esperança e de uma sabedoria precoce, reconhecia que a vida não poderia ser somente aquele pouco que nos era oferecido. Se muito de minha infância pobre, muito pobre, me doía, havia felicidades também incontáveis. As margaridas, as dalias e outras flores de nosso pequeno jardim. As frutas nos pés a matar a nossa fome. Os bolinhos de comida que mãe amassava com as mãos e enfiava em nossas bocas. As bonecas de capim ou bruxas de panos que nasciam com nome e história de suas mãos. O céu, as nuvens, as estrelas, sinais do infinito que minha mãe e tia nos ensinaram a olhar e a sentir. E desse assuntar a vida, que foi ensinado por elas, ficou essa minha mania de buscar a alma, o íntimo das coisas. De recolher os restos, os pedaços, os vestígios, pois creio que a escrita, pelo menos para mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero [...] (Evaristo, 2009 *apud* Literafro, 2024, p. 7).

Nesse trecho do depoimento, busca confundir a si mesma e ao leitor. Ora afirmando que a sua escrita é ficção, ora mencionado que é realidade. Ou não? Refere-se, portanto, neste trecho do seu depoimento, ao romance memorialista *Becos da memória* e a *Ponciá Vicêncio* e também, alude ao livro de contos, *Olhos d'água*, através da personagem Davenga:

Nesse sentido, o que a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento. Inventei, confundi Ponciá Vicêncio nos becos de minha memória. E dos becos de minha memória imaginei, criei. Aproveitei a imagem de uma velha Rita que eu havia conhecido um dia. E ainda desses mesmos becos, posso ter tirado de lá Ana e Davenga. Quem sabe Davenga não era primo de Negro Alírio? E por falar em becos da memória, voltei hoje de manhã à Rua Albita. Outra. Dali só reconheci a terra. Sim a terra, o pó, o barranco sobre o qual está edificado o “Mercado Cruzeiro”, no final da rua. (...). Em um ponto qualquer daquele espaço, literalmente está enterrado o meu umbigo. Sem que ninguém percebesse alisei o chão e catei alguns fragmentos. Tive um desejo louco de tocar as minhas mãos com a boca. Era ali que a minha mãe desenhava o sol para chamá-lo à terra, quando tempo estava encharcado de chuva e as nossas latas vazias de alimento (Evaristo, 2009 *apud* Literafro, 2024, p. 7-8).

Nesse excerto, pode-se observar as fronteiras da ficção, em que Evaristo explora aspectos que reconsideram/questionam o lugar do/a autor/a. Em *Becos*, a representação da alteridade é registrada em um paradoxo, entre a interpretação do outro e a repetição de uma linguagem que se volta para si mesma. Para Diana Klinger (2006, p. 6), “na autorreflexão sobre o conceito de representação, [...] a narrativa contemporânea se situa numa posição ambivalente entre a ficção e a não ficção”.

Percebe-se na escrita de Evaristo, inclusive em *Becos*, fortes marcas autobiográficas. Além das mencionadas por ela nesse depoimento, em que alega que aproveitou uma imagem de uma velha Rita que conheceu um dia; que Ana Davenga (do livro de contos *Olhos d'água*) pode ter existido e seria primo do Nego Alírio (personagem presente em *Becos da memória*).

Também pode ser observada nestes excertos do romance em estudo, a presentificação dessas marcas autobiográficas na escrita de si e na escrita do outro, especialmente quando a escritora traz em pauta, as lavadeiras (sua mãe e tia eram lavadeiras): “Maria-Velha sempre lavava roupa e buscava água em torneiras públicas e Mãe Joana, apesar de tantas freguesas de roupa, faltava-lhe dinheiro, tinha tantos filhos [...]” (Evaristo, 2018, p. 41).

Com relação à autobiografia ou ao sujeito autobiográfico, Philippe Lejeune (1980, p. 236) afirma em seus escritos que “[...] quem decide escrever sobre a sua vida se comporta como se fosse o seu próprio escritor fantasma”²⁰ (tradução minha). E ele lembra que afinal “somos sempre vários quando escrevemos, mesmo sozinhos, até a nossa própria vida [...]”²¹ (tradução minha).+ (Lejeune, 1980, p. 235).

Vale salientar que, quando se refere à Conceição Evaristo, a sua forma de escrita se trata da interação entre memória, texto oral e forma genérica. A autora faz questão de deixar que os seus leitores reflitam, se os seus romances, inclusive *Becos*, são autobiográficos ou não. Ela diz que inventa, cria, recria, em que nada é verdade e nada é mentira, uma vez que a sua história, a “escrevivência”, são escritas de sua vivência, melhor dizendo, “a escrita que se alimenta da experiência de vida da autora” (Evaristo, 2018, p. 4).

Ela menciona em um fragmento do capítulo “Da Construção de *Becos*”, que ao escrever o romance ali buscou “escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma escrevivência” (Evaristo, 2018, p. 11).

²⁰ *Toute personne qui decide d'écrire sa vie se comporte comme si elle était son propre nègre* (Lejeune, 1980, p. 236).

²¹ [...] *On est toujours plusieurs quand on écrit, même tout seul, même sa propre vie [...]* (Lejeune, 1980, p. 235).

Nessa confissão, a autora con(funde) o leitor, ao fazer a fusão da ficção e realidade em sua obra. Em outros momentos diz que ela é Maria-Nova menina, a narradora e protagonista do romance memorialista. Nesse cenário, afirma: “Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa de *Becos da memória*” (Evaristo, 2018, p. 11).

A escritora afirma que até as histórias reais, elas são inventadas, e que isto ela faz sem o menor pudor. Mesmo ao narrar um fato que efetivamente tenha acontecido, ela carrega no texto um espaço de profundidade, – que embora seja escrito em ficção –, leva o texto a ter uma carga de veracidade, devido as suas experiências vivenciadas.

Para finalizar o seu depoimento na *Literafro* (2024), mais uma vez, a veia memorialista evaristiana vem à tona e ela afirma que a poesia a visitava e ela nem sabia:

Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente: O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia... (Evaristo, 2009 *apud* Literafro, 2024, p. 8).

Percebe-se que para Evaristo, escrever é a solução para recuperar as suas experiências vivenciadas – “escrevivência” – e para resgatar as experiências de sujeitos que se viram expostos à dura pobreza, às adversidades, à sobrevivência, mesmo assim, não esmorecem à obstinação de continuar vivendo/sobrevivendo/resistindo, seguindo em frente, uma forma de se trabalhar a alteridade.

Isto posto, no subtítulo seguinte, por não poder adentrar em toda a extensa obra de Conceição Evaristo, viu-se à necessidade de escolher o romance aqui analisado, *Becos da memória*, que está perfilado com o tema proposto neste estudo para fazer um estudo da “escrevivência” evaristiana.

3.4 UM PASSEIO NA “ESCREVIVÊNCIA” DE EVARISTO: *BECOS DA MEMÓRIA* – CON(FUNDINDO) ESCRITA E VIDA

Aqui, destaca-se, com mais ênfase, o romance *Becos da memória* de Conceição Evaristo, por ser o utilizado no estudo. Dessa forma, busca-se enfatizar sua força narrativa ao tecer linhas e entrelinhas dando visibilidade às contramemórias coloniais ocorridas em solo brasileiro, trazendo memórias de dores, traumas, solidão e também, alteridade, identidade,

representatividade, encontrados algures na “escrevivência” evaristiana. São registros de feitos passados e atuais, teoricamente dignos de reconhecimento, sendo eles ficção ou realidade.

A ênfase, aqui é em relação ao romance memorialista *Becos*, objeto da pesquisa em pauta. Mas, a sua *Fortuna Crítica*, de uma forma ou de outra, traz a marca de uma escre(vivência) de uma autora negra brasileira, com personagens, em sua maioria, compostas de mulheres negras fortes e potentes, que indicam a conexão de um conjunto de livros que se comunicam, se entrelaçam, ora pelo gênero romanesco, ora pelo gênero conto. Vale salientar que,

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico literário noções classificatórias e conceituações da obra de poesia e ficção (Cutí, 2010, p. 12).

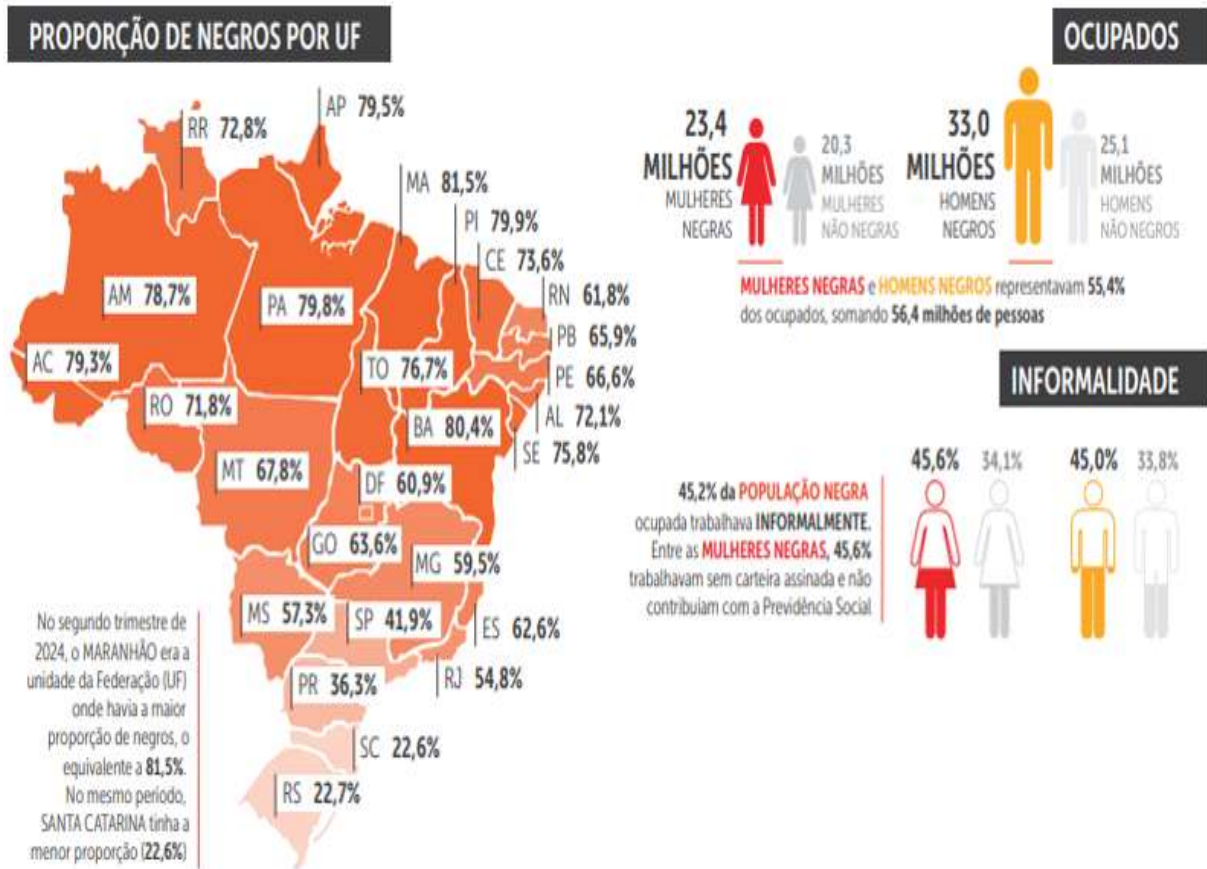
Em conformidade a essa temática de visibilizar o homem e a mulher negra enquanto escritores e personagens literários, faz-se necessário fazer referência a Abdias do Nascimento (2016) quando afirma que o racismo brasileiro se mantém ainda veemente, tornando inaudível muitas vozes da comunidade negra, invisibilizando-a. O que é paradoxal, uma vez que entre pardos e negros há uma população de aproximadamente 112,7 milhões de brasileiros (IBGE, 2023).

Em relação ao romance *Becos da memória*, na ambiência da favela em processo de desterritorialização, muitas vozes ecoam através das narrativas de Maria-Nova e outras são silenciadas por falta de escuta do eu e do outro. Muitas conversas são silenciadas devido à imposição da sujeição aos corpos negros.

Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do IBGE, correspondente ao segundo trimestre de 2024, a população negra do Brasil é majoritária, representando 56,7% do total populacional (IBGE, 2024). Os dados do Censo Demográfico de 2022, por sua vez, mostram que há aproximadamente 112,7 milhões de pessoas negras no país, sendo 20,6 milhões de pessoas identificadas como pretas e 92,1 milhões como pardas (IBGE, 2023).

Desde 2010, a população negra no Brasil tem crescido de forma significativa. Entre os que estavam empregados em 2024, os trabalhadores informais e os desempregados, as mulheres e os homens negros eram a maioria (IBGE, 2024) (Imagem 09).

Imagem 09: Proporção de Negros por UF.



Fonte: IBGE (2024).

Em 2022, cerca de 92,1 milhões de pessoas (ou 45,3% da população brasileira) se autodeclararam pardas, marcando a primeira vez, desde 1991, em que esse grupo se destacou. Outros 88,2 milhões (43,5%) se consideraram brancos, 20,6 milhões (10,2%) se autodeclararam pretos, 1,7 milhão (0,8%) indígenas e 850,1 mil (0,4%) se declararam da raça amarela (IBGE, 2023).

Esses dados comprobatórios demonstram que invisibilizar uma comunidade negra que detém a maioria populacional brasileira não deveria mais ser possível. Entretanto, é sabido que se escamoteiam os interesses do povo negro pelos veículos de comunicação de massa e, dessa forma, tem-se uma ilusão de que o país vive uma democracia racial, como afirma Gonzalez (2019), ou seja, parece haver uma convivência interétnica demonstrando que o negro e a negra no Brasil vivem no melhor dos mundos.

Dessa forma, busca-se aqui adentrar mais profundamente em *Becos da memória*, que é um romance em prosa, memorialista, escrito por Conceição Evaristo, publicado inicialmente em 2006, relançado em 2013, e possui uma versão mais atualizada, de 2018, da Editora Pallas,

sendo esta a apresentada na maioria das vezes, neste estudo, para exemplificação. A narrativa é povoada, principalmente, por sujeitos excluídos socialmente, os mais velhos e as mais velhas, jovens e crianças, meninos e meninas de rua, favelados, mendicantes, cachaceiros, desocupados (muitos deles, desempregados, sem oportunidades de trabalho), mulheres da vida, e aqueles que gostam de vadiagem, entre outros.

Os elementos da narrativa em *Becos*, de Conceição Evaristo, envolvem uma narradora principal, a menina Maria-Nova, de 13 anos, que conta a história de forma não linear e fragmentada. Ela traz também as vozes de outros personagens da comunidade, e a narrativa é construída baseada na memória e na oralidade.

O enredo é um aglomerado de histórias tristes e na maioria das vezes, infelizes e dramáticas, que mostram a exclusão social, o desfavelamento, a luta pela sobrevivência e os traumas deixados pela escravidão, traumas da diáspora. O cenário principal é a favela, um espaço de marginalidade, mas também de resistência e solidão-ridade, em que uma mulher negra acaba auxiliando a outra, unindo-se em torno do desamparo social e da luta em meio ao abrupto desfavelamento, uma marca da solidão-ridade.

Os fragmentos expostos em *Becos* combinam uma denúncia social com um lirismo de caráter trágico, levando o leitor ao mundo reservado das pessoas humilhadas e ofendidas. Esses sujeitos são retratados como sensíveis, marcados não só pelos traumas da exclusão, como também pelos seus desejos, lembranças e sonhos (Oliveira, 2010).

No contexto evaristiano, a palavra *Becos*, que faz parte do título do romance memorialista em estudo, *Becos da memória*, simboliza a forte ligação com a condição de pobreza das pessoas que vivem na favela, em becos que existem na favela. Na realidade, o romance busca evidenciar a representatividade do povo negro que habia esse locus, o povo simples, as lavadeiras, as donas de casa, o povo sofrido, o povo que luta e resiste. O que já é demonstrado logo no início da narrativa, em virtude da autora, Conceição Evaristo, principiar escrevendo uma homenagem póstuma às mais velhas, a sua avó Rita e às lavadeiras:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, [...] aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin (Evaristo, 2018, p. 27).

Desse modo, Evaristo anuncia quem são as pessoas que serão retratadas em seu romance memorialista. E ela não se nega a representar o povo oprimido, sofrido, o povo que trabalha e

luta em meio às adversidades. Nesse sentido, a autora assume o compromisso da representação no interesse da sobrevivência.

Nesse âmbito apresentado, Donna Haraway (1994, p. 253), informa que “é importante observar que o esforço de construir pontos de vista revolucionários, epistemologias como conquistas de pessoas engajadas em mudar o mundo, foi parte do processo de acentuar os limites da identificação”. Segue afirmando ainda que:

A luta teórica e prática contra a unidade através-da-dominação ou unidade-atravs-da-incorporação ironicamente corrói não só as justificativas do patriarcado, do colonialismo, do cientificismo e outros ismos, mas também justifica totalmente um ponto de vista orgânico ou natural (Haraway, 1994, p. 253).

Dessa forma, o ato de escrever, para Haraway (1994) é uma atividade demasiado séria, dado que está em jogo, a possibilidade de ocorrer a representação de uma comunidade, um povo, através das personagens de um livro ou do contrário, a negação dessa representação. A autora reitera que esses são pontos fundamentais em um discurso literário, a quem se representa e de que forma é representado.

O discurso literário é visto em uma imagem, que traz o pensamento de Mikhail Bakhtin (1981) nesse contexto, como um campo de batalha constante em que há embates/confrontos entre as variadas forças políticas que moldam os grupos sociais em uma comunidade. Notadamente em um local como o Brasil, onde há uma busca da representatividade negra no cenário brasileiro.

O romance *Becos da memória* foi escrito entre 1987 e 1988, delineando as memórias de uma favela em processo de expulsão de seus moradores, mostrando por meio das histórias cuidadosamente coletadas por Maria-Nova – protagonista e narradora de *Becos* – em um processo de escuta do eu e do outro, a forma como o desfavelamento afetava seus residentes, demonstrando não apenas a situação socioeconômica, mas também, a conjuntura sociorracial e emocional.

Os escritos de Evaristo abrem espaço para uma gama de experiências vividas por comunidades marginalizadas, onde os excluídos da favela brasileira se encontravam em fase de desapropriação, expulsão, em algum momento da década de 1980, presentificada no romance *Becos*. O enredo é lapidado pelo olhar de uma jovem-mulher-negra de apenas 13 anos, Maria-Nova, que auxilia na construção da narrativa do romance memorialista, tracejando as duras narrativas da comunidade negra que estava sendo desalojada de forma abrupta.

Assim, Maria-Nova buscava se encontrar nas narrativas e observações das vivências dos moradores da favela:

Assim nasceu a narrativa de *Becos* da memória. Primeiro foi o verbo de minha mãe. Ela, D. Joana, me deu o mote: “Vó Rita dormia embolada com ela”. A voz de minha mãe a me trazer lembranças de nossa vivência, em uma favela, que já não existia mais no momento em que se dava aquela narração. “Vó Rita dormia com ela, Vó Rita dormia embolada com ela, Vó Rita dormia embolada com ela...” A entonação da voz de mãe me jogou no passado, me colocando face a face com o meu eu-menina. Fui então para o exercício da escrita. E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova (grifos da autora) (Evaristo, 2018, p. 12-13).

Nos seus escritos, Conceição Evaristo afirma que a protagonista Maria-Nova do seu romance memorialista, foi quem a ajudou a lidar com memórias que iam e viam, ora completas, ora desfaceladas. Assim, a autora nos confunde com a personagem criada por ela, uma menina-moça de 13 anos, Maria-Nova, como se fosse a representação da autora-menina. A autora e a personagem se encontram amalgamadas e assim, juntas, demonstram a indignação ao experienciar a dor, a revolta e a amargura de seus familiares, suas amigas e seus amigos, companheiras/os, vizinhas/os, sendo forçados a deixar os seus lares. A autora rememora a sua vivência através da “escrevivência”. Mas, experiencia, também, as relações de amizade e ajuda mútua, com(partilhadas) entre os moradores da favela, de antes, em sua vida real e na do romance ficcional.

Isso contribui para a composição de um retrato de uma dada parcela da sociedade que mantém relações, ora sobrecarregadas, pesadas, ora mais brandas, com os da classe mais favorecida, composta de senhoras e senhores mais abastados, empresários, policiais, servidores e assim por diante.

O romance é composto por personagens como Maria-Nova (protagonista e possivelmente, uma manifestação ficcional da própria Conceição Evaristo, quem o sabe?), Maria-Velha, Vó Rita, Ditinha, Cidinha-Cidoca, Balbina, Filó Gazogênia, Negra Tuína, Tio Totó, Bondade e Negro Alírio. Personagens presentes em *Becos*, que explanam, no interior da proposta ficcional, o espaço marginal que a sociedade busca invisibilizar.

A narrativa de *Becos* se passa em algum lugar do Centro de Belo Horizonte. A protagonista é uma juvenzinha sensível e de olhar aguçado. No texto, o foco principal recai sobre esse olhar de Maria-Nova, que é a personagem central de *Becos*. Na maioria das vezes, é a sua narrativa que vai tecendo o texto; em outras, a terceira pessoa entra na narração, como se a protagonista quisesse se afastar do texto e apenas observasse de soslaio, os acontecimentos,

passando a contar a história acerca das vivências das outras personagens. Mas, sempre debruça o seu olhar melancólico ao desfavelamento e às angústias e sofrimento de outras vivências.

Desse modo, em uma narrativa acerca de Bondade e outras personagens, inclui a si própria como narradora observadora e não mais como narradora personagem, demonstrando o seu sofrimento com o desfavelamento: “Bondade sofreu muito com o desfavelamento. Ele, Tio Totó, Maria-Nova e algumas crianças foram talvez os que naquela época traziam o coração mais dolorido” (Evaristo, 2018, p. 25).

Em se tratando de *Becos*, a descrição da favela pelas linhas da autora Evaristo, nas entrelinhas da narradora Maria-Nova, é um local de construção da trama na desconstrução da vida, que dá voz às personagens que relatam as suas memórias, como Maria-Velha, Tia Totó, Bondade e outras.

Becos é um romance memorialista, pois faz uma forte alusão à memória urbana; e é cronótopo, uma vez que aborda a relação entre diferentes categorias de espaço e tempo. De acordo com o argumento de Giselle Beiguelman (2019), a memória urbana é, essencialmente, memória coletiva, já que é partilhada pelos moradores citadinos na maneira como eles vivenciam, simultaneamente, o espaço e o tempo.

Sob essa perspectiva, pode-se afirmar que a construção da memória individual é um processo em contínua transformação, que espelha a vida cidadina/urbana em todas as suas múltiplas facetas. A utilização da multiplicidade de narrativas acerca da vida das personagens e ainda, das histórias de vida que insurgem da favela ficcional, destaca o que Leonora Souza Paula (2020) diz acerca da “escrevivência” ser o projeto político de Conceição Evaristo.

Assim, a utilização de várias narrativas a respeito da vivência das personagens e a sobre(vivência) na favela, destaca o projeto político chamado “escrevivência”, cunhado por Evaristo. Ou podemos, também, dar a significação à “escrevivência”, de conceito teórico-literário. O objetivo desse projeto é colocar a mulher negra como protagonista de sua história e evidenciar a intensa conexão com a concepção de ancestralidade.

Segundo Anete Abramowicz, Tatiane Rodrigues e Ana Cristina Cruz (2011), ao passo que a história se encaminha, homens e mulheres envolvidos/as com o ser humano e as diversidades existentes, esquadrinham, em seus estudos, argumentos para o desenvolver deste sujeito, que é o elemento central da questão e resolução das reflexões políticas, sociais e pedagógicas vigentes. O que propicia a reflexão que se deve ter acerca das práticas vivenciadas/desempenhadas na história da sociedade antirracista.

Assim, Rodrigues e Abramowicz (2013, p. 17) enfatizam que:

Diante da crescente afirmação das identidades, a ideia de diversidade tornou-se acontecimento significativo, especialmente em sociedades geradas pelo colonialismo europeu, em que grupos e indivíduos reafirmam seus particularismos locais e suas identidades étnicas, raciais, culturais ou religiosas, chamando a atenção dos organismos internacionais a atributos da globalização que não são apenas socioeconômicos e tecnológicos.

No tocante à identidade, as pautas precisam se comprometer com a modificação e ascensão da população negra dentro da sociedade. Stuart Hall (2003) faz referência em sua obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, que a identidade de um indivíduo está entrelaçada à identidade coletiva.

No romance *Becos*, os moradores da favela experienciam os decursos do desfavelamento, assim, acabam por não pertencer a lugar algum, e a identidade coletiva acaba se desfazendo, o que leva ao comprometimento da identidade individual. A expulsão das moradias, o desfavelamento, estes fatos, entre outros, são contados sob o ponto de vista da jovem negra, Maria-Nova, demonstrando através de suas narrativas, que esses espaços se tornaram ambientes de inclusão de histórias que foram silenciadas pelos relatos de elaboração da memória urbana. O que se pode observar neste excerto:

A cada dia perdíamos mais pontos na favela. Havia caminhões levando mudanças o dia todo e todos os dias. O território nosso já se resumia ao quase nada. Os barracões eram derrubados com facilidade. O material que resistia ao abate era levado. Pedacos de tijolos, zinco, madeira, e às vezes, papelão (Evaristo, 2018, p. 149-150).

Desse modo, a história se circunscreve em uma favela, onde os sujeitos, os seus moradores, as mais velhas e os mais velhos, jovens e crianças, já afeiçoados e acomodados ao local em que residem, são forçados a se abster das suas residências e sair daquela localidade, pois com o desfavelamento, são obrigados a abandonar os seus lares e aceitarem um valor irrisório para reconstruírem as suas vidas em outro lugar, seja qual for. Assim, no sentido dado por Haesbaert (2003), a memória parece ser o único território seguro onde se possa (re)existir.

Isto posto, “o plano de desfavelamento [...] aborrecia e confundia a todos” (Evaristo, 2013, p. 63). Enquanto todos os moradores estavam ansiosos, tristes, desesperançados com a saída da favela de forma forçada, havia um, apenas um, Bondade, que paradoxalmente, parecia, às vezes, não se importar:

– Para que ter pouso certo? – dizia ele – Homem devia ser que nem passarinho, ter asas para voar. Já rodei. Já vivi favela e mais favela, já vivi debaixo de pontes, viadutos... Já vivi matos e cidades. Já vaguei, vaguei... Muito tempo estou por aqui nesta favela. Aqui é grande como uma cidade. Há tanto barraco para entrar, tanta gente para se gostar! (Evaristo, 2018, p. 24).

Bondade era um *bon vivant*, comia na casa de um e de outro, sem paradeiro, era um contador de histórias, amado por todos e amava a todos, não traía os amigos e nem mediava as intrigas dos moradores da favela, não era dado às intrigas, nem que o indagasse e o instigasse. Vivia intensamente em cada espaço que ocupava. Entretanto, mesmo sem parecer que se importava, sofreu muito com o desfavelamento. Seu coração, antes tranquilo, ficou cada vez mais dolorido.

Ninguém entendia ou queria entender o porquê de serem obrigados a deixar a favela, aquele lugar que já acreditavam que era seu por direito e por afetividade – territorialidade, era mais que um espaço, era o seu lugar de pouso, a sua moradia. Acerca de perder a favela, pois já se sentia dono do seu pedacinho de chão, Tio Totó, que já havia vivenciado diversas perdas, ao longo da sua vida, inclusive havia perdido nas águas do rio, sua esposa e filha, relata:

– Maria Velha, diz uns que a vida é um perde e ganha. Eu digo que a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder. Perdi Miquilina e Catita. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar, uma terra, que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... E hoje, agora, a gente perde um lugar de que eu já pensava dono. Perder a favela! Bom que o meu corpo já está pedindo terra. Não vou mesmo muito além. Se eu tivesse mais moço, começava em qualquer lugar novamente (Evaristo, 2018, p. 28).

A sensação de apego ao lar/favela era grande e já estavam inseridos/inseridas no contexto da favela de maneira territorial e de forma identitária. Conhecem a todas e todos, participam das poucas alegrias e muitas tristezas da vizinhança, das adversidades, dissabores, desamores, das lutas e pequeninas vitórias. Um desses momentos de alegria, era nas festas juninas, como ressalta Maria-Nova:

Além dos festivais de bola, um outro momento em que a favela respirava alegria era nas festas juninas. Numa casa ou noutra, se acendia uma fogueira. Colhia-se dinheiro de quem pudesse dar, comprava-se canjica e seus ingredientes, e estava tudo pronto para um encontro, para uma festa. Se viesse alguém que não tivesse participado com dinheiro, nunca lhe seria negado um prato (Evaristo, 2018, p. 42).

Esses momentos eram raros na favela. Ao focar no drama dos residentes da favela do romance *Becos*, que se encontra em processo de demolição, verifica-se o sofrimento constante de seus moradores, que vivem/sobrevivem sob a eminente sombra de serem despejados. Assim ocorria com Tio Totó: “– Maria-Nova, para que sirvo? A favela acabando, por que tenho de ir com vocês? Por que não parar aqui? Meu corpo pede terra” (Evaristo, 2018, p. 47).

A maioria dos sujeitos têm uma visão marginalizada da favela, mas os becos são os lares dos meninos de rua, das meninas descalças, das crianças livres, das mulheres que contam histórias dos seus ancestrais, as suas memórias, que cuidam das crianças; os lares das donas de

casa, das lavadeiras, das prostitutas, dos homens que visitam o bar, dos bêbados, dos sôfregos, dos mais velhos e das mais velhas, daquelas/es que vão à labuta para suprir as suas dores, seus traumas e sua solidão. Nesse excerto, vemos o trabalho incessante e duro de uma das categorias dos moradores dessa favela sem nome, as lavadeiras:

Filó Gazogênia sempre trabalhou. Quando estava boa de saúde, a filha saía para trabalhar e a velha ficava tomando conta da neta e ainda lavava roupas para fora. Ficava sempre perto de Maria-Velha e de Mãe Joana. As tinas das três moravam constantemente na torneira. [...] Nem levavam as tinas para casa, porque voltariam [...] sempre (Evaristo, 2018, p. 105).

A escritora Conceição Evaristo cria personagens memoráveis em suas histórias, representando uma parcela específica da sociedade, que poucas vezes se presentifica na literatura brasileira, as mulheres negras e homens negros. A análise do objeto *Becos* se deu através de uma abordagem metodológica que amalgamou a leitura atenta à “escrevivência” – o ato de escrever a partir das experiências vividas e do coletivo negro-brasileiro — com a análise da linguagem fragmentada e lírica mencionada nos excertos de *Becos*, do contraponto entre passado (memória) e presente (escrevivência) e da união de mulheres negras na reconstrução da memória coletiva e da identidade negro-brasileira em face da opressão e do apagamento histórico (solidão-ridade).

Conforme relata Araújo (2019), a partir de *Becos*, reflete-se como a memória das mulheres negras no Brasil foi construída na década de 1980, em uma conjuntura urbana de extrema pobreza e marginalização. Essas recordações/memórias/lembranças de Maria-Nova são a chave através da qual a conceituação teórico-literária da "escrevivência" de Evaristo, se manifesta no texto literário: as vozes das mulheres negras são representadas com suas próprias verdades, experiências felizes/infelizes, traumáticas ou não, distantes de estereótipos presentificados em múltiplos textos da literatura brasileira.

A autora centra o seu interesse na comunidade negro-brasileira, uma favela sem nome, abordando de forma direta, a pobreza e a violência sofridas. Não por acaso, mas de forma pensada e deliberada, a autora coloca uma protagonista feminina – Maria Nova – como figura principal que representa o cerne da sua escrita. E a autora dá ênfase à construção de uma personagem negra (narradora), especialmente impregnada de atitudes ético-estéticas.

4 AS VOZES QUE ECOAM NA FAVELA INOMINADA: “COMO A MEMÓRIA ESQUECE, SURGE A NECESSIDADE DA INVENÇÃO”

“Não se podem contar as imagens do passado nos dedos de uma mão, sequer nos de duas mãos”.

Mario Bretonne

Este capítulo traz em pauta, a junção da categoria memória com o discurso do lembrar, reverberando as vozes das personagens que ecoam na favela inominada, sendo esta, o espaço onde tudo acontece no romance *Becos da memória* de Conceição Evaristo. Seria a favela, uma personagem inanimada da autora?

A favela, seria, portanto, o espaço narrativo na experiência da escrevivência, como acenam Neuza Pereira de Oliveira (2022) e Leonardo Júnio Sobrinho Rosa (2025). Ou como faz menção, Djamilia Ribeiro (2019), ao afirmar que é um espaço de resistência e de luta contra o silenciamento. Ou como descreve Conceição Evaristo (2017, p. 2), ao assegurar que nesses espaços, a “nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”, sendo fundamental para que se possa definir a nós mesmas. Já Oliveira (2022, p. 7) alude que a favela é uma “precária alternativa de habitação, conseqüente do plano de excluir a população negra dos espaços urbanos e sociais”.

Para os moradores da favela, esse espaço era o seu território, em que a identidade de uma comunidade estava sendo construída, um espaço de territorialidade. Um espaço de relevância para a visibilidade das vozes marginalizadas e a luta contra o silêncio das mulheres negras.

Nesse contexto apresentado, para Saquet (2007), o território é mais que um espaço, é o local onde as relações sociais se manifestam e se apresentam de maneira desigual, contraditória e conflituosa. De acordo com o autor, a produção do território é um construto histórico, onde o espaço é apropriado e socialmente definido como uma consequência e condição do processo de territorialização. E conceitua a territorialização como o movimento do sujeito na produção do território. Nesse âmbito, reitera que,

[...] Território é um conceito complexo, substantivado por vários elementos: território é natureza e sociedade: não há separação: é economia, política e cultura; edificação e relações sociais; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental, etc. Em outras palavras, o território significa heterogeneidade e *traços comuns*, apropriação e dominação historicamente condicionadas; é produto e condição histórica [...]. É espaço de moradia, de produção de serviços, de mobilidade, de desorganização, de arte, de sonhos, enfim, de vida (objetiva e subjetivamente). O território é [...] diversidade e unidade, concomitantemente (grifo do autor) (Saquet, 2006, p. 83).

No que se refere ao romance *Becos*, a favela é um espaço discursivo memorialístico. Para os moradores, a favela é a sua moradia, onde constroem as suas casas e estabelecem as suas relações sociais, de trabalho, família e amizades, lazer e estudos.

O romance que retrata as vozes da comunidade, dá visibilidade a personagens como Maria Nova, Maria Velha, Bondade, tios, mães, negras e negros e outros sujeitos que habitavam os becos, resgatando não apenas suas vidas, mas também, as suas histórias de vida e suas visões de mundo.

De acordo com Fonseca (*apud Evaristo* 2018, p. 183),

As memórias subterrâneas, que constroem um trabalho de subversão mesmo delegadas ao silêncio, podem provocar, ao aflorarem, intensos ruídos na transmissão oficial dos fatos ou na forma como o social é construído a partir do represamento da experiência de pessoas que ocupam lugares periféricos ao plano arquitetônico dos grandes centros.

A junção da categoria ‘memória’ com a subcategoria ‘discurso do lembrar’ se deu porque são consonantes, ainda que possuam diferenças significantes. A ‘memória’ é a habilidade de guardar e armazenar informações na mente. Já o ‘discurso do lembrar’ é a forma de trazer essas informações à tona, evocando-as e expressando-as, seja de forma verbal ou escrita, como em um relato pessoal ou autobiográfico. Em síntese, a memória é o repositório de informações, melhor dizendo, um arquivo de dados; e o discurso do lembrar é a sua verbalização e reconstrução a partir do presente. Ou seja, o discurso do lembrar é o ato de recordar-se daquilo que foi armazenado na memória.

O discurso do lembrar, termo usado neste estudo, e não encontrado em outras dissertações, teses ou artigos, devido à originalidade do termo, fundamenta-se na análise do discurso de Foucault (2006), ao apresentar uma das maneiras de compreender como o saber e a memória se conectam e se instituem, impactando nos discursos das produções sociais.

Nesse sentido, o discurso do lembrar, baseia-se, também, na afirmação de Caregnato (2006), pois o discurso para a autora, ocupa-se com o sentido e não apenas com o conteúdo descrito no texto, formado pela combinação de ideologia, história e linguagem. Em consonância, Foucault (2008) explana que o discurso não é apenas um texto escrito, mas um conjunto de práticas sociais, tanto as práticas discursivas, quanto as não-discursivas, que auxiliam a moldar a maneira como as coisas são faladas e pensadas.

Desse modo, Evaristo utiliza-se da memória e do discurso do lembrar. Os seus textos proporcionam um lugar para um conjunto de vivências experimentadas por grupos excluídos, como os habitantes da favela brasileira em processo de despejo, cujo desfavelamento ocorreu

em um momento dos anos 1980, tal como é retratado no romance, possui o enredo da trama moldado pelo olhar de uma jovem negra, Maria-Nova, que contribui para as narrativas do livro.

O desfavelamento trata-se da remoção, deslocamento ou realocação, que ocorre quando, motivados pelas propensões do poder público e sob a alegação de promover melhoramentos urbanos, comunidades são deslocadas para outras regiões, na maioria das vezes, em áreas mais periféricas do que a anterior.

O romance aborda a vida de sujeitos distintos, mas com histórias e experiências sofridas, assim vivenciam algo em comum – o espaço em que moram, a favela. O contexto e a localidade em que as ocorrências e histórias se desenvolvem é essencial para compreender os episódios traumáticos que norteiam o romance memorialista. Portanto, é essencial à observância das interações entre os residentes, seus costumes e as características do cotidiano da favela para captar a profundidade do impacto causado pelo processo de expulsão dos moradores.

A forma como a memória ancestral é abordada na narrativa do romance e vivenciada pelos moradores em *Becos*, contribui para a preservação da história dos negros e negras brasileiros, as suas dores, cesuras, desamores, lutas, traumas, numa ótica antirracista e de resistência, através do desvelamento do que está sendo ocultado, acerca daquilo que pode ser sentido, mas não pode ser traduzido em palavras comuns.

4.1 O discurso do lembrar na “escrevivência”

A análise do discurso do lembrar e a “escrevivência” em *Becos*, atua como uma ferramenta de contribuição para o resgate histórico da negra e negro brasileiros, em uma perspectiva antirracista e de resistência, que busca revirar e expor, por uma nova roupagem, o que se pretende esconder em torno da abordagem do que não pode ser dito, mas fica nas entrelinhas, acabando por desvelar-se.

O discurso do lembrar revela as vozes que ecoam em gritos, dores, angústias e resistência dos becos e vielas das plurais favelas brasileiras, que se unificam na denúncia de uma realidade opressora e somam forças no intuito de mitigar os desmandos do Estado, principal exterminador de vidas pretas pobres faveladas.

Pensando na perspectiva do ‘discurso do lembrar’, Evaristo (2018, p. 16), em um excerto do romance *Becos da memória*, rememora aspectos vivenciais dos barracões da favela:

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem entendia nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando.

Essas lembranças na favela são cicatrizes, veias abertas de uma menina-moça que ora demonstrava o seu descontentamento com a situação apresentada; ora sentia nojo do que era obrigada a fazer. Lavar o sangue alheio, lavar os seus vestidos rotos com o sabão que sobrava, lavar roupas alheias. Vê-se uma crítica sociorracial nesse fragmento de texto. Os “molambos nossos”, termo mencionado no excerto, muitas vezes tinham a marca do corpo negro, do corpo das mais velhas, das mais novas, das jovens moças negras, das crianças.

No romance ficcional, Evaristo (2018) demonstra uma intensa relação com a ancestralidade. Para exemplificar, a autora aborda o tema da lavadeira, pois a sua mãe e sua tia eram lavadeiras. Em seus escritos, conforme abordam Rezende e Campos (2022, p. 2) em relação à “escrevivência” de Conceição Evaristo, informam que ela

[...] busca escrever (inscrever-se) a si e ao mundo em seu tempo-lugar, fixando-se para além do que avista e imediatamente retém, cuja gênese contempla as primeiras memórias de uma infância atravessada por tantas outras vozes de mulheres, segredos velados, histórias contadas à meia-voz, mazelas maceradas em peitos oprimidos.

Ao tratar da memória, nesse excerto, é preciso lembrar da menção feita por Jacques Le Goff (1990, p. 9), quando salienta que “o tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta”, sendo transmitida dos/as mais velhos/as para os/as mais novos/as pela tradição oral e segregada por histórias outras. Para o autor, é necessário considerar a historiografia e, também, a história dos indivíduos em sociedade.

Nesse sentido, vale ressaltar um acordo tácito entre alguns moradores da favela e os ricos que moravam em um bairro nobre. Cabo Armindo morava numa área ampla e privilegiada da favela, sua moradia se situava no centro de um terreno enorme. Ele fornecia o espaço para as festas de São João com quadrilha e fogueira. Alguns moradores diziam que ele apenas organizava a festa e cedia o espaço. Outros, que ele pagava toda a festa. E ainda alguns afirmavam que quem bancava tudo eram os ricos que moravam em um bairro nobre ao lado da favela, conforme apresentado no excerto:

Ele bancava toda a festa. Serviam-se canjica, doces, biscoitos, fogueira, batata-doce, quentão, tudo à vontade. Ninguém pagava nada. Diziam alguns que ele apenas organizava a festa e cedia o local, mas quem bancava tudo eram os ricos que moravam no bairro nobre bem ao lado da favela. Bancavam para que os favelados não os importunassem. Havia outros bairros perto de favelas em que as casas eram

constantemente arrombadas. Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e seus vizinhos ricos. *Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalho para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês.* Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política da boa vizinhança. (grifos da autora) (Evaristo, 2018, p. 45).

Vê-se neste excerto, a interação entre os moradores da favela com vizinhos ricos de bairros próximos, demonstrando a adequação dos dois grupos distintos para fazer a política da boa vizinhança naquele local, ora em benefício próprio, ora visando benefícios à comunidade.

As pontuações de Paul Ricoeur (2007) sobre a relevância dos locais para a memória são particularmente concernentes neste caso: ao se debruçar sobre a memória dos lugares, é possível resgatar o sentido da espacialidade. Conforme ele observa, o lugar não é neutro em relação àquilo que ocupa: “São alguns desses lugares notáveis que chamamos de memoráveis. Por estar a lembrança tão ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los” (Ricoeur, 2007, p. 59).

Evaristo compartilha da ideia de que, ao tecer um texto, ela não se desnuda de quem é, da sua identidade de mulher negra, oriunda das classes menos favorecidas, com vivência na favela Pindura Saia. Não se desnuda das suas memórias e identidade de mãe, escritora, entre outras substantivações, sendo assim, influenciada na constituição das suas personagens e dos seus lugares de moradia, bem como do desenrolar da trama da sua história.

4.1.1 Literatura e memória: “Era preciso seguir segurando a vida”

A memória influencia a literatura e a história – tanto da sociedade quanto de cada indivíduo – assim como a política, a linguagem, a cultura e a constituição da identidade de um espaço urbano, em se tratando da favela inominada, palco de acontecimentos das narrativas de *Becos da memória*, romance de Conceição Evaristo. Nessa perspectiva apresentada, para Le Goff (1990), a literatura é um documento histórico-social.

Oliveira (2022, p. 7) alude que a memória é um “registro do vivido, preservação e resgate de imagens ou reconstrução da experiência humana”. Segue afirmando que a memória da sua história pessoal, “a memória individual, se transforma em um conjunto de experiências compartilhadas por um grupo de pessoas e difundidas por um sujeito” (idem, p. 7).

Segundo Halbwachs (2003), através da memória coletiva, é presumível lembrar o passado através do pensamento. Em outras palavras, é possível reviver o passado nas

lembranças de cada indivíduo. Halbwachs (2009) ainda sinalizou que as memórias individuais muitas vezes têm origem nas memórias coletivas, pois são constituídas dentro de um grupo.

No contexto de *Becos*, vê-se que os moradores da favela carregam memórias que, mesmo não vindo do mesmo lugar, representam uma memória comum, coletiva, que é compartilhada com outros moradores. Essas lembranças envolvem momentos difíceis e angustiantes, que marcaram a história da população afrobrasileira que faz parte da comunidade negra. Sobre o descrito, Evaristo (2018, p. 10) afirmou: “Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia”.

A memória urbana é feita das lembranças citadinas, que aparecem através do espaço físico ou de registros históricos e documentais. Ela concebe uma mistura entre as memórias individuais e as coletivas de quem vive na cidade. Essas memórias vêm das experiências de cada um e têm uma ligação forte com o passado.

Diante do exposto, a Literatura negro-brasileira vem reveberando na atualidade, uma vez que muitos autores e autoras,

São homens e mulheres negros e periféricos que fazem sua própria história literária, social e antirracista, sobrevivendo no capitalismo, demandando o direito à literatura e os direitos de existir, de forma cada vez mais ampla e irrefreável. Se houve enormes retrocessos na vida brasileira recente, não foram inferiores às mudanças sociais que deixaram suas marcas entre nós, negros, como sociedade (Silva, 2023, p. 21).

Nessa perspectiva, “muitas vezes, o negro, como autor ou personagem literário também é tratado, na grande maioria das análises, como um objeto sociológico e histórico” (Silva, 2023, p. 21). Essa abordagem é uma forma de entendimento da literatura negra, de como ela se encontra profundamente ligada à formação social e à experiência da escravidão. Assim, ao analisar a obra, busca-se compreender através dos seus escritos, a vivência das mulheres negras, como Conceição Evaristo, e também, a sua produção artística, e não apenas as qualidades literárias de sua obra.

A formação do negro no Brasil foi assinalada pela escravidão e também, por uma experiência coletiva que colaborou por forjar a sua identidade e sua visão de mundo. Olhar sob uma perspectiva sócio-histórica ajuda a compreender como esses aspectos e experiências aparecem, se refletem nas obras. Muitas vezes, a literatura negra surge como uma forma de resistência, de afirmar a própria identidade e de denunciar o racismo. Por isso, é importante analisar o conteúdo dessas obras e as visões de mundo que elas apresentam em seus textos, a sua escrevivência (Silva, 2007).

Essa abordagem sociológica e histórica, não se trata somente de uma forma de olhar a literatura, entretanto, de uma maneira de entender a sua profundidade e o seu propósito, conhecendo que a experiência do autor e das personagens é fundamental para a sua formação e a sua significação no mundo.

Becos também mostra como o isolamento é um fenômeno afetivo e relacional, com significações tão variadas quanto o número de mulheres negras existentes. Esse isolamento faz parte das experiências dessas mulheres negras, levando em conta fatores histórico-sociais e raciais que influenciam suas vidas. O silenciamento forçado que é atribuído aos indivíduos que se encontram em situações adversas e de marginalização, aqueles que são preteridos, esquecidos em locais marcados pela violência, pode ser ouvido por meio de ações, como a escrita, que buscam revelar o que foi velado, o que registra a voz daqueles que experienciam vidas tão simplórias, que se arrastam na correria diária.

Com base na análise de *Becos*, em uma perspectiva estrutural, Evaristo (2018), a classifica como uma ficção da memória. Essa classificação se justifica pela mistura entre um trabalho memorialístico e elementos fictícios, que impulsionam a narrativa do romance literário. Nesse cenário, vê-se as lembranças de um tempo em que a memória evaristiana registrava cada circunstância vivenciada/sofrida, ainda que tenha mencionado no capítulo nomeado “Da construção de Becos”, que consta em seu romance, tal assertiva: “Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (Evaristo, 2018, p. 12).

A autora, dando ênfase a essa narrativa, continua sustentando uma análise paradoxal,

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira (Evaristo, 2018, p. 11).

Percebe-se, portanto, nuances de uma uma autoficção, no sentido pontuado por Hubier (2003), quando afirmou que “a autoficção é anfibiológica”, ou seja, pode ser lida como romance e como autobiografia, e continua afirmando: “[...] deixa ao leitor a iniciativa e a ocasião de decidir por ele mesmo o grau de veracidade do texto que ele atravessa²² (tradução minha). (Hubier, 2003, p. 125-126).

²² “*Laisse au lecteur l’initiative et la possibilité de décider lui-même du degré de véracité du texte qu’il lit*” (Hubier, 2003, p. 125-126).

Diana Klinger (2006, p. 6) salienta que “na autorreflexão sobre o conceito de representação, [...] a narrativa contemporânea se situa numa posição ambivalente entre a ficção e a não ficção”. A autora traz uma citação de Italo Moriconi (2005 *apud* Klinger 2006, p. 10) acerca do conceito de *escrita de si*, pois o autor acredita que “o traço marcante na ficção mais recente é a presença autobiográfica real do autor empírico em textos que por outro lado são ficcionais”. Desse modo, os discursos ficam na interface entre real e ficcional, portanto, ambíguo.

Teria, por conseguinte, o princípio da ambiguidade, em que há um jogo ambíguo referencial (é ou não é o autor?) e em relação aos fatos (são ou não, verdade?), aconteceu ou é invenção? (Faedrich, 2015), ou seria algo estabelecido de forma intencional pela autora Conceição Evaristo? Nesse aspecto, cabe ao leitor definir os limites entre a dicotomia realidade/ficção ou o entrelugar da performatividade da autoficção.

Para Leda Martins (2021, p. 72),

O corpo, na performance ritual, é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritos e timbres da vocalidade. [...] Nas performances da oralidade, o gesto não é apenas uma representação mimética de um aparato simbólico, veiculado pela performance, mas institui e instaura a própria performance. Ou ainda, o gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas, fundamentalmente, performativo.

A ideia de performance é fundamental quando se pensa a autoria negra, para suplantar a ideia de representação com que o ocidente utilizou para retratar a mulher e homem negros. Desse modo, de acordo com Renata de Lima Silva (2022), a concepção de performance negra pode ser entendida como uma dimensão estética e sinestésica do Movimento Negro, representando uma forma de expressão performática das vivências/experiências.

Como também abordado por Flavia Cristina Santos (2019), ela afirma que pode-se caracterizar a performance negra como um conjunto de comportamentos organizados que acabam por se manifestar em forma de criação, tanto em quem performa, quanto em quem presencia a performance, gerando uma conexão imediata com a ideia de negritude, que aqui é sinônimo de identidade negra.

Lembrando do que afirmou Foucault (1992), em uma citação no texto de Atanásio (2010), *Vita Antonii*, “a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo” (Foucault, 1992 *apud* Atanásio, 2010, p. 129). Nesse ínterim, o que se faz em uma escrita de si é, portanto, técnica de vida, real ou ficcional.

Por seu caráter limite e por sua capacidade de reencontro da história literária, amalgamada à pessoal, conforme aludiram as autoras Schons e Grigoletto (2008), o exercício da escrita de si, é uma cicatriz, uma vez que parte da noção de escrita como prática sócio-política, que visa uma articulação entre o linguístico-histórico-ideológico-inconsciente.

Observa-se que Evaristo (2018, p. 17) traz essa escrita de si em suas memórias romanescas como descreve em *Becos*: “[...] Homens, mulheres, crianças que amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela” (tais como, Maria-Nova, Vó Rita, Maria-Velha, Tio Totó, Bondade, Ditinha, Pedro Cândido, Balbina, Negro Alírio, Filó Gazogênia, Negra Tuína, Cidinha-Cidoca, as prostitutas, os bêbados, os malandros, as crianças de rua, as lavadeiras, entre outros e outras). Dessa forma, a narradora demonstra seu interesse em tornar visível, as histórias e narrativas dos moradores da favela inominada, que vivem à margem da sociedade devido a sua condição subalternizada.

Além de Maria-Nova, que é a protagonista da trama, outras personagens negras compunham a narrativa, tais como, Vó-Rita, Tio Totó, Maria-Velha, Mãe Joana, Bondade, dentre outros de igual relevância, trazendo cada um, as vozes que ecoam na favela inominada, as suas histórias ancestrais, a história local, transmitida de forma oral, entre os seus descendentes. A inclusão de algumas figuras masculinas negras como Tio Totó e Bondade, fez-se necessária pela relevância dada à escuta e reflexão dada a eles pela narradora e protagonista do romance, Maria-Nova.

Cada um/a com sua história presentificada pela escrita de si e de nós de Maria-Nova/Evaristo-Menina, acaba demonstrando que a autora criou um jogo de identificação e associa isso à “escrevivência”, a personagem narradora com a identidade e aos/as leitores/as, que ora percebem a autora como personagem observadora ou narradora observadora, ora como personagem participante ou narradora participante.

Nesse cenário apresentado, acerca do misto entre narradora e personagem, a autora afirma:

Quanto à aparência de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma escrevivência pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange (Evaristo, 2018, p. 13).

A autora segue assinalando, que buscou retratar a ficção em uma forma de descrever a realidade experienciada, trazendo a verdade – uma Maria-Nova, o seu eu-menina, narradora do seu romance, protagonista, uma personagem narradora. A narrativa traçada por ela em *Becos*,

assenta em uma vivência, que foi partilhada por ela e seus ancestrais. Evaristo (2018) afirma que escrever *Becos* foi buscar uma experiência escrita.

Frequentemente, os textos de Evaristo se direcionam aos invisibilizados que vivem em uma sociedade excludente caracterizada pela desigualdade e injustiça; inclusive a própria escritora já o fora, um dia, invisível. Nesse contexto, a favela se torna o panorama ideal para uma reflexão acerca das pessoas que são excluídas, marginalizadas, sulbaternizadas; não somente por motivos econômicos, mas também como afirma Quijano (2000), por demandas relacionadas à colonialidade do poder, que impõe uma classificação racial e étnica.

A colonialidade do poder, do conhecimento e do saber, tem sido historicamente eternizada pelas estruturas ideológicas e político-econômicas das classes dominantes globais, um sistema vigente na América Latina através da exploração, visto que a literatura afro-brasileira²³ carrega consigo lutas poéticas que evidenciam os despotismos habituais nutridos pelos grilhões da colonialidade (Vilarba, 2021).

Essa imposição de uma classificação étnico-racial traz fortes repercussões na formação social contemporânea de diversos países da América Latina, incluindo o Brasil (Silva, 2014). Uma das principais inquietações de Gayatri Spivak (2003) trata-se da dificuldade/impossibilidade que o subalterno enfrenta para se fazer ouvir e, conseqüentemente, ser ouvido.

Em *Becos* encontramos um convite para uma escrita que não marginaliza, operando em duas frentes: a primeira diz respeito ao sujeito negro, que muitas vezes luta a vida toda (ou não) para escapar de uma condição de liberdade aparente e, ao mesmo tempo, busca (re)afirmar o valor da mulher negra em uma sociedade que a oprime (Silva, 2014).

A obra é densa em dramaticidade e expõe a violência que permeia o cotidiano dos moradores da favela. O conceito de "escrivência" une a criação literária à existência, sobretudo pela perspectiva das mulheres negras, que desafiam a lógica eurocêntrica e questionam os padrões sociais vigentes.

Conforme Miranda (2019), a narrativa vai além da exploração do eu individual, expandindo-se para um eu coletivo. Conceição traça um mapa dessa intrincada rede geográfica que ela chama de senzala-favela, discutindo a invasão de construtoras, o trabalho desvalorizado e quase escravo, a dinâmica com os patrões, a submissão forçada e as desigualdades de classe.

Através da memória, Evaristo e suas personagens sublimam a desesperança e a dor para reexistir, não entregar os pontos, “seguir segurando a vida”, conforme relato de Maria-Nova:

²³ Foi mantido o termo “afro-brasileira” devido à fidelidade à citação de Vilarba (2021).

Maria-Velha escutava a fala lamentosa de Tio Totó e começava a achar que ele tinha razão. [...] Trabalho perdido reerguer os barracões que haviam caído. Trabalho perdido o de Negro Alírio ajuntar o pessoal e ir até à firma construtora explicar os nossos motivos [...]. Trabalho perdido ela ter saído da roça onde havia nascido com todos os seus irmãos e vir para a cidade buscar melhoria de vida. Trabalho perdido! [...] Mas não podia ser! Relembrou de seu avô chorando [...] e dos motivos da dor do velho. A saudade que ele dizia ter de sua filha Ayaba. Nas lembranças, encontrou sua mãe que tinha um lado do corpo esquecido e seu pai, o louco Luisão da Serra. Lembrou-se da pequena localidade em que havia nascido, Serra do Cipó, e viu a sua vida toda retorcida em dores, como um emaranhado cipó. Olhou Totó, seu companheiro, cada vez mais desesperançado e por isso mais e mais envelhecido. Não, ela não queria entregar os pontos. **Era preciso seguir segurando a vida.** Havia as crianças [...]. Não! A vida não podia ser assim sempre, uma repetição doida! Quem sabe, sair da favela, ir para outros lugares. Outra favela, talvez? Quem sabe, a vida tivesse e guardasse algum sentido?[...] (grifo meu) (Evaristo, 2018, p. 135-136).

Responsável por manter vivos os acontecimentos de outrora, a memória se destaca como uma das capacidades que possibilitam ao indivíduo resgatar suas vivências e compartilhá-las com os outros. Ao expor os sofrimentos do dia a dia das diversas famílias negras que moram nos barracos da favela, como foi o caso desse excerto, em que apresenta a desesperança de Maria-Velha e Tio Totó, a narradora Maria-Nova torna visível o cotidiano de labor, das lutas e aflições do povo negro. A vontade de recomeçar, seguir segurando a vida. Do contrário, tudo o que fizeram até aqui, foi trabalho perdido!

Um olhar acurado de Assemann (2011, p. 283) diz respeito aos impactos causados pelas memórias. Para o autor, “até mesmo as memórias/recordações mais pessoais, quando inseridas no contexto apropriado, podem gerar impactos sociais e políticos relevantes”. Essa menção pode ser enfatizada em um trecho retirado do “Posfácio: A força das palavras, da memória e da narrativa” de *Becos da Memória*:

Dar corpo à memória dos moradores da favela, caminhando em sentido contrário ao dos estereótipos que se colam à pele dos subalternos em nossa sociedade, é, portanto, uma estratégia de grande impacto político e cultural, já que permite ao leitor brasileiro, desamparado de uma tradição de representação das diferenças sociais e raciais em nossa cultura, aprender, como sugere Regina Dalcastagnè (2008), “um pouco do que é ser negro no Brasil”, e do que “significa ser branco em uma sociedade racista”. (grifos da autora). (Schmidt, 2018, p. 178).

Esses impactos sociais e políticos demonstram que a memória reconstrói. Essas lembranças surgem das vivências, pois estabelecem uma relação vital com o passado (Ginzburg, 2001).

Evaristo, em seu romance memorialista, deu visibilidade aos moradores da favela em processo de despejo, dando ênfase às lavadeiras, donas de casa, moças e moços pobres, trabalhadores ou não, sempre valorizando a luta, a resistência e expondo as agruras da vida dos sujeitos que se encontravam desesperançados, vivendo em situação de pré-desfavelados, muitas

vezes sem opção de vida, sem saber aonde morariam ou se teriam um local de dignidade para descansar a cabeça.

Em contraponto, Evaristo (2018) traz em sua *Literatura Negro-brasileira*, o contraste da vida dos negros e dos brancos, estes em situação de dominadores da situação, transformando a favela em amontoados de tábuas, concretos, empilhados de móveis velhos, destroços, sobrepujando à situação daqueles que só tinham a escolha de continuarem vivendo.

Mesmo assim, viviam de esperança em esperança, de fé em fé, de luta em luta e prosseguiam, resistiam, sobrevivendo com os arranhões e as memórias do trauma da diáspora, como vê-se no excerto: “Anos se passaram, o homem sem se rebelar, apenas a dor, o banzo alimentando a vida. Aqueles sinhôs se mudaram, venderam a fazenda com tudo. O homem ali, tanto fazia, pensava ele, qualquer branco, sorrindo ou não, é sempre sinhô” (Evaristo, 2018, p. 33). Desse modo, essa memória está sendo usada porque ela refaz a história, contando-a.

Na *Literatura Negro-brasileira*, é importante salientar que a evidência da história não contada oficialmente é a memória. Nessa perspectiva, Cuti (2010, p. 80-82) assevera:

Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. [...] O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais (Cuti, 2010, p. 80, 82).

Cuti (2020) continua afirmando que é fundamental entender que a literatura deveria ser acessível a todos, algo que, lamentavelmente, ainda está distante de se concretizar no início da terceira década do século XXI. E reafirma que evidenciar esse aspecto da literatura brasileira tem como meta similar à de outras áreas que trouxeram à tona elementos significativos da cultura nacional, os quais, devido a interesses de dominação ideológica, permaneceram silenciados por séculos ou décadas. Enfim, o Brasil é, sim, dos brasileiros, mas é preciso ressaltar que pertence a todos os brasileiros. Nesse cenário, segundo Cuti (2010, p. 14),

A literatura é um fazer humano. Quando é interpretada, avaliada, legitimada ou desqualificada, fica aberto o leque de sua recepção. [...] Certa mordaza em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por seguidas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênicas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado.

No saber do autor, conforme o excerto, a literatura ainda se encontra amordaçada no que se refere às questões raciais e ela precisa reverberar como um antídoto do veneno do racismo,

o estrutural, que está entranhado no imaginário coletivo. Vê-se que a literatura ainda oferece resistência à causa da mulher negra e do homem negro em sua totalidade.

Ademais, os interesses da população negra frequentemente são escamoteados pelos meios de comunicação de massa, criando a falsa impressão de que o Brasil desfruta de uma democracia racial. Essa ideia sugere uma convivência harmoniosa interétnica, levando diversos indivíduos a acreditarem que as negras e negros no país vivem em um cenário ideal.

Nesse aspecto, Evaristo (2018) traz em pauta no seu romance, a denúncia do sofrimento de uma população favelada, marginalizada, a maioria composta de negras e negros, sendo narrada sob o olhar e trajetória de Maria-Nova, uma menina de favela que testemunha os moradores sendo ameaçados de expulsão para a urbanização do local. Silva (2014) salienta que O livro *Becos da memória* é repleto de dramaticidade e evidencia a violência que faz parte do dia a dia dos habitantes da favela.

A autora do romance memorialista reverbera a história do povo negro através da memória real aliada à ficcional, trazendo em pauta, os dissabores, a luta, a resistência e a alteridade dos moradores da favela sem nome. Vê-se, portanto, a relação simbiótica de legitimização identitária na alteridade. E em relação aos moradores da favela, que precisam um do outro, pode-se usar a afirmação de Hall (2006) de que as pessoas interdependem para coexistir.

Evaristo trata no romance do processo de desfavelamento que ocorria outrora e sabe-se que ocorre até a atualidade. Mostrando que não são apenas as cenas do passado que são retratadas, mas também, uma denúncia do que vem ocorrendo com regularidade. O poder dos mais fortes sobrepujando os mais fracos – o das classes menos favorecidas, com menor poder aquisitivo. Mais uma vez, a história sendo contada pelo sujeito.

Sobre esse aspecto, “sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo” (Le Goff, 1990, p. 41).

Nesse âmbito, Evaristo, a escritora, que sofreu o processo de desfavelamento no passado, agora, no presente, através da protagonista Maria-Nova, em *Becos*, revela suas experiências na favela – desta vez, através da narradora de 13 anos –, e vai entrelaçando-as com as histórias que escuta dos mais velhos e das mais velhas e, aos poucos, vai integrando-as às suas próprias. Assim, é preciso analisar a construção memorialística presente no romance investigando como a memória é utilizada por Maria-Nova para moldar a narrativa. Além de narrar as experiências diárias, a protagonista e narradora do romance, traz à tona, as histórias

de vida dos residentes, reconstruindo suas memórias e concretizando esses relatos na sua narrativa. Como observa-se nesse fragmento:

Nunca consegui ver plenamente o rosto dela. Às vezes adivinhava a metade de sua face. Ficava na espreita, colocava a lata na fila da água ou punha a borracha na tina e permanecia quieta, como quem não quisesse nada. Ela aparecia para olhar o mundo. Ver as pessoas, escutar as vozes. E eu, de olhos abertos, pulava em cima (só os meus olhos). Eu não atinava com o porquê da necessidade, do querer dela em ver o mundo ali à sua volta. Tudo era tão sem graça. Grandes mundos! ...Uma bitaquinha que vendia pão, cigarro, cachaça e pedaço de rapadura. A bitaquinha era do filho dela. Ninguém gostava de comprar nada ali, o movimento era raro. Vendia também sabão, água sanitária e anil. E, fora a cachaça, estes eram os produtos que mais saíam (Evaristo, 2018, p. 15).

Em conformidade a esse excerto, a autora principia o romance deixando o leitor curioso, sem saber o porquê de tanto mistério com a pessoa que morava com a Vó Rita – a Outra – e mais adiante percebe-se que a Vó dormia emolada com ela. Algo que foge da perspectiva de entendimento de uma pré-adolescente como a Maria-Nova. Ela buscava marcas da Outra no corpo de Vó Rita:

Vó Rita dormia emolada com ela. E quando eu via Vó Rita minha curiosidade ardia. Eu olhava para Vó Rita de cima a baixo. Procurava alguma marca, algum vestígio da Outra em seu rosto, em seu corpo. Nem uma marca, nem um sinal. Entretanto, por maior que fosse minha curiosidade, eu guardava uma certa distância. Vó Rita me atraía, mas eu tinha medo, muito medo [...] (Evaristo, 2018, p. 26).

A memória atua como a porta de entrada para o passado. A memória é o único espaço para o sujeito reexistir. A memória é elemento crucial para a resistência. É a história contada pelo proprio sujeito. Nesse excerto, a autora entra em cena como narradora observadora e reverbera o sofrer de Maria-Nova, demonstrando a dororidade:

Maria-Velha parece que adivinhava os desejos de Maria-Nova. E, quando a menina estava para o sofrer, a tia tinha tristes histórias para rememorar. Contava com uma voz entrecortada de soluços. Soluços secos, sem lágrimas. Sabia-se que ela estava chorando pela voz rouca e pela boca amarga (Evaristo, 2018, p. 32).

A escrita simbólica de Evaristo conforme Santiago (2002) transmite uma sabedoria profunda sobre experiências/vivências, muitas vezes submetidas a circunstâncias brutais e traumáticas. Assim, sua “escrevivência” evidencia-se por meio de ações coletivas, em que as linhas matriciais e ancestrais, particularmente femininas, se tecem na idealização da memória.

Nesse âmbito, observam-se as narrativas memorialísticas amalgamadas à “escrevivência” evaristiana embalando os leitores com uma vivência entrelaçada em experiências doloridas, difíceis, que são exteriorizadas na escrita, expurgadas nas entrelinhas, numa tentativa de, através da memória escrita, resistir, (re)existir, mesmo em meio a dor, cesuras e traumas, pois é preciso seguir segurando a vida.

5 SOLIDÃO-RIDADE: O TRAUMA DA DISPERSÃO E A SOLIDÃO – A NARRATIVA DE CONCEIÇÃO

“Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela”.

Conceição Evaristo (2006, p. 21)

A Literatura Contemporânea e a Literatura Negro-brasileira, em boa parte dos seus escritos, está cada vez mais abordando o não-dito (Ferreira, 2018), ou seja, aquilo que fica velado na escrita, tais como, os aspectos da vida humana que englobam o inconsciente, angústias, traumas e solidão.

Especialmente no que diz respeito ao avanço tecnológico no mundo contemporâneo, que escancara o vazio da condição humana e a busca incessante pelo eu e pela cura de suas cesuras internas, evidenciando a presença de temáticas delicadas tratadas pelas narrativas literárias, como uma forma de aplacar sofrimentos ao expô-los e enfrentá-los. Nesse aspecto, relacionado ao vazio, Conceição Evaristo afirma: “E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas” (Evaristo, 2018, p. 13).

Em uma pós-modernidade intensamente visual e desconectada de tradições e do diálogo com gerações ancestrais (Santiago, 2002), a afirmação de um "nós" intergeracional representa um indício esperançoso de que a vida transcende o que é visível, dito ou escrito (Ferreira, 2018). Nesse âmbito, a intergeracionalidade, conforme Santos (2018), consiste na verdadeira partilha de conhecimentos entre as distintas gerações, em que existe um entusiasmo recíproco pelas experiências de cada sujeito, acompanhado de um respeito bilateral pelas tradições ancestrais e pela visão de mundo, sem quaisquer julgamentos.

Outrossim, a Literatura Contemporânea espelha, em suas ausências, mais e mais do que naquilo que explicita. Pode-se conjecturar, especialmente, em relação à negação dos saberes da cultura negra e o apagamento negro-feminino. Regina Dalcastagnè (2008) afirma que esse é o caso da população negra, que ao longo de séculos de racismo estrutural, tem sido afastada dos espaços de poder e de produção de discurso. Especialmente pelo fato do racismo estrutural encontrar-se mais acentuado quando se refere à mulher, pois vem carregado de estereótipos.

Já a Literatura Negro-brasileira vem despontando potentemente, trazendo visibilidade à comunidade negra, e é preciso que assim seja, pois são raros os autores negros e ainda, as personagens negras na Literatura Brasileira. De acordo com Dalcastagnè (2008), uma extensa

pesquisa realizada com romances das editoras nacionais mais renomadas publicados nos últimos 15 anos revelou que quase 80% das personagens eram brancas.

No entanto, várias obras têm se tornado bastante conhecidas e têm reverberado no cenário nacional, com grande visibilidade e respeito. São livros de autoria feminina negra, tais como o de Conceição Evaristo (2018), *Becos da memória*; Carolina Maria de Jesus (2014), *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*; Sueli Carneiro (2019), *Escritos de uma vida*; Maria Firmina dos Reis (1988) em *Úrsula*; bell hooks (1995) em *Intelectuais negras*; Grada Kilomba (2019) em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*; Lélia Gonzáles (2019) em *A democracia racial: uma militância*; Djamila Ribeiro (2017) em *O que é lugar de fala?*; Angela Davis (2016) em *Mulheres, raça e classe*. Nesse âmbito, essas autoras “nos mostram o quanto a escrita feminina negra é arrebatadora, transformadora, descolonizadora e liberta as mentes antes presas a uma visão eurocêntrica de mundo” (Silva, 2021a, p. 9).

Têm-se, ainda, as obras de autoria masculina negra, como as de Cuti (2012) em *Quem tem medo da palavra negro*; Munanga (2012), em *Negritude: usos e sentidos*; Itamar Vieira Júnior (2018) em *Torto arado*; Adão Ventura (1980) em *A Cor da Pele*. Nessa perspectiva,

A outra face da potência que subjaz a ideia de literatura negra está no fato de que ela expõe/nomeia uma categoria para pensar o canône forjada na alteridade do texto nacional, trazendo para a superfície do pensamento o que restava como norma oculta, ou seja, a “literatura branca” como categoria explicativa que define a “literatura brasileira”, de modo mais condizente à realidade discursiva nacional hegemônica. Dessa forma, enquanto ideia, a literatura negra não apenas cria *quilombos* na ordem discursiva, ela também produz uma crítica corrosiva às estruturas da *casa grande*, porque nos permite ler o campo literário filtrando nele suas *posicionalidades* em disputa (grifos da autora) (Miranda, 2019, p. 14).

Uma outra ausência temática na literatura nacional trata-se do racismo velado e desvelado, o racismo estrutural, já mencionado. Só poucos estudos tratam do discurso antirracista, e ainda assim, de forma crítica, deixando de lado, a dolorosa e traumática opressão habitual vivida pelas comunidades negras e os obstáculos que a discriminação inflige às suas trajetórias de vida.

Diante disso, é fundamental falar sobre o trauma, desvelado na comunidade negra devido ao epistemicídio, às ausências nas pautas acadêmicas e nas escolas da educação básica. Para tanto, pode-se mencionar Seligmann-Silva (2008, p. 70) ao afirmar que “o trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço”.

Desse modo, neste capítulo, serão abordadas a categoria solidão-ridade e a subcategoria, o trauma da diáspora, chaves conceituais que dão margem à descoberta do que se encontra

velado e desvelado nas vivências das personagens do romance memorialista *Becos*, no percurso da escre(vivência) evaristiana.

A Solidão-ridade concerne a uma expressão que se refere à experiência coletiva de isolamento e solidão vivenciada por mulheres negras, conceito que emerge dos estudos feministas negros nos Estados Unidos (solidão-ridity) (Silva; Saunders; Ohmer, 2021), mas que se vivencia também no Brasil (em relação aos Estudos de Gênero Negro Brasileiro), que considera esse fenômeno como algo moldado por várias dimensões interligadas. E desse modo, busca-se descrever como fatores históricos, sociais e raciais intensificam a sensação de não pertencimento em diversos âmbitos da vida da mulher negra (Lima *et al.*, 2025).

O termo solidão-ridity serve para ilustrar essa conexão entre as diferentes formas de exclusão e solidão enfrentadas por mulheres negras. Essa solidão vai além dos relacionamentos afetivos; ela inclui a falta de representatividade, de amizades e de admiração, afetando mulheres negras desde a infância até a fase adulta. A falta de apoio social. O abandono social.

Isso é resultado do racismo estrutural e das questões que essas mulheres enfrentam relacionadas ao gênero. Inclusive, essa ideia auxilia no entendimento da teoria interseccional, que correlaciona o sentimento de isolamento partilhado às experiências afetivas de mulheres negras e os seus contextos raciais e sócio-históricos específicos.

A ideia de solidão-ridade, portanto, é um conceito que relaciona essa sensação de solidão à identidade racial e de gênero, reconhecendo que a experiência de uma mulher negra é diferente da de outras mulheres. Seus desafios socioemocionais são majorados pelo racismo e machismo, formando um fenômeno complexo de isolamento que afeta toda uma comunidade (Silva; Saunders; Ohmer, 2021).

A pesquisa se alinha com o conceito introduzido pelo historiador Carlo Ginzburg (2012) como paradigma indiciário nas ciências humanas, ou seja, a procura por indícios das características/categorias que estão sendo estudadas. Inclusive, de acordo com Dalcastagnè (2008), a literatura nem sempre reflete fielmente o mundo ao redor ou algo parecido. O desafio destacado não é o de uma mera imitação do que ocorreu ou ocorre no mundo, e sim da invisibilidade de grupos sociais e o apagamento/omissão de numerosos aspectos sociorraciais, como os relacionados à comunidade negra.

A ideia aqui é compreender que a literatura contemporânea, especialmente o gênero textual romance, possui um vasto alcance com o público leitor/escritor. Por isso, é fundamental fazer escolhas sobre quais aspectos abordar e, por consequência, quais estão sendo deixados de lado, e também, como estão sendo abordadas na literatura, as questões sociorraciais. Para Dalcastagnè (2008, p. 206), ainda que empreenda, em seu interior, muitas perspectivas, “do

lado de fora da obra, não há o contraponto; quer dizer, não há, no campo literário brasileiro, uma pluralidade de perspectivas sociais”.

Dessa forma, mulheres negras e homens negros, mulheres brancas e homens brancos acabam interpretando e expressando a realidade sob pontos de vista distintos. Mesmo que outros sujeitos – como por exemplo, uma pessoa branca –, sejam empáticos/sensíveis em relação aos problemas enfrentados pelas/os negras e negros e solidários em relação aos problemas raciais presentificados na sociedade brasileira, ainda que sejam antirracistas, elas nunca experienciarão as mesmas vivências de uma pessoa negra e/ou parda e não conseguem falar a partir da mesma posição, ou seja, não estão em seu lugar de fala, uma vez que enxergam o mundo sociorracial por uma ótica distinta (Dalcastagnè, 2008). Assim, a memória legitima o lugar de fala.

Nesse sentido, isso ocorre devido à existência de disparidades/desigualdades decorrentes de estrutura opressora dominante/hegemônica, que favorece/privilegia determinados grupos em detrimento de outros, os quais têm e dão voz e silenciam outros. Djamilia Ribeiro (2017), sob a ótica feminista, aponta que o lugar de fala é um dos pilares do feminismo negro. Esse conceito vai além de simplesmente ter permissão para expressar opiniões, representa, fundamentalmente, a capacidade de existir plenamente.

Nessa perspectiva, para Ribeiro (2017), o lugar de fala é entendido como um ato de negação ou rejeição à narrativa histórica tradicional hegemônica e a hierarquização dos conhecimentos/saberes provenientes da estrutura social hierárquica. Ao desafiar as visões universalistas, promove-se a diversidade de vozes. Conforme a conceituação da autora, o termo refere-se à perspectiva do emissor, levando em conta sua realidade social, econômica e pessoal ao discorrer sobre uma dada temática. Segundo Haraway (1994, p. 244), “a realidade social é experimentada por meio das relações sociais, nossa construção política mais importante, capaz de elaborar a ficção de mudar o mundo”.

Vale ressaltar que as problemáticas acerca da representatividade literária analisadas nesse estudo não implicam em restrições de quem pode abordar determinado assunto, tampouco procuram estabelecer limites pré-determinados. Inclusive, Ribeiro (2017, p. 46) enfatizou que “todo mundo tem lugar de fala”, ou seja, tem o direito de se expressar, e isso não deve ser usado como desculpa para que não haja ações que combatam o racismo estrutural, o preconceito, a discriminação racial. É necessário agir e não permanecer na omissão, na inatividade. Ou seja, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista.

Ribeiro (2017) argumenta, ainda, que é fundamental reconhecer o lugar de fala de cada grupo, cada sujeito, nas discussões contemporâneas. É necessário refletir sobre a partir de qual lugar social cada grupo expressa suas ideias. Pessoas brancas podem e devem abordar o tema

do racismo e discuti-lo. Entretanto, elas o farão alicerçadas em uma perspectiva distinta, privilegiada. A escritora ativista, do mesmo modo, aponta para a presença de uma hierarquia, na maioria das vezes, arbitrária, concernente a quem tem o direito à fala.

Assim, para a autora, o conceito de lugar de fala destaca a importância de entender a posição social de cada pessoa ao compartilhar suas ideias. Cada um fala a partir de sua própria experiência, que pode ser influenciada por privilégios ou opressões. Por isso, afirma que todos têm um lugar de fala, mas também reconhece que, na história da mulher negra, há uma hierarquia que valoriza mais a voz de certos grupos, como a das pessoas brancas. Ela explica que, embora estas possam conversar sobre racismo, a visão delas será diferente, pois origina-se de um lugar de privilégio. Por isso, é fundamental dar espaço e valorizar a fala daqueles que enfrentam opressão e desigualdade.

O lugar de fala também se trata da dimensão artístico-cultural, acerca do que se escreve e que pauta está sendo defendida quando se escreve. Desse modo, na apresentação intitulada “O limiar de um turbilhão” encontrada no livro de Mario Augusto Medeiros da Silva, *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*, Danilo Santos de Miranda (2023, p. 11) diz que:

Quanto mais derrubarmos barreiras e integrarmos contribuições plurais, melhor será para a sociedade atual e futura. Nesse cenário, a dimensão artístico-cultural se destaca como um importante lugar de fala, protagonismo, comprometimento e afirmação do orgulho de ser quem se é. Ampliar a visibilidade de criações desses sujeitos e coletivos, por vezes ocultados por sucessivos apagamentos, constitui uma tarefa permanente.

Nesse contexto, ele destaca que somente sentir empatia pelas causas sociais de sujeitos invisibilizados não é o suficiente. É preciso agir para diminuir as desigualdades e assegurar o direito de pertencimento étnico-racial. Dessa forma, o sujeito consegue reconhecer-se no conjunto de narrativas, histórias, perspectivas e eventos que são compartilhados socialmente.

No entanto, é preciso lembrar do que dizem Alcoff *et al.* (2020, p. 411), ao afirmarem que “a localização de um/a falante (que eu tomo aqui para me referir a sua localização social ou identidade social) tem um impacto epistemicamente significativo nas afirmações desse/a falante e pode servir para autorizar ou desautorizar o discurso de alguém”. Especialmente diante da constatação de que o ponto de vista de quem fala pode influenciar no significado e na veracidade do discurso, perdendo até a capacidade de transcender a própria posição e sua localização.

Inclusive Alcoff *et al.* (2020, p. 412) salientam que:

A criação de estudos sobre mulheres e departamentos de estudos afro-americanos foi fundamentada na crença que tanto o estudo quanto a defesa dos/as oprimidos/as devem ser feitos principalmente pelos/as próprios/as oprimidos/as, e que devemos finalmente reconhecer que divergências sistemáticas a localização social entre os/as falantes e os/as falados/as terá um efeito significativo no conteúdo do que é dito.

Vê-se que é necessário reconhecer, que a localização não só é epistemologicamente relevante, como determinadas posições privilegiadas podem ser nocivas no discurso, como se dá quando um sujeito está em uma posição mais favorável, dominante, em face às estruturas de poder e/ou saberes, pois um indivíduo em uma atitude de privilégio ou favorecimento, tem em posse, a suposição a favor daquele que possui o poder da fala.

Para exemplificar, segundo Alcoff *et al.* (2020, p. 412), a autoridade discursiva de alguns sujeitos, se dá, por exemplo, àqueles que “são líderes respeitados/as ou porque são professores/as em uma sala de aula e sabem mais sobre o material em questão”. Muitas vezes, o poder de quem fala está uma posição hierarquicamente superior, ou em uma situação de prestígio social.

Nessa perspectiva, a memória é o elemento que legitima o lugar de fala da história negra. Do não dito. O lugar de fala de um sujeito, portanto, é um instrumento a ser utilizado na luta antirracista em busca de uma sociedade mais plural e equânime. Por isso, a importância de ampliar a visibilidade dos romances, poesias, livros, enfim, desses sujeitos que escrevem sobre a pauta da comunidade negra e dos coletivos, tirando-os do apagamento e epistemicídio, dando-lhes a visibilidade devida.

5.1 O TRAUMA DA DISPERSÃO: A NECESSIDADE DE ESQUECER E O MEDO DE ESQUECER – FINCAR NA MEMÓRIA OU DESTERRAR PARA SEGUIR EM FRENTE

Para abordar o trauma, faz-se necessário compreender o seu aporte teórico. Para tanto, Seligmann-Silva (2002) nos guia por uma jornada histórica do conceito de trauma, desde os primeiros escritos de Freud dentro das teorias psicanalíticas²⁴ até as atuais abordagens que vê o trauma como uma expressão do real laciano²⁵, ou através de conceitos diversos. Assim,

²⁴ Quando se considera os escritos iniciais de Freud sobre as teorias psicanalíticas relacionadas ao trauma, ele faz uma conexão entre o trauma e a teoria da sedução, além de associá-lo ao aparecimento das neuroses. Freud argumentava que o trauma tinha uma influência direta no desenvolvimento das neuroses. Na psicanálise, a ideia de trauma está atrelada a vivências que ocorre em estágios iniciais da vida (Guzmán; Derzi, 2021, p. 2).

²⁵ O real laciano procura os fragmentos do inconsciente que aparecem/emergem na fala, nos sonhos e em outros contextos (Chaves, 2009).

A discussão gira em torno das relações entre o imaginário e o real e entre o simbólico, o imaginário e o real. Lacan, primeiramente, atrela o imaginário ao real permeado pelo termo **imago**²⁶, cunhado por Freud. Logo em seguida, privilegia o simbólico e define a experiência psicanalítica como pertencente a esta ordem. No momento anterior, o real da experiência psicanalítica será da ordem do imaginário e nesse segundo instante será da ordem do simbólico. Tem-se aí a famosa tríade – simbólico, imaginário e real. Mais à frente, em seu pensamento, o real vai ser definido como o que escapa ao simbólico” (grifo meu) (Chaves, 2009, p. 41).

Desse modo, observa-se uma estreita ligação entre a produção literária e a narrativa histórica. Ambas são consideradas documentos, pois registram ocorridos, cada uma à sua maneira. Nesse sentido, Seligmann-Silva (2002) destaca a importância de interpretar textos literários como testemunhos dos traumas de uma determinada época, como as catástrofes da dimensão da Primeira e Segunda Guerra Mundial, bem como genocídios como o Holocausto na Alemanha. Assim, o autor alude que “a *escritura* enquanto traço testemunhal foi revelada nessa época de catástrofes e a noção de *teor testemunhal* da literatura [...] permite lançar uma nova luz sobre a sua história” (grifos do autor). (Seligmann-Silva, 2002, p. 135).

Nesse âmbito, para complementar essa assertiva, é relevante considerar o que diz Hugo Achugar (1992, p. 60) acerca do testemunho e das narrativas da memória:

No nível pragmático, observam-se dois elementos fundamentais do testemunho: a função paradigmática ou de denúncia de um fato ou de uma vida e a autorização legal do testemunho de circunstâncias, vidas ou fatos que não fazem parte da história oficial ou que foram ignorados pela história ou pela tradição vigente e hegemônica em épocas anteriores. Por outro lado, é no nível do enunciado: isto é, na escrita ou na transcrição do testemunho, nomeadamente a do iletrado, que entram em jogo alguns dos elementos centrais do testemunho, a saber: o registro da voz do Outro e o chamado efeito de oralidade/verdade²⁷ (tradução minha).

Ao abordar contextos sociais marginalizados, os testemunhos se revelam não apenas como uma forma de denunciar as violações de direitos humanos que ali ocorrem, o abuso de poder, a ausência de empatia, o colonialismo, o poder dos mais fortes sobrepujando às causas dos que têm menor poder aquisitivo, mas também, como uma oportunidade para expressar as potencialidades individuais.

²⁶ Representação, forma, imitação, aparência, imagem (Priberam, 2011). Atrelar o imaginário ao real (Lacan, *apud* Chaves, 2009).

²⁷ “En el nivel pragmático se pueden observar dos elementos fundamentales del testimonio: la función ejemplarizante o de denuncia de un hecho o de una vida y la autorización letrada del testimonio de circunstancias, vidas o hechos que no son patrimonio de la historia oficial o que han sido ignorados por la historia o la tradición vigente y hegemónica en tiempos anteriores. Por otra parte, es a nivel del enunciado: es decir, en la escritura o en la transcripción del testimonio, particularmente en el del iletrado, donde se juegan algunos de los elementos centrales del testimonio, a saber: el registro de la voz del Otro y el llamado efecto de oralidad/verdad” (Achugar, 1992, p. 60).

Vale salientar que, em 400 anos de Diáspora Africana, entre os séculos XVI e XIX, que acabou envolvendo mais de 9 milhões de indivíduos que foram transportados para as Américas de maneira forçada para serem escravizados, também é um fato demasiadamente relevante que deixou/deixa feridas, cesuras, traumas, trouxe/traz solidão e ainda deixaram/deixam marcas históricas como o apagamento e epistemicídio de uma cultura ancestral; marcas como o preconceito e a discriminação racial, bem como o racismo estrutural entranhado em cada sujeito racista.

Desse modo, neste tópico será mencionado o trauma em si, o trauma original, o trauma da dispersão, que vem acompanhado do racismo estrutural suscitado pelos quatro séculos de diáspora africana. A discussão teve como pauta, a análise de algumas personagens de *Becos da memória* e apresentou como suas vivências desencadearam em traumas emocionais e físicos, na observância dos distintos cenários de superação, através da solidão-ridade.

O trauma não é facilmente encaixado na estrutura identitária do sujeito, pois se trata de um elemento estranho que rompe com as noções tradicionais de lógica, pois se encontra, ao mesmo tempo, interna e externamente, presente e ausente. Esse caráter paradoxal do trauma foi enfatizado pelo filósofo francês Jean-François Lyotard (1988), que se interessou pela problemática do trauma e da representação em seu contexto histórico e coletivo sob o olhar de Asseman (2011).

Ao longo dos séculos de racismo estrutural, a população negra foi sistematicamente excluída dos espaços de poder e da produção de discursos (Brito, 2011). Gilroy (2001) aborda de forma modernista, conforme mencionado por ele, a compreensão do trauma original vivenciado pelos negro-brasileiros da diáspora africana no Novo Mundo. Desse modo, “o trauma da dispersão é ainda uma lembrança inapagável na história e na memória dos povos da diáspora africana” (Brito, 2011, p. 163).

O trauma da dispersão, ou seja, o trauma da diáspora, às vezes é mencionado na Literatura Contemporânea e logo adiante, aparece uma narrativa de escape, o que pode ser observado em um excerto de *Becos da memória*:

Um dia, ainda com a primeira mulher, tivera de deixar a fazenda em que foram criados trabalhando na roça. As terras haviam sido vendidas, os donos estavam em má situação. Quem quisesse ficar, ficasse, quem não quisesse, arribar podia. Totó juntou a mulher, a filha e alguns trapos. Nem ele, nem ela tinham mais pais vivos. Um surto de tuberculose, que começara na casa-grande, assolara também os escravos. Iriam partir, queriam esquecer as histórias de escravidão, suas e de seus pais. Foram dias e dias sobrevivendo pelo mato (Evaristo, 2018, p. 19-20).

Não é apenas uma narrativa de escape, é uma reconstrução. Observa-se nesse fragmento, os traumas vivenciados por aqueles indivíduos que se encontravam em situação de

escravizados, e o que lhes restava era partir, sair daquela ambiência de escravidão, para esquecer as experiências ali vivenciadas e buscar sobrevivência alhures. Pode-se dizer que o sofrimento da escravização é um trauma histórico e transgeracional.

Nesse sentido, ao propor um novo enfoque, ainda mais contemporâneo, para suportar o trauma da dispersão, Gilroy (2001) reconhece a presença de uma expressão poética da dor nas artes negras da diáspora, derivada da tragédia da segmentação do corpo/corpus africano. De acordo com Brito (2011), Gilroy destaca, de maneira paradoxal, que as culturas elaboradas pelos escravizados e seus descendentes são permeadas por uma combinação de sofrimento ou dor e prazer.

Na realidade, legítima a dor, um choque à sua identidade, o *id* recalca a dor e a memória guarda. Cada gatilho relembra a dor que existiu, potente, e ao reconhecer a dor, é preciso resistir a essa dor, para reexistir e seguir adiante.

Dessa forma, o diálogo desses sentimentos contraditórios – dor e prazer – é uma característica distintiva das culturas negras na diáspora. Pode-se observar essas nuances aqui descritas – dor, prazer e mais uma vez, o trauma da dispersão –, em excertos do romance *Becos da memória* de Conceição Evaristo. Assim, “lembravam histórias mais amenas de campo, de vastidão, de homens livres, em terras longínquas. [...] Nesta hora vinha a dor fina como um espinho rasgando o peito (Evaristo, 2018, p. 20).

Vê-se aqui, presentes, o prazer de rememorar histórias de homens negros livres em campos vastos e a dor do espinho cravado no peito, acerca das lembranças da escravidão. Desse modo, aqueles que vivenciam circunstâncias traumáticas batalham entre a necessidade de esquecer e o medo de esquecer, em um deslocamento duplo, paradoxal, de fincar na memória e desterrar para poder seguir em frente, superando os traumas.

Segundo Seligmann-Silva (2008), ao lidar com traumas, é essencial atribuir novos significados aos impactos, tornando crucial a elaboração de uma nova perspectiva sobre o posicionamento do sujeito que sobrevive às experiências traumáticas, em outras palavras, um sujeito traumatizado. Sendo esse, conforme Vilarba (2021), o decurso para deslocar-se do estado de inércia existencial para retornar à vida. Dessa forma,

Ao invés da imagem calcada e decalcada, chata, advinda do choque traumático, a cena simbolizada adquire tridimensionalidade. A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados. Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida. Significa ir dá sobre-vida a vida (Seligmann-Silva, 2008, p. 69).

O que Seligmann-Silva (2008) descreve nesse excerto acerca do trauma, pode ser aplicado no romance memorialista de Conceição Evaristo, *Becos da memória*, acerca da narração de Maria-Nova sobre as vivências de Tio Totó e sua família: “O rio, a cheia, o vazio da barca improvisada, o turbilhão, a vida, a morte, tudo indo de roldão. Totó alcançou só a outra banda do rio. Uma banda de sua vida havia ficado do lado de lá” (Evaristo, 2018, p. 20-21).

Observa-se neste excerto, a resignificação da vida após os problemas da sobre-vida, ou seja, a reinterpretação da vida após a sobrevivência e a transformação de situações antes ocultas, enterradas, em uma nova perspectiva, pois Tio Totó precisou alcançar a outra banda do rio e deixar para trás, uma banda-parte da sua vida, as pessoas que não conseguiram atravessar e sucumbiram no rio cheio.

Em meio às incertezas na restauração do passado carregado de traumas, as técnicas autoficcionais intensificam o valor simbólico das vivências (Silva, 2021a). Nesse sentido, o discurso narrativo acerca da personagem Maria-Nova ressalta as sobre(vivências) da protagonista, seus conflitos, prazeres, momentos comuns, e traumas decorrentes de uma situação de escravidão que, embora não tenha vivenciado de maneira direta, são revividos por ela, através das histórias que escuta e partilha com os narradores dessa experiência do trauma da dispersão (Cruz, 2016).

Essa é uma característica da solidão-ridade, uma vez que ao ouvir as narrativas das mulheres negras, Maria-Nova em comunhão com essas mulheres e suas vivências, passa a contar as suas narrativas e dessa forma, demonstra a solidão das mulheres negras, que manifesta-se através do desamparo, da miséria e da fome, com a vida em comunidade precária, a favela inominada, sendo afetada pelo constante risco de expulsão/desfavelamento. O que pode ser visto no excerto do romance *Becos*: “O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito” (Evaristo, 2018, p. 61).

Essa solidão é também uma vivência individualizada perante o preconceito e a exclusão social, que, apesar de partilhada, se vive de forma íntima, afetando a capacidade de expressar afeto e construindo uma realidade de luta diária pela sobrevivência.

Assim, Maria-Nova e suas memórias integram uma narrativa tecida por diversas vozes, compreendendo as narrativas de negro-brasileiros geracionais, em diferentes cenários que passam pela senzala, chegando às fazendas, plantações, e por fim, nos becos das favelas situados nas metrópoles. Como lembra a narradora protagonista:

Um dia, sem que nem pra quê, apareceu o menino, voltou já rapaz, homem feito. Luís de barba no rosto, alto, muito alto, sempre com o olhar distante. Pai, vamos daqui, não é preciso nem falar pro sinhô da fazenda. Nessas 32 andanças descobri coisas. Há muito que branco não é mais dono de negro. Nem vender Lya, a mãe com os filhos, nem vender Ayaba, minha irmã podiam. Tenho algum dinheiro, labutei fora, trabalhei madeira e vendi (Evaristo, 2013, p. 53).

Vê-se, portanto, nas vivências/experiências dessas personagens, a evidência do caráter testemunhal, o testemunho presentificado em suas narrativas, que foram transcritas para a literatura. Ou vivenciaram experiências traumáticas na pele/pessoalmente ou ouviram narrativas orais de quem as experienciou, as testemunhas oculares, os seus ancestrais.

A abordagem de Seligmann-Silva (2003) sobre a literatura de testemunho se conecta aos estudos de Giorgio Agamben (2008), que diferencia a vida nua (zoè) da forma de vida (bios) como um ponto central na reflexão sobre testemunho. Para Silva (2021a), a desvalorização da vida humana, ao ser despojada de seu contexto político, caracteriza o período colonial, marcado por numerosos conflitos étnicos e identitários.

Assim, em uma entrevista realizada com Odete Semedo em março de 2017, em Guiné Bissau, ela asseverou que “[...] o fenômeno da colonização, quando ele vem, ataca a cultura do povo que se pretende colonizar. Ele ataca, minimiza e sobrepõe a sua cultura à cultura autóctone²⁸ (Semedo, 2017 *apud* Carvalho, 2022, p. 201).

Nesse cenário, ocorria a diáspora africana, que ao perdurar por bastante tempo, foi uma das causas do epistemicídio, a negação dos conhecimentos/saberes ancestrais, juntamente com a invisibilidade negra, o apagamento do negro e da negra, a negação da identidade do ser negro/negra ou o não pertencimento étnico-racial. Desse modo, a “escrevivência” de Evaristo acaba por perturbar a solidão coletiva que os povos afrodescendentes, vivenciaram desde a dispersão. A escrita de Evaristo já demonstra a solidão-ridade da autora, de unir-se a várias mulheres pretas brasileiras e de outros países em suas dores e cesuras por intermédio dos seus escritos, e através das narrativas sobeestas, expurgar essas dores e esses traumas da diáspora, uma vez que sua “escrevivência” atinge patamares transatlânticos.

Entretanto, para acrescentar o descrito, tendo em vista a afirmação de Joseph Harris (2010), a diáspora africana é fenômeno muito mais antigo, não é o fato da durabilidade da diáspora (cerca de 400 anos), o que causa o epistemicídio. Entretanto, a causadora, entre outros fatores, é a própria dinâmica de dominação do projeto colonial. Salienta, ainda, que a diáspora

²⁸ A cultura autóctone é aquela que está profundamente enraizada nas tradições, costumes e no modo de vida de um determinado local, refletindo a identidade e a história do povo que ali nasceu.

africana ocorreu pelo mundo, tanto de forma voluntária quanto involuntária, ao longo da história; o surgimento de uma identidade cultural fora de África foi fundamentada na origem e nas condições sociais; e o retorno à pátria, África, pode ser psicológico ou físico.

Segundo Miranda (2019, p. 15), “dizer-se negro no texto literário permanece sendo um ato transgressor na contemporaneidade, porque a razão eurocêntrica segue sustentando invisibilidades através dos tempos”, em virtude da negação do homem negro e mulher negra, que vem moldando, ao longo do tempo, as políticas governamentais e as micropolíticas diárias.

Até porque, nesse âmbito apresentado, o racismo persiste em criar cesuras psicológicas/subjetivas e em direcionar sua pauta tanto em mortes físicas quanto em mortes mentais – o que Abdias do Nascimento denominou de *mentecídio* (Nascimento, 1980) e os escritores Sueli Carneiro (2005) e Boaventura de Souza Santos (2006) moldaram como *epistemicídio*.

Os relatos testemunhais surgem em oposição a essa vida nua criada pela biopolítica moderna. De acordo com a noção desenvolvida por Michel Foucault nos anos 1980 e posteriormente, revista por Agamben em 2008, a biopolítica institui, dentro do molde capitalista, o controle calculado da vida pelo Estado, que adquire o poder, na era moderna, de determinar o valor ou desvalor da vida do ser humano. A biopolítica, conforme Foucault (2010), pode ser interpretada como uma forma de tecnologia de governo na qual os aspectos biológicos dos sujeitos são incorporados ao cálculo do exercício de poder, anteriormente associado ao direito de *deixar viver ou deixar morrer*.

Nesse âmbito da biopolítica, Foucault (2010) considera que o racismo se configura, inclusive ainda nos dias atuais, como uma forma de exercício do poder soberano sobre a vida e a morte. De acordo com o autor, ele se materializa através do biopoder, uma conceituação que expõe uma tecnologia de poder, uma espécie de biopolítica que possibilita a eliminação dos grupos indesejáveis, por assim dizer. Para Miranda (2019), diante desse processo de exclusão social, também se soma ao banimento de oportunidades educacionais, as quais são fundamentais para a ascensão social no país.

Em relação à exclusão de oportunidades educacionais mencionada, Nilma Lino Gomes (2017), traz uma perspectiva privilegiada com base na educação para demonstrar a riqueza epistemológica do Movimento Negro, que valoriza as oportunidades educacionais. A autora afirma acerca do Movimento Negro Educador (MNE) que “o movimento é educador porque gera conhecimento novo, que não só alimenta as lutas e constitui novos atores políticos, como contribui para que a sociedade em geral se dote de outros conhecimentos que a enriqueçam no seu conjunto” (Santos *apud* Gomes, 2017, p. 10). Inclusive, muito do que se sabe sobre o papel

da negra e do negro e as relações étnico-raciais e as questões da diáspora africana, que fazem parte das preocupações teóricas na atualidade, se deve aos estudos e lutas do Movimento Negro Unificado (MNU).

Faz-se necessário, ainda, dar ênfase às contextualizações de Grupos que fazem encontros diaspóricos através de Palestras que protagonizam à população negra, tal como o Grupo de Estudos em Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade (Gevonc), que trata das interlocuções epistemológicas, históricas, estéticas e literárias africanas e afro-brasileiras, em parceria com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus X* em Teixeira de Freitas - BA. Desse modo, as palestras realizadas pelo Gevonc permitem acessar outros *links*, com outras temáticas, em busca de outros saberes aqui discutidos.

Para exemplificar, as ações do Grupo Gevonc, promovem palestras que contextualizam discussões antirracistas, interlocuções epistemológicas, tais como, História da Cultura Afro-Brasileira, Transdisciplinaridade e ancestralidade e outras, através dos encontros diaspóricos, que trazem, entre outras temáticas, o contexto de mudança paradigmática e faz emergir discussões sobre a alteridade, identidade e diversidade como dimensões que compõem o cenário contemporâneo das políticas brasileiras e das discussões étnico-raciais. Esses encontros e estudos epistemológicos são importantes elementos de disseminação da produção, vivência e epistemologias africanas e suas propriedades, na desconstrução de estereótipos, bem como no combate ao racismo.

A luta contra o racismo é constantemente necessária, portanto, é preciso se posicionar de maneira firme e inflexível contra qualquer tipo de atitude discriminatória. É inaceitável tolerar comportamentos que atentem contra a igualdade e a dignidade humana, princípios essenciais do compromisso de nós, antirracistas, com a sociedade. É necessário seguir um caminho apoiado em respeito, inclusão e justiça, valores que sempre devem estar presentes nesse percurso.

Dessa maneira, o aparelho educacional tem servido, de modo praticamente absoluto, como um instrumento de aniquilação da capacidade cognitiva e da autoconfiança das minorias raciais. Esse fenômeno é desencadeado pelo impacto negativo na autoestima gerado pelo racismo e discriminação no ambiente escolar e em outras ambiências; e pela recusa em reconhecer os negros como sujeitos detentores e agentes do conhecimento, através de práticas de desvalorização, negação e ocultação das contribuições da África e da diáspora africana para a herança cultural da humanidade (epistemicídio); promovendo uma cultura de embranquecimento e contribuindo para o fracasso e evasão escolar e social (Miranda, 2019). Vê-se aqui, a predominância do pensamento eurocêntrico.

Nessa perspectiva, com base no *pensamento abissal*, trazido por Boaventura de Sousa Santos, em sua obra, *Epistemologias do Sul* (Santos; Menezes, 2010) e em seu artigo *Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes* (Santos, 2007), o autor faz uma crítica severa ao pensamento eurocêntrico e demonstra que há formas de atuação no modo de pensar e agir com vistas ao rompimento das barreiras de colonialidade, ainda presentes na contemporaneidade, que têm ditado esse modo de pensar, agir e de ser, buscando manter a sua dominação, e que ainda “permanecem constitutivas das relações políticas e culturais excludentes mantidas no sistema mundial contemporâneo” (Santos, 2007, p. 3).

Sob essa premissa, o autor segue reverberando sobre o reconhecimento da existência desse pensamento abissal, propondo, portanto, um pensamento pós-abissal, o que constitui uma “ruptura radical com as formas ocidentais modernas de pensamento e ação” (Santos, 2007, p. 22). Sendo assim, o autor diz respeito à emergência de epistemologias do Sul, dando ênfase às epistemologias ecológicas intitulada *ecologia dos saberes*, porquanto devem compreender conhecimentos plurais e, por consequência, uma relação de mais proximidade e contra-hegemônica, especialmente em relação aos conhecimentos científicos e saberes outros – aqueles não dominantes. Ademais, procuram de forma sistemática e com intencionalidade, alocar a educação a serviço das forças que vêm lutando diuturnamente para modificar a ordem vigente (Santos, 2007).

Nesse cenário, Gomes (2017) assevera que o conhecimento oriundo da luta não avança de forma isolada, pelo contrário, ele está imbricado em outros conhecimentos, quais sejam, os conhecimentos acadêmicos abrolhados nas universidades e centros de pesquisa. Nesse sentido, a ecologia de saberes é justamente “a tradução intercultural entre o conhecimento nascido na luta e o conhecimento acadêmico, com vistas a construir novas configurações cognitivas e políticas” (Santos *apud* Gomes, 2017, p. 11).

Dessa forma, retomando o trauma da dispersão na obra evaristiana, percebe-se que o *modus operandi* das personagens em *Becos* demonstram uma resiliência, uma alteridade e uma resistência atreladas ao trauma. Assim, em *Becos da memória*, Conceição Evaristo busca resgatar os espaços onde a palavra viva circula, amalgamada a outras formas de linguagem que, ainda que revelem as “memórias subterrâneas”, como diz Pollak (1989), tornam-nas acessíveis apenas aos que conseguem ler. Essas memórias, arroladas nesse conflito, trazem à tona cenas de vidas que preservam sentimentos de amor, afeto e compaixão. São emoções que, gradualmente, vão rareando nas relações entre os sujeitos e acabam abafando os resquícios de experiências que o romance valoriza (Fonseca, *apud* Evaristo, 2018).

Para exemplificar, tem-se a personagem Vó Rita, com seu coração generoso, se torna um símbolo de uma tradição de convivência harmônica, que não se rompe, mesmo diante da pobreza extrema, nem com a exclusão social. Ela faz parte de uma história de comunhão entre as mulheres, entre os sujeitos da favela, unindo-se às mulheres e não se limitando apenas as suas relações afetivas. Fonseca (*apud* Evaristo, 2018, p. 186) assevera que, “tanto Vó Rita como Bondade e o Negro Alírio pertencem à saga de pessoas preocupadas com o outro”.

Para Fonseca (*apud* Evaristo, 2018, p. 183),

O silêncio imposto aos marginalizados, àqueles que ficam esquecidos em lugares de visibilidade pautada na violência e na degradação, consegue, então, ser ouvido através de ações que vasculham o que foi ocultado ou o que registra a fala dos que vivem vidas tão pequenas, que se perdem na premência do dia a dia.

A autora de *Becos*, assumindo sua posição como narradora e sujeito participante da história, decide contar as histórias dos locais destruídos como uma maneira de combate à miséria, direcionando o seu olhar de “prazer meramente contemplativo”, como diz Walter Benjamin (1987, p. 130) para uma postura política, que se manifesta na maneira como as narrativas de Evaristo procuram explorar as vidas dos que batalham pela sobrevivência, ainda que em circunstâncias amplamente adversas. É uma característica da solidão-ridade, uma vez que a escritora une-se à história das mulheres negras, fazendo parte dela e através das narrativas, ameniza à solidão da exclusão social.

Uma vez que, as personagens, em uma tentativa de esquecer os traumas da dispersão oriundos da discriminação racial desencadeada pelo epistemicídio, denegação por racismo e racismo estrutural enraizados nos indivíduos, ainda que estejam fincados na memória dos ancestrais e descendentes, precisam ser desterrados, narrados, descritos para que possam seguir em frente.

5.2 ENTRECRUZAM AS MEMÓRIAS E OS TRAUMAS: O SILÊNCIO DO TRAUMA E A SOLIDÃO

Atrelada ao trauma se encontra a solidão, que também diz respeito à condição do sujeito em relação a si e a ausência do outro. Diante da alteridade, a solidão aqui abordada pode ser vista pelo prisma social, ou seja, pelas interações que o indivíduo estabelece em seu meio, no coletivo. É no processo de busca do outro que o “eu” busca a si mesmo, como em uma espécie de espelho que reflete a sua própria imagem (Velasco, 2015).

Assim, “o indivíduo passa a ser compreendido não mais de forma soberana, mas por meio de suas relações sociais. A partir de então, entende-se que há diferentes representações do **eu**, conforme suas interações em situações sociais”. (grifo do autor). (Velasco, 2015, p. 5). Desse modo, a solidão negra, sobretudo da mulher negra, como categoria, está relacionada ao abandono do impacto político-social, a solidão das instituições (Gonzalez, 1988), a solidão da afetividade (Evaristo, 2018).

Algumas nuances podem ser observadas nesse fragmento de texto do romance memorialista *Becos*:

Maria-Velha, mulher dura também, era a terceira mulher de Tio Totó. Quando encontrou o homem, ela também já tinha uma larga e longa coleção de pedras. Já vinha também de muitas dores e era por isso, talvez, que ela sorrisse só para dentro. Podia até estar contente, quase feliz, mas não alardeava o seu sentimento. “A tristeza tem orelha grande e ouvidos fundos”, dizia ela. “Basta a gente dar uma gargalhada alta, que a orelhuda escuta e vem logo tristezando atrás da gente”. Tempos houve em que ela ria, sorria, gargalhava até. Tempos bons passados, bem distantes, tempo criança. Ela era renitente, feliz, vivia os dias em grandes saltos pelos campos afora. Vida de roça. O pai, antes de endoidecer completamente, entre um sumiço ou outro, fazia alguma coisa com a sua lucidez. Plantava a terra que tinha, vendia a colheita aos fazendeiros. Fazia, ainda, cruz, banquinhos, mesas e outras coisas de madeira. A mãe cuidava um pouco da casa, tinha um lado esquecido. Torrou café, saiu na friagem, pegou vento, diziam (grifos da autora) (Evaristo, 2018, p. 29-30).

Nesse excerto de *Becos*, observa-se que às vezes, é preciso criar uma carne dura para enfrentar/confrontar as durezas da vida, da pobreza, das dores de alma, dos traumas, da solidão, das adversidades tão presentes na vida daqueles que precisam lutar para sobreviver com alguma dignidade. A dor presentifica-se no romance *Becos*, e parece que nada pode atenuá-la:

Quantas vezes ele e ela haviam trocado as pedras dolorosas daquela coleção de sofrimentos, tendo Maria-Nova como ouvinte. Era tudo muito doloroso. Muitas vezes contavam casos com o embargo do choro na garganta, mas resistiam. Agora, era pior. Tudo estava mais dolorido e presente. As dores que pensavam ter ficado para trás, estavam ali, vivas, porejando na pele dos dois como bagos de sangue (Evaristo, 2018, p. 101).

Nessa exposição de sofrimentos cotidianos nos causos contados pelos moradores à Maria-Nova, observa-se que muitas dores que tinham sido deixadas de lado, reaparecem como se um gatilho tivesse sido acionado ao rememorar os acontecimentos, reaparecendo como dores físicas e emocionais, antes veladas. Nesses excertos, a solidão retratada muitas vezes dizem respeito à falta do outro. E muitas vezes, trata-se de uma busca solitária para a sobrevivência social, como se comprova neste excerto:

Maria-Nova, em um barraco desses há uma menina de sua idade. Quantos anos você tem? Treze. Isto mesmo, treze anos. A menina sonha. Infantis desejos, guardar na palma das mãos estrelas e lua. Armazenar chocolates e maçãs. Ter patins para dar passos largos [...] A mãe da menina sonha leite, pão, dinheiro. Sonha remédios para o filho doente, emprego para o marido revoltado e bêbado. Sonha um futuro menos pobre para a menina. A mãe da menina sonha ter nenhuma necessidade. Sonha dinheiro, dinheiro, dinheiro [...] (Evaristo, 2018, p. 37).

Pontua-se, aqui, a escrita como uma catarse, uma purificação, um desnudar-se da alma, uma forma de exorcizar o que deixou cesuras, cicatrizes, é um movimento da alma que transcende e cria um entrelugar, as lembranças ficam, mas as dores precisam passar. Nesse âmbito, como pontuou Foucault (1992, p. 131), “a escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese²⁹: escrever desempenha o papel de um companheiro”. Quando se escreve, exorcizam-se a solidão e os traumas.

A anacorese (*anakhoresis*), portanto, segundo Foucault (2006), trata-se de uma espécie de auto desligamento, um recolhimento em si mesmo, um retiro para dentro de si, uma forma de se desconectar, desligar-se, distanciar-se, mas sem sair do lugar onde se está posicionado. Uma ausência visível. Essa prática considera tolerar as afrontas, por mais difíceis e dolorosas que elas sejam. A pessoa está presente, mas simultaneamente isolada. Quase uma solitude.

Um dos relatos encontrados no romance mostra esse isolamento dentro de si, beirando a loucura:

A primeira vez que Maria-Velha viu seu pai, foi na rua. Fora comprar fumo de rolo para o avô. Entrou na venda da Palhoça e viu um homem igual ao vovô, só que novo. O homem fitava o além. Maria chegou, pediu bênção ao pai. Ele pediu a Deus que a abençoasse sem contemplá-la, já trazia o olhar distante, vazio. Já estava quase louco. Maria, não velha ainda, tinha uns sete anos, talvez (Evaristo, 2018, p. 32).

Nesse outro fragmento, percebe-se outras nuances. Trata-se da solidão da personagem Dora, da ausência, da falta do outro para amenizar as cesuras e cicatrizes, é uma situação de solidão afetiva, por ter que resolver sozinha, as agruras da vida, a falta de tudo diante da fatura de tantos outros:

Ela, por exemplo, nunca havia pensado que os restos, que muitas vezes ganhava das patroas, eram o excesso dos que tinham muito e que esta sobra era construída justo em cima da falta ou do pouco dos que nada tinham. Nunca havia pensado a fundo sobre o desfavelamento. Era sozinha, em qualquer lugar que chegasse, ficaria bem (Evaristo, 2018, p. 142).

Para alguns autores como Silva, Saunders e Ohmer (2021), a solidão, portanto, não é sinônimo de dor e angústia, mas sim de uma condição inata ao homem, fruto de sua essência e

²⁹ “Um retiro em si mesmo” (Foucault, 2006, p. 60).

espécie. Assim como o trauma, em algum momento da vida, alguém acaba passando por ele. Em contraponto ao descrito, segundo Assemann (2011), o trauma é dor e ferida não cicatrizada.

Nesse aspecto, tem-se a personagem “a Outra”, que prefere invisibilizar-se do que ser vista por outros, ao dizer:

Nas férias era um tormento! Maria-Nova ficava durante todo o dia lavando a roupa ou buscando água. Não sei para que e para onde esta menina leva tanta água! Eu mal posso chegar ao portão. Não quero que ela me veja. O único olhar que eu enfrento é o de Vó Rita. Ela é a única pessoa que sabe me olhar normalmente. Os outros todos me olham procurando me ver (Evaristo, 2018, p. 42).

Para Silva, Saunders e Ohmer (2021), é preciso desvendar a solidão coletiva que os afrodescendentes vivenciam/vivenciaram desde a diáspora. Por isso, essas autoras direcionaram os seus estudos para explorar o conceito de solidão atrelado à maneira de argumentar acerca das mulheres negras, em grande medida refletindo no que concerne as suas próprias experiências vivenciadas e nas experiências de seus ancestrais.

Trazendo o gancho da citação das autoras para o romance de Evaristo, *Becos*, pode-se verificar, também, essa solidão coletiva no fragmento abaixo descrito, por se tratar da sobrevivência social:

Havia uma história que Maria-Velha repetia sempre, um fato passado em sua infância e que ela recontava e recontava para a menina Maria-Nova: Um dia, ela, Maria-Velha, ainda nos tempos de sua meninice, pulava que nem cabrita na frente de seu avô. Ele olhava, limpava os olhos e fungava sempre. Um dia, Maria descobriu que ele chorava. – O que foi, vovô, chorando? – Vovô chorando, chorando sim! Aquela menina, pernas longas, aqueles pulos acabritados, era a imagem fiel de uma filha sua. Filha que ele perdera de vista e que nunca mais vira. Mãe de leite de uma criança, um dia a escrava se rebelou contra o sinhô. Agarrou o homem pelo peito da camisa, sacudiu, sacudiu. A escrava foi posta no tronco, iam surrá-la até o fim. A criança, filha de leite, chora, grita, berra, desmaia, volta a si, quase enlouquece. – Não matem “mamãe preta”, não matem “mamãe preta!” (Evaristo, 2018, p. 30).

O que também salta aos olhos nesse texto, é o silêncio ensurdecido da dor escondida. Para as autoras, Silva, Saunders e Ohmer (2021, p. 16), “a solidão é integrada às experiências das mulheres negras considerando os vetores históricos, sociais e raciais que atravessam as experiências individuais”³⁰ (tradução minha).

Desse modo, as autoras afirmam que não há uma definição única da solidão, no entanto convidam a refletir sobre a sua complexidade, levando em conta como as diferentes situações de opressão influenciam as experiências das mulheres que são diligentemente silenciadas

³⁰ “Loneliness is inherent to the experiences of Black women considering the historical, social, and racial vectors that traverse individual experiences” (Silva, Saunders e Ohmer, 2021, p. 16).

(Silva; Saunders; Ohmer, 2021), portanto, vê-se a relevância da solidão-ridade entre mulheres negras. A solidão, desse modo, não é um sentimento individual, mas uma experiência coletiva, resultado de processos históricos e sócio-raciais que afetam a vida das mulheres negras.

O trauma entra em cena ao abordar o silêncio do indivíduo ao sofrer, individual ou coletivamente, momentos de choque e se perceber sem saída, preso à ideia do que aconteceu e às memórias que isto traz, até mesmo o fazendo questionar se realmente aconteceu daquela forma que costumava/costuma lembrar (Seligmann-Silva, 2002).

A escrita de si, como escrita do outro, em algumas nuances, resgata tais resquícios do trauma, reescreve-o ao mesmo tempo que indaga o ser em sua incompletude (Klinger, 2006), lembrando-o, remexendo cicatrizes e levando-o às reflexões. Hal Foster (2001, p. 168) acrescenta que “no discurso do trauma, o sujeito é excretado e elevado ao mesmo tempo”³¹. (tradução minha).

O ser que narra o trauma do outro, muitas vezes acaba resgatando traumas engatilhados em seu ser, em sua incompletude, e ao escrevê-lo, lembrá-lo, faz uma reescrita do seu trauma, remexendo em locais que estavam adormecidos, guardados, levando-o a reverberar o seu trauma e o do outro através da escrita, assim, ele revive o trauma, mas consegue na escrita, jogá-lo para fora, excretá-lo, expurgá-lo.

Desse modo, pode-se mencionar o texto encontrado em *Becos*, que se refere à dor traumática vivenciada por Tio Totó com a perda da sua esposa e filha, nas águas do rio, através da narrativa da personagem protagonista Maria-Nova:

Totó chegou são, salvo e sozinho à outra banda do rio. Chegou nu das pessoas e das poucas coisas que tinha adquirido. Onde estavam Miquilina e Catita? Não! Não podia ser... Será que elas... Não! Será que o rio tinha bebido as duas? O rio estava bebendo tudo que encontrava pelo caminho. Pedras, paus, barrancos, casas, bichos, gente e gente e gente... O rio, como a vida, levava tudo de roldão. Levava rápido, era só Deus piscar os olhos, deixar de vigiar a gente um tiquinho só e o rio vinha bebendo, engolindo tudo. Totó, moço de tantas coragens, moço de tantas proezas e aventuras, continuou na outra banda do rio. São, salvo e sozinho. Continuou ali covarde, sem muita coragem de voltar ao rio e à vida (Evaristo, 2018, p. 27-28).

Na narrativa de Maria-Nova sobre a tragédia ocorrida com Tio Totó, observa-se que as lembranças se pautam na busca pela compreensão dos sentimentos consequentes dos episódios traumáticos vivenciados por ele e sua família, bem como no tratamento da dor e da solidão, advindas das cicatrizes oriundas das adversidades ocorridas na vida de Miquilina, Catita, e do próprio Tio Totó. Maria-Nova, ao vivenciar o que ocorre com os moradores da favela, acaba

³¹ “*In trauma discourse, the subject is evacuated and elevated at once*” (Foster, 2001, p. 168).

relembrando os seus próprios traumas, através da observância e relatos do que ocorreu com outros moradores.

Assemann (2011) reporta-se ao trauma como uma ferida, utilizando a ideia de que Leslie Marmon Silko (1986), em seu romance *Cerimony*, não somente explora a manifestação do trauma, mas também a sua cura, atribuindo dinamismo narrativo e performativo ao texto. O mesmo ocorre em *Becos da memória* de Conceição Evaristo (2018), pois a história narra o trauma, e molda-se como uma narrativa com desfecho não conclusivo, mantendo-se aberta. O que se pode observar neste excerto ao se reportar ao Nego Alírio, na narração da protagonista do romance, Maria-Nova:

Já de jovem, adquirira a certeza de que muita coisa estava para ser feita, e não podia esperar, cruzar os braços, esperar resposta dos outros e do além. Era preciso ir lá, no fundo do poço, era preciso pôr o dedo na ferida e fazer sangrar. Era preciso que a ferida sangrasse o sangue mau, apodrecido, primeiro. Depois, aos poucos, gota por gota, o sangue estancaria e o corpo novamente poderia pôr-se de pé e procurar seus caminhos. Seus pais sangraram, já velhos, quando o Homem, um dia, numa manhã, abraçou-os e partiu. – Bênção pai, bênção mãe, tenho de ir. Vocês sempre hão de ter notícias minhas. Vou em paz, sei que não estão sozinhos. Enquanto estive por aqui, plantei e colhi para nós e para os outros. Ensinei a leitura para os pequenos e vivemos todos a vida de irmãos. Lembra, pai, como era tudo antes? Cada qual miseravelmente no seu canto de terra, cada qual retendo a sua sabedoria, cada qual sedimentando a sua ignorância, a sua pobreza, cada qual mais fraco e temendo o coronel Jovelino (Evaristo, 2018, p. 52-53).

Nesse excerto, observa-se que o trauma-ferida é uma dor que sangra, e é preciso que assim seja, para que o sangue mau e apodrecido saia, primeiro, e depois, lentamente, gota a gota, vá estancando, e ao ir renascendo, se fortalecendo, a pessoa se põe de pé, de novo, e busca seu rumo. A cura/cicatrização do trauma/ferida é vista como um processo de busca pela identidade, na qual a tradição – muitas vezes, esquecida – e a memória cultural desempenham um papel fundamental como orientadores. Outro aspecto salientando por Assemann (2011), refere-se à restauração da identidade, que está intrinsecamente ligada à conexão com a terra, que não pode ser reconquistada pela força, entretanto decerto por meio da narrativa e da memória/recordação/lembrança.

Em *Becos*, vê-se fielmente essa conexão com a terra, e a sua reconquista através da memória do trauma, da narração do trauma como encontrado no romance:

Crianças, mulheres, homens, todos, cada qual à sua maneira, cada qual com seu poder de alcance, de entendimento diante da vida, percebeu que, se ficasse cada um para o seu lado, eles não seriam ninguém. [...] Era cada um cuidando de sua vida, mas cuidando também da vida dos outros. [...] Os novos cuidavam da terra, do alimento para si e para os que não tinham mais forças para disto cuidar. As colheitas eram vendidas ou trocadas entre os plantadores mesmo, e o excedente vendido fora. As mulheres que tinham filhos revezavam entre si a tarefa de olhar as crianças e, assim, elas também, alternadamente, iam trabalhar no cuidado da terra, sem, com isto,

sacrificar os pequenos. [...] O Homem sabia que muita coisa ainda estava para ser feita. Sabia também que o Coronel não estava satisfeito, alguns de seus empregados haviam percebido que, se cuidassem da terrinha que tinham, poderiam viver sem o patrão. Outros perceberam que podiam pegar suas colheitas e ir vender diretamente na cidade. Andavam um pouco, cansavam-se mais, entretanto um pequeno lucro era possível. Quando plantavam e vendiam para o Coronel, não recebiam quase nada e gastavam tudo no armazém da fazenda. Mas, melhor do que o lucro, foi perceberem que, depois de anos e anos a fio, estavam conseguindo, eles mesmos, dar um novo rumo às suas vidas. Estavam se libertando do cinturão do Coronel (Evaristo, 2018, p. 65-66).

A terra aparece como salvadora; da terra saía o alimento e o ganho, uma nova perspectiva de vida se avizinhava. Uma libertação das amarras do coronelismo, da servidão. Podiam cuidar da terrinha e dela sobreviver. Resistir. Já se anuncia a alteridade, dar a volta por cima, ajudar a si e ao outro. Uma forma de resistência e re(existência).

Já o excerto abaixo, destaca, de forma singular, o poder transformador das palavras e imagens, estabelecendo uma conexão sensível entre a ferida – dado que o trauma não significa outra coisa, e ainda, lembranças que desencadeiam a saudade.

Maria-Nova ouvia a história que Bondade contava e, por mais que quisesse conter a emoção, não conseguia. Hora houve em que ele percebeu e se calou um pouco. Calou-se também com um nó na garganta, pois sabido é que Bondade vivia intensamente cada história que narrava, e Maria-Nova, cada história que escutava. Ambos estão com o peito sangrando. Ele sente remorsos de já ter contado tantas tristezas para Maria-Nova. Mas a menina é do tipo que gosta de pôr o dedo na ferida, não na ferida alheia, mas naquela que ela traz no peito. Na ferida que ela herdou de Mãe Joana, de Maria-Velha, de Tio Totó, do louco Luisão da Serra, da avó mansa, que tinha todo o lado direito do corpo esquecido, do bisavô que tinha visto os sinhôs venderem Ayaba, a rainha. Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma (Evaristo, 2018, p. 60-61).

Percebe-se no romance algumas lembranças traumáticas, são feridas que não querem cicatrizar. São saudades de um passado inexistente, que ainda reverbera no presente, visto que a história deixou cesuras no povo oprimido e também em Maria-Nova, e tudo se repetia, presentificando o passado, através da memória. Uma forma de refazimento da autora.

Já para Paul Antze e Michael Lambek (1997, p. 505-506), “ao se relembrar o trauma, busca-se refazer o eu”. Desse modo, em *Becos*, Evaristo através da protagonista Maria-Nova mostra esse refazimento do eu:

Maria-Nova ficou com o gosto insosso na vida. Tio Totó era para ela o grande ele com todos e com tudo o que ficara para trás. Os cabelos brancos do velho, o olhar perdido, a desesperança dele, tudo isso empurrava Maria-Nova para o passo seguinte. A dor de Tio Totó significava para ela um compromisso de busca de uma melhor forma de vida para si própria e para os outros. A vida parecia uma brincadeira de mau gosto. Um esconde-esconde de um tesouro invisível, mas era preciso tocar para a frente (Evaristo, 2018, p. 168).

A desesperança dava lugar à luta do prosseguir, “tocar para a frente”, buscar inovadoras maneiras de viver, modificar, consertar e melhorar a vida em que experienciava a solidão, a dor, o trauma, a amargura. O segredo era buscar seguir em frente, com esperança, se refazer e dar lugar a novas formas de viver e sobreviver.

O trecho a seguir, mostra de maneira sensível, o amor materno em meio à adversidade, trazendo uma relação entre o trauma-ferida e a sua antítese, o aconchego:

Maria-Velha, sempre amparando os irmãos, testemunhou as dores de todos. Assistiu discretamente aos encontros, aos desencontros, às paixões de Joana, aos filhos [...].

Os filhos que Joana retinha em si, mesmo depois de paridos. As patroas aconselhavam Maria-Velha: era preciso que ela convencesse a irmã a dar uma ou duas daquelas meninas ou, quem sabe, todas para algumas senhoras criarem. Podia também entregá-las ao Juizado de Menores. Seria difícil para Mãe Joana trabalhar e cuidar das crianças. Maria-Velha e Mãe Joana diziam não. “Meus filhos não são cachorros para serem dados assim!”, dizia Mãe Joana. E não se afastava dos filhos. Faltava comida, cama, conforto, mas nunca faltou o aconchego do coração de Mãe Joana, e era ali que ela aninhava a sua prole (Evaristo, 2018, p. 136-137).

Fome, dor, trauma-ferida, desencontros e solidão da falta de amparo social, entretanto, abrir mão da prole não era coisa de mulher que lutava e amava os seus filhos. Esse é um episódio claro da solidão da mulher negra, só existe ela para batalhar por ela mesma e por seus entes queridos. Presentifica-se, aqui, a batalha da mulher negra.

Com relação ao romance *Becos*, Mãe Joana podia até viver sem conforto, mas sempre estava pronta para o aconchego. Maria Joana conhecera o amor e ela própria era o amor. Percebe-se no romance algumas lembranças traumáticas de locais traumáticos, são feridas que não querem cicatrizar, como observa-se no excerto, que traz um pouco da história de Maria-Nova:

Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casagrande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (Evaristo, 2018, p. 70).

O trauma converte o corpo em um registro de gravação, interrompendo a capacidade de processar linguisticamente e interpretar a experiência (Asseman, 2011). Muitas narrativas tornam-se impossíveis frente ao trauma, outras possibilitam-se como uma catarse do trauma. O que pode ser visto, no excerto a seguir, na narrativa de Tio Totó, retirada de *Becos*:

Comecei cheio de dor, mas comecei outra vida quando cheguei são, salvo e sozinho na outra banda do rio. O tempo foi passando, pensava que estava ganhando alguma coisa. Nada, só dor. A dor sempre bate no coração da gente. Cada dor cai como uma pedra no peito. Pedras pontiagudas, e foram tantas! A dor dói fina, firme. Tantas pedradas. Tantas! E mais aquela quando Nega Tuína morreu (Evaristo, 2018, p. 28-29).

A dor-ferida-trauma vivenciada por Tio Totó mostra que é preciso falar do trauma, reverberá-lo, e assim, em um processo de catarse, desmistificar a dor do trauma. Desmistificar a solidão vivenciada pelas perdas de pessoas amadas. Narrar o trauma é dar uma certa estabilidade às lembranças, uma vez que as memórias narram os traumas. Para Assemann (2011, p. 283), “a discussão também evidencia posturas divergentes em relação à estabilidade das recordações”.

Muitas vezes, a narrativa do trauma abre uma veia-ferida que estava cicatrizada; em outras situações, há uma catarse, um alívio da dor-trauma. Em consonância com o escrito, Lima, Lima e Oliveira (2022) afirmam que as discussões principais giram em torno da experiência de ser identificada como mulher negra, utilizando como perspectiva analítica, os conceitos de ferida e trauma colonial.

Continuam afirmando que esse fenômeno impacta a vida dessas mulheres de maneiras diversas, mas sempre sob a marca comum da violência e da brutalidade da colonialidade sobre os corpos das mulheres negras e racializadas. É fundamental refletir sobre o trauma colonial a partir das vivências das mulheres negras. Um aspecto importante a ser destacado é que, ao contar suas histórias/narrativas, esse momento de choque volta à cena como um gatilho e a ferida reabre, sangrando. O que se observa neste excerto: “A ferida dos seus já estava sangrando havia muito tempo. O dia de hoje se confundia com o dia de ontem, mas o amanhã teria que ser diferente” (Evaristo, 2018, p. 58).

Os psicólogos cognitivos questionam principalmente a viabilidade de tal continuidade/estabilidade e assim, como os construtivistas, acreditam na infinita maleabilidade e mutabilidade das recordações. Os terapeutas de trauma pressupõem que as memórias podem ser preservadas ao longo de décadas e ressurgir futuramente, em uma forma de redescoberta/recordação/memória (Assemann, 2011). Uma forma de gatilho.

Assim ocorria com Maria-Nova, ao descortinar cada história ouvida e depois incluída em suas narrativas. Para Van der Kolk e Van der Hart (1989, p. 1535), “o trauma encapsula uma vivência/experiência que foge à percepção consciente e se manifesta nas sombras dessa consciência como uma presença latente”.

Essa análise coaduna com um excerto de *Becos*, ao narrar a presença/ausência que Tia Domingas sentia:

Tia Maria Domingas não tinha muito ou não tinha nada o que fazer com a vida. Estava com quase sessenta anos, viúva e recebia uma miserável pensãozinha que o marido pedreiro lhe deixara. Um barracão de dois cômodos na favela, tudo pobre e limpinho. Lavava ainda algumas roupas para fora. Quando o seu velho morreu, o barracão ficou enorme como o vazio que Tia Domingas passou a trazer no peito. Seu barraco de cozinha e quarto parecia um palácio de mil quartos e salões. Não encontrava o velho em canto algum, embora vivesse a sensação da presença dele o tempo todo. E Tia Maria Domingas, de alegre que era, passou a uma tristeza imensa. Estava a adoecer e, se assim continuasse, a morrer também estaria. Era penoso não ter o que ser (Evaristo, 208, p. 56).

Neste trecho de *Becos*, observa-se o vazio, a ausência, a solidão de Tia Maria Domingas ao perder seu esposo e ter que continuar resistindo, lutando para a sua sobrevivência, lavando roupa para fora, para completar o ganho da pensão deixada pelo esposo. A solidão afetiva. O que lhe restava era a ausência/presença, ela deixara de ser, pois só sentia que era alguém, através da presença do outro. Entretanto, a solidão da mulher negra não é tão somente um estado de espírito, é a condição de abandono social.

Antze (1997) propõe que as narrativas relacionadas às descobertas e aos *flashbacks* podem servir como um meio para aqueles que vivenciaram os traumas em uma realidade em comum, compartilharem conhecimento. Assim, as narrativas centradas em revelações e memórias do passado podem oferecer uma forma de compartilhar vivências.

Nesse contexto, as personagens de *Becos* exploram/compartilham narrativas pessoais de experiências traumáticas passadas através das revelações e memórias em busca de superação dos traumas. É importante ressaltar o contexto coletivo presente dessas narrativas/histórias de vida, que conecta os traumas discutidos à opressão socioeconômica que permeia a realidade vivenciada na comunidade/favela. Como observa-se com relação à Maria-Nova em um dia de aula de História:

A mestra perguntou-lhe qual era o motivo de tamanho alheamento naquele dia. Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida (Evaristo, 2018, p. 142-143).

Alguns símbolos mencionados, como a escravidão, são alusões a eventos históricos importantes citados no romance ficcional para dar sentido aos desafios enfrentados pelas personagens em seu presente. Assim, é no caminho da favela em processo de desfavelamento que Maria-Nova e outras personagens vão descobrindo soluções, às vezes, para seus entraves e seus traumas.

Em *Becos*, personagens são apresentadas sem a finalidade de ocultar uma identidade negra e, amiúde, são exibidas “a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira” (Evaristo, 2009, p. 19-20). Essas construções identitárias das personagens e enredos vão destoar dos estereótipos ou da invisibilidade com que as mulheres negras, são comumente tratadas pela literatura brasileira.

Em consonância com o pensamento de Evaristo, Cuti³² (2002) verificou que há poucas personagens negras na literatura brasileira. Em contraponto, há uma quantidade enorme de personagens brancas, que são protagonistas da história. O referido autor vai mais adiante, ao afirmar que a literatura brasileira é demasiadamente branca, “em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço” (Cuti, 2002, p. 32).

Sob essa ótica, a escrita dessas conexões une esses textos em um elo de enunciação que atravessa quase três séculos de desafios às narrativas que moldam a literatura brasileira, sem, no entanto, revitalizar o seu trauma colonial. Ou seja, confrontam/afrontam a seletividade dos registros discursivos que têm sido utilizados para conceber a noção de nação, pois introduzem, nessa concepção, o elemento crucial que, paradoxalmente, permanece oculto, soterrado e invisibilizado (na literatura canônica): a experiência/vivência histórica do negro (Miranda, 2019), sendo essa uma forma de epistemicídio.

Muitas vezes, os negros e negras são descritos na literatura canônica de forma estereotipada. Esses, como criminosos e estas como domésticas. Nessa linha de pensamento, a escritora e pesquisadora Conceição Evaristo oferece, em sua obra, uma análise crítica da literatura tradicional canônica (Santos, 2021).

Em um de seus artigos³³, para exemplificar, ao revisitar obras canônicas da literatura brasileira, ela ressalta que, em nenhuma circunstância, o negro é ligado à formação do Brasil, sendo tratado/mencionado apenas como um corpo destinado à escravidão, “um corpo escravo” (Evaristo, 2009, p. 21). Evaristo destaca que a representação recorrente dos negros como analfabetos e destituídos de linguagem em diversas obras dificulta o reconhecimento dos textos literários escritos por negros.

³² Luiz Silva Cuti, Iniciador de *Cadernos negros* e fundador do grupo Quilombhoje de São Paulo.

³³ EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, dez. 2009, p. 17-31. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 30 mar. 2023.

O livro de Aimé Césaire, *Discurso sobre o colonialismo*, de 1978, analisa suas inquietações e consternações acerca desse período histórico, o colonial, debatendo de forma crítica, o Ocidente, com destaque à França, em seus distintos domínios culturais, a saber, a – literatura, a filosofia, a etnologia, a política. Isso desvela o racismo presente em suas múltiplas facetas, que foi desconsiderado e invisibilizado nos intentos dos colonizadores.

Nesse contexto, Evaristo (2018) traz em seu romance, *Becos da memória*, a presença e a visibilidade da mulher negra, um paradoxo, uma vez que a mulher negra fez parte de grupos que foram invisibilizados na história, visto que a conjuntura social em que se encontrava inserida forçava-a a tornar-se invisível, pois, segundo Santos (2006), a mulher negra teve o espaço subalterno no seu limite da existência na produção historiográfica de outrora.

Em relação ao descrito,

O que pretende mostrar é que neste contexto social se definam as lógicas, que orientam processos de afetividade, emoções, dinâmicas de identidade de relações sociais, de dominação, de estratificações, de onde partem de escolhas [...] o motivo é colonizador e que o racismo e o sexismo são ideologias e práticas socioculturais, que regulam as preferências afetivas das pessoas, ganhando materialidade no corpo racializado e sexualizado, colaborando especialmente para a solidão de alguns segmentos de mulheres negras [...] (Pacheco, 2013, p. 17-18).

Entretanto, é preciso contrapor o estereótipo da mulher negra faceira, feliz e carnavalesca *versus* a sua condição social solitária. É fundamental contestar esse estereótipo, como afirma Carneiro (2011), porque ignora a sua vulnerabilidade social e a sua condição histórica de objetificação e exploração, perpetuando um ciclo de invisibilidade e sofrimento ao desconsiderar a complexidade das suas experiências, marcadas pela luta contra o racismo, o sexismo e a precariedade, ou seja, oscurecendo a realidade do racismo e da desigualdade de gênero. A seguir, um fragmento de *Becos* que denota uma precariedade social:

Que merda! Que vida! Estava tudo difícil e ela complicou-se mais ainda pegando o broche de Dona Laura. O vento insistia pelas fendas. Riscou logo o fósforo, acendendo a lamparina, a luz tremulava firme. Colocou a lamparina no chão. Suspendeu e tirou lentamente a blusa. Abriu o sutiã devagarinho como mulher negaceando homem. O peito ardia. Tirou o sutiã segurando firme a pedra. Levantou a lamparina e olhou o seio. Ali onde a pedra estivera, o peito estava em carne viva. Da carne machucada uma ferida viva sangrava assustando mais ainda o temor que Ditinha sentia naquele momento (Evaristo, 2018, p. 113-114).

Contrastar essas imagens superficiais com a realidade da solidão e da invisibilidade social permite que se reconheçam as necessidades e os direitos dessas mulheres, combatendo o racismo estrutural e promovendo a sua plena cidadania (Carneiro, 2011).

Historicamente, mulheres pretas são atravessadas por intersecções várias, seus marcadores sociais, no que diz respeito à sua cor, gênero, classe social, orientação sexual, etc. Pesa-se, aqui, as opressões advindas do machismo, sexismo, racismo e lgbtphobia. Tais manifestações de violência são causadoras de cicatrizes físicas e psicológicas que perduram e resultam em inúmeros episódios traumáticos. O ímpeto de se fazer pertencer, de se sentir vista e reconhecida, semelhante à maioria, desloca o sujeito de suas identidades. Para se reconhecer, é preciso o Outro, por isso, faz-se necessário a abordagem da solidão-ridade.

5.3 SOLIDÃO-RIDADE: A NARRATIVA DO TRAUMA ENTRECRUZADO À MEMÓRIA

A temática da “solidão-ridade” foi apresentada na edição especial de 2021 da revista, de estudos femininos WSQ³⁴ – já renomada na época –, que estabelece correlações no trabalho de feministas negras no campo da teoria político-afetiva, no entrecruzamento de línguas e fronteiras geopolíticas que permearam entre os séculos XVI e XX (Silva; Saunders; Ohmer, 2021).

Diante desse contexto, surgiu o termo “solidão-ridade”, que significa “uma nova forma de construção comunitária a partir da posição ativa que estrutura as subjetividades dos socializados em feminilidade, feminilidade negra, ou solidão³⁵”. (tradução minha) (Silva; Saunders; Ohmer, 2021, p. 17). Em outras palavras, a socialização em feminilidades negras.

Nesse âmbito, é necessário enfatizar que, conjuntamente, mantendo a fidelidade em retratar as facetas várias da vivência da solidão, essas personagens, trazidas por Evaristo em *Becos da memória*, registram com paixão em seus corações, com coragem e consciência, como elas e seus ancestrais puderam enfrentar experiências opressivas que se encontraram inseridas em contextos sociais racializados, que são mais abrangentes, indo além das barreiras impostas à comunidade negra, transformando-a em um momento de libertação, libertando e politizando essas memórias.

Daí a solidão-ridade presentificada na obra evaristiana. A autora dá voz e vez às mulheres negras, em meio à solidão não só afetiva, mas também, a solidão histórico-social. Em *Becos da memória*, Conceição Evaristo trabalha a ideia de solidão-ridade como uma vivência paradoxal: ao mesmo tempo em que há isolamento individual, marcado pela dor, pela pobreza

³⁴ *Women's Studies Quarterly* – Revista Trimestral sobre as Mulheres.

³⁵ “A new form of community building from the active position that structures the subjectivities of those socialized into Black womanhood and Black femininity, or loneliness” (Silva; Saunders; Ohmer, 2021, p. 17).

e pela exclusão, existe também um movimento de *solidão-ridade* coletiva entre mulheres que surge como uma forma de resistência.

Muitas personagens femininas enfrentam a *solidão* de criar filhos sozinhas, sofrer violência ou carregar responsabilidades domésticas pesadas. Mas, a *solidão-ridade* entre vizinhas — que compartilham alimentos, acolhem os filhos umas das outras e dividem confidências em meio a *solidão* social — gera uma rede de apoio que mitiga a dor. Em relação às mulheres mais velhas, elas carregam a *solidão* do esquecimento e do corpo cansado, mas são valorizadas na oralidade, transmitindo histórias que fortalecem a identidade da comunidade (memória coletiva).

Segundo Benjamin (1996), lembrar memórias, ou seja, a rememoração, é uma prática que influencia o presente, agindo sobre ele, equacionando-o com uma abordagem reflexiva. Jeanne Marie Gagnebin (2006), alinhada às ideias de Benjamin, destaca que é fundamental lembrar o passado, mas não apenas “lembrar por lembrar”. Ela reforça que o ato de não esquecer é essencial para uma análise mais profunda do passado, que pode gerar ferramentas para entender melhor o presente.

Mostra que o/a negro/ conseguia romper e seguir adiante, em meio às lutas, como observa-se neste excerto: “A vida exigia sim! Era preciso caminhar, era preciso ir. [...]. A força do pensar, do criar, do mudar, do lutar, do construir. Dentro [...] cabia ainda [...] o sonho, o amor, cabia agora, cabia o porvir [...]” (Evaristo, 2018, p. 139-140).

A memória, nesse sentido, funciona como uma espécie de esforço consciente na história (ascese); o pesquisador deve se abrir às lacunas, aos esquecimentos e ao que foi reprimido (Oliveira, 2015), para dar voz àquilo que ainda não foi devidamente lembrado ou expresso em palavras (Gagnebin, 2006). Nesse sentido, Silva (2023) destaca a relevância da imprensa e do ativismo negro, além da luta desse movimento antepondo-se a determinados estigmas sociais que, de várias formas, influenciam a produção literária de um grupo socialmente marginalizado.

Trazendo o estudo para a perspectiva decolonial, teoria que abarca esta pesquisa, e para explicar o contexto em que se criou o termo *solidão-ridade*, Silva, Saunders e Ohmer (2021) argumentam que, por terem vivenciado uma crise pandêmica sem precedentes, as autoras compartilharam de um luto diaspórico e coletivo pelas vidas que se foram em consequência do racismo estrutural, por meios de atos que indicam violência como o acesso precário à saúde, violência policial ou as várias configurações de violência colonial direcionadas a dissidentes negros, violências de gênero e sexuais impetradas pela sociedade preconceituosa, racista e pelo sistema. Por meio desse luto coletivo, construíram a categoria *solidão-ridade* e a evocaram.

Em se tratando de uma solidão coletiva, a expulsão da favela, o desfavelamento, com as remoções urbanas, evidencia tanto a solidão do desenraizamento (cada família sendo dispersa) quanto a solidão-ridade nas despedidas, nos gestos de partilha e na consciência de uma luta comum contra a desigualdade social. A solidão perante a ameaça de expulsão. As narrativas retratam a ameaça constante da destruição das favelas e a expulsão das pessoas de suas casas, o que intensifica a falta de perspectiva e a solidão diante do futuro. O que observa no fragmento de *Becos*:

[...] Novos tratores chegaram. Chegaram bravios, recomeçando o trabalho. Só se ouvia barulho e sentia poeira. O desfavelamento recomeçava. Todos aqueles que já tivessem recebido as tábuas e tijolos ou a quantia de dinheiro oferecida pela firma construtora deveriam desocupar o beco (Evaristo, 2018, p. 78).

Observa-se no romance, apesar do desfavelamento – uma desconstrução, a reconstrução da memória de uma comunidade, em que a narradora – Maria Nova e a autora – Conceição Evaristo, resgatam as histórias dos moradores dos becos da favela inominada, as suas alegrias e suas dores, seus traumas e dissabores para celebrar o presente e resistir à opressão, de forma coletiva. Afinal, a história passa-se por meio dos becos de uma coletividade:

Escrever é a ferramenta utilizada para recompor o vasto painel de lembranças calçadas na “experiência da pobreza”, vivida por quem soube observar, com olhos atentos e condoídos, os becos de uma coletividade: bêbados, putas, malandros, muitas crianças vadias e mulheres sofridas. (grifos da autora) (Fonseca, *apud* Evaristo, 2018, p. 185).

Desse modo, os participantes dessa construção comunitária compartilharam e ainda compartilham, de uma dor coletiva e diaspórica pela perda de vidas causadas pelo racismo estrutural tão emaranhado nas entranhas de muitos indivíduos. E através desse sofrimento compartilhado, dessa dor coletiva, enredam a solidão-ridade. Nos pequenos detalhes do cotidiano da favela, via-se a união (solidão-ridade) e a preocupação entre as mulheres.

Havia lavadeiras que nem levavam as tinas para casa, porque voltariam no outro dia, no outro dia, voltariam sempre. Quando uma lavadeira não estava, as amigas usavam a tina dela. Filó Gazogênia não vem hoje? Não, ela não virá mais nunca! É preciso manter a tina cheia, as madeiras molhadas. Filó Gazogênia cansou, encheu-se da vida. A morte veio esvaziando tudo (Evaristo, 2018, p. 105).

Pode-se asseverar que o contrário da ausência afetiva é a presença. Presença passa a ser aqui, um antônimo de solidão, no sentido da afetividade entre os pares. Observa-se, por exemplo, a abordagem proposta por Heidegger (2007) acerca da solidão humana em uma ótica fenomenológica. Ele aborda o sentido da “co-presença”, ou seja, o ser e o mundo que o circunda. Só se é na presença do outro, ao passo que o “eu” se reconhece em si mesmo, tomando

como referência, o outro. Quando se tem a ausência dessa co-presença incessantemente perseguida, o que resta é sofrimento e solidão. Por isso, acentua-se que:

É na análise do modo de ser em que a presença se mantém, numa primeira aproximação e na maior parte das vezes, que se deve buscar a resposta da questão do quem da presença cotidiana. A investigação orienta-se pelo ser-no-mundo cuja constituição fundamental também determina todo e qualquer modo de ser da presença (Heidegger, 2007, p. 173).

Desse modo, a ausência da solidão é a presença. Muitas vezes, com o trauma atrelado à solidão, presentificado nas personagens de *Becos*, em uma tentativa de sobrevivência, algumas personagens entrecruzam as memórias e os traumas com o silêncio trazido pela cesura/ferida deixada pelo trauma velado, que se desvela e se transforma em narração/presença das experiências que vêm à tona, como se comprova nesse trecho do romance memorialista:

Vó Rita intuía que alguma coisa de grave havia acontecido com Custódia. E por que ninguém falou? Os filhos dela todos eram de tempo. Bom organismo tinha a mulher. Este não nasceria por suas mãos. Suas mãos agora tinham outro ocupar. Pensou na Outra e sorriu. Desde o dia em que decidira ficar com ela, teve de deixar de amparar os que estavam chegando ao mundo. Todo mundo sentiu, porém todos entenderam. A única pessoa capaz de acolher a Outra, só seria ela. Só Vó Rita tinha o coração tão grande! Só Vó Rita não deixaria nunca a Outra tão em meio à solidão (Evaristo, 2018, p. 83).

Na análise do fragmento do romance, para que a solidão do trauma se consolide em presença, busca-se a presença do outro, como uma forma de minimizar a dor, a solidão afetiva e a ausência. Em consonância ao descrito e estabelecendo conexão com a narrativa literária de Conceição Evaristo em *Becos* (2018), vale ressaltar nesse excerto descrito, mais uma vez, se verifica, o contrário da ausência/solidão, que é a presença. Nesse cenário, a presença aqui, em contraponto com a solidão, tem sentido mais amplo, não apenas de ‘comungar dores’, pois abrange, portanto, o institucional.

Nesse fragmento, vê-se o quanto Vó Rita se importava com todos e todas, uma demonstração de solidão-ridade:

Maria-Nova escutou de longe a gargalhada forte de Vó Rita. Quis correr para abraçá-la, mas se lembrou da Outra. Não! Vó Rita dormia embolada com ela. Parou, então, com o coração aos pulos. A voz, o som, a música de Vó Rita, foram se aproximando. Maria-Nova sentiu uma dor e uma alegria intensa. Não sabia bem por quê, mas todas as histórias lhe vieram à mente: as que Maria-Velha contava, as do Tio Totó, as de guerra de Tião Tatão, as do Bondade, as silenciosas que ela aprendera a ler nos olhos tristes de Mãe Joana, as que ela testemunhava no dia a dia da favela. Teve a impressão de que tudo e todos caberiam no coração de Vó Rita e não no coração dela. E não era por ela ser uma menina! Não era por isso não! Era porque no coração de Vó Rita tinha espaço para tudo e para todos (Evaristo, 2018, p. 66-67).

Em outro trecho observa-se as memórias relacionadas à ancestralidade no modo como o cenário familiar é construído, a maneira como os saberes e tradições são transmitidos de geração em geração, as histórias contadas e recontadas por meio da oralidade e o passado que se faz presente, lembrado, através dos mais velhos e mais velhas. A personagem Maria-Nova via e ouvia narrativas de um tempo remoto que contribuía, na infância, para o seu letramento racial e identitário, que ocorria e ocorre o tempo todo, desde que se nasce, fortalecendo seu sentimento de pertença, como encontra-se no excerto:

Sô Ladislau, de dentro do balcão, observava a cena. Quem passasse por ali, quem desconhecesse o local, pensaria que era a primeira vez que tudo estava acontecendo, tal o interesse de todos. O som do pandeiro, da cuíca, do atabaque, das vozes saíam de dentro de todos. Era uma cena bonita e triste. Talvez só bonita, triste aos olhos de Maria-Nova que divagava em um pensamento longínquo e próximo ao mesmo tempo. Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela (Evaristo, 2018, p. 69-70).

Com o texto acima, nota-se o contrário da presença, que é a ausência, a solidão. Daí a importância de se adentrar na seara de cunho social, econômico e político, que é a solidão da mulher negra. Nesse ínterim, Silva, Saunders e Ohmer (2021) cunharam um neologismo, já mencionado, associado à palavra sororidade, para tratar do acolhimento e empatia entre mulheres negras diante das violências e exclusão da sociedade: a *solidão-ridade*. E asseveraram:

Almejamos desenvolver uma outra perspectiva de construção de comunidade a partir da posição afetiva que estrutura as experiências das mulheres negras com uma parte formativa da subjetividade feminina negra, ou a solidão [...]. A partir desta posição afetiva [...], partilhamos um luto diaspórico e coletivo de vidas perdidas devido o racismo estrutural, seja através de violências como cuidados de saúde inadequados, violência policial ou as várias formas de violência colonial dirigidas às mulheres negras – e aos dissidentes sexuais. Através do luto coletivo, nós exalamos solidão-ridade. [...] Reconhecendo a intensidade desta profunda dor para os negros, e quão intensamente isso é sentido pelas mulheres negras, dada a interseccionalidade de nossa existência nestes sistemas imbuídos de colonialidade, damos as mãos em solidão-ridade (tradução minha)³⁶. (Silva; Saunders; Ohmer, 2021, p. 17).

As cicatrizes ancestrais ocasionadas por um passado opressor, de traumas coletivos e individuais, perpassam a história de vida das personagens de Evaristo em forma de testemunho, ou como afirma Seligmann-Silva (2008), trauma transfigurado em lembranças e esquecimentos.

³⁶ “We have come to develop a new form of community building from the affective position that structures the subjectivities of those socialized into Black womanhood and Black femininity, or *solidão*. [...] From this affective position during the pandemic, we share a diasporic, collective grief of lives lost to structural racism, whether through violences such as inadequate health care, police violence, or the various forms of colonial violence directed at Black gender – and sexualdissidents. through the collective grief, we conspire *solidão-ridade*. Recognizing the intensity of this deep grief for Black people, and how intensely this is felt for Black women given the intersectionality of our existence in these systems imbued with coloniality, we join hands in *solidão-ridade*”. (Silva; Saunders; Ohmer, 2021, p. 17).

Ao dizer o indizível, o que sangra a alma e reativa a memória trágica, busca-se ressignificar o trauma, mesmo que de modo paradoxal. Nesse contexto, “essas formas de lembrança ocupam distintas paisagens de memória. Uma localidade só mantém memórias se as pessoas se dedicam em preservá-las. São espaços amalgamados a locais de memória” (Asseman, 2011, p. 347).

Quando uma memória armazenada no corpo é dissociada da consciência, passamos a lidar com um trauma, compreendido como uma vivência encoberta fisicamente, mas que se manifesta por meio de sintomas e impede a recuperação da lembrança. Entretanto, em determinadas situações, mesmo que haja um período de esquecimento coletivo, a memória individual inclui algumas lembranças de locais determinados que podem trazer de volta a preservação de uma memória (Assmann, 2011). Dessa forma, “ocorrem reanimações, nas quais tanto o lugar reativa a recordação, quanto a recordação reativa o lugar” (Assmann, 2011, p. 25).

O trauma aqui vivenciado, esquadrinha o passado traumático como um trauma coletivo, em que a culpa, refreada pela sociedade, “reconduz violentamente à consciência a partir de um presente que negligencia a memória do passado e dos antepassados” (Asseman, 2011, p. 188).

Narrativas de vida de mulheres negras que foram abandonadas na infância por seus progenitores, mulheres negras que cresceram sobrecarregadas com os afazeres domésticos e os cuidados com os seus e, por fim, a mulher negra mãe que se encontra só, tendo que criar seus filhos exercendo múltiplas funções. Este é um dos principais cenários descritos no romance *Becos*:

Sua irmã, Toninha, era uma desmiolada. Enquanto ela era menor, teve um pouco de autoridade sobre ela. Conseguiu que ela ficasse dentro de casa, olhando as crianças e cuidando do pai, enquanto ela, Ditinha, saía para trabalhar. Mas assim ela fez dezoito anos, não quis saber nem de pai, nem de irmã nem de sobrinhos. O medo de Ditinha era que, daí a pouco, a irmã estivesse na mesma situação dela. Três filhos, a miséria, e totalmente sozinha (Evaristo, 2018, p. 77).

O trauma da rejeição e, conseqüentemente, da solidão vivida pelos mais velhos, configura-se como um mecanismo de defesa por parte, principalmente, das mulheres negras. Crescer em um lar desestruturado, convivendo diariamente com a dor e a angústia de se sustentar e se preocupar com a sobrevivência dos demais, sem suporte familiar, acarreta sérios choques na experiência do que seria um “viver”, é o abandono social.

Ao tratar da dor, aqui abordada, há um tema que necessita ser mencionado, devido à riqueza da tratativa dessa temática, a *dororidade*, vocábulo que foi idealizado por Vilma Piedade, em 2007, em uma tarde de sábado, em que mulheres militantes engajadas estavam em reunião no Instituto Cultural Rose Marie Muraro buscando viabilizar ações para o movimento

Partida³⁷. O vocábulo foi tomando forma e passou a ser conceituado e evoluiu para um conjunto de ideias, no entanto, ainda é uma lexia que não há registro no dicionário (Tiburi *apud* Piedade, 2017). Mas, já se encontra amplamente mencionado no *Google*. A criadora do vocábulo apresentou-o, pela primeira vez, no artigo intitulado “Dororidade... o que é? Ou o que pretende Ser”, publicado no *blog* da Partida em maio de 2017 (Tiburi *apud* Piedade, 2017, p. 6).

Deste encontro, em 2007, surge o embrião do livro *Dororidade*, que mais tarde, acaba se concretizando em sua publicação datada de 2017. Para a autora, “não há dor maior ou menor. Dor não se mede. É de quem sente. Há dor. Dor dói e ponto” (Piedade, 2017, p. 18). Daí surgiu a iniciativa de criar o termo dororidade.

A “Escrevivência”, ora mostra a experiência da dor, do trauma, como ferida que ora é aberta, ora caminha para o processo de cura; perpassa os caminhos da lembrança e do esquecimento, pois utiliza o dispositivo da memória como um de seus recursos e pertence a um jogo de representação. Observa-se que as narrativas em *Becos*, simultaneamente se afastam e se aproximam do real, por meio do relato ficcional e do viés de testemunho.

Em seu livro, *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*, Seligmann-Silva (2003, p. 9), apresenta algumas questões concernentes ao testemunho, tais quais, “as aporias³⁸ entre o lembrar e o esquecer e seus desdobramentos no debate entre a memória e a história”.

A forma moderna de narrativa de teor testemunhal encontra suas origens na narrativa de um sobrevivente do genocídio armênio do princípio do século XX. Os relatos dos soldados da Primeira Guerra Mundial assinalavam para as complexidades inerentes a um fenômeno apontado pela irrealidade e pelos enigmas paradoxais da representação da violência. Durante a Segunda Guerra Mundial, a perseguição aos judeus pelo estado alemão antissemita estabeleceu um padrão para o relato dos testemunhos (Seligmann-Silva, 2003).

O termo "teor testemunhal" foi introduzido por Seligmann-Silva (2003), representando uma nova forma de conexão entre o contexto histórico e a literatura. A base do testemunho, que se refere à questão histórica, requer uma abordagem referencial que não reduza o real à mera ficção literária; acredita-se que existe uma brecha que se encontra entre o evento e o discurso que se reflete por meio de uma escrita com fragmentos, evocando lembranças e esquecimentos. Nestes relatos, há um indivíduo que se propõe a expressar esteticamente à singularidade da

³⁷ Movimento de protagonização de mulheres para a política.

³⁸ De acordo com o Dicionário Priberam (2011, p. 946), aporia é a “[Filosofia] Dificuldade lógica. [Retórica] Hesitação calculada. ▸ Etimologia: grego *aporía*, -as, dificuldade”.

vivência da opressão e a árdua empreitada de situar experiências-limite entre a normatividade e a transgressão linguística.

Na obra de Evaristo, *Becos da memória*, evidencia-se a narradora-personagem personificada no corpo de uma jovem negra que, dentro da narrativa, relembra sua visão de mundo através de sua infância, pré-adolescência e as vivências nessa fase da vida. Na ambiência da favela, figurativamente comparada com as senzalas de um passado remoto, porém presente na memória e nos traumas, histórias são contadas e recontadas acerca do processo de escravização de negros e negras permeando o cenário e o imaginário coletivo das personagens. Dessa forma, dizer o indizível ou o que sangra, por meio, inicialmente, da oralidade e, posteriormente da escrita, consiste no ato de rememorar e rechaçar, pouco a pouco, as tentativas de apagamento da memória ancestral.

Partindo do exposto, faz-se necessário descrever o que Seligmann-Silva (2008, p. 66) abordou sobre o trauma, uma vez que salientou que “narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer”. No contexto da escravidão, o desgarrar-se dos seus, o banzo como consequência deste desgarrar-se, as inúmeras sessões de tortura física e psicológica, os estupros cometidos pelos senhores de engenho e a falta de direitos básicos direcionados à população negra, até hoje socialmente marginalizada, representa uma chaga histórica na construção de uma nação. A Literatura Contemporânea e a Literatura Negro-brasileira, portanto, precisam reverberar estratégias de denúncia e possibilidades de redimensionar a narrativa já existente.

Acerca dessa tristeza que levava à morte dos escravizados – o banzo – era sentido também por Tio Totó e seu pai:

– Não, eu já rodei, já vaguei por esse mundo. [...] Já comi e bebi poeira das estradas. Tenho marcas de muita carga no lombo. Na roça, às vezes, meu pai contava histórias e dizia sempre de uma dor estranha, que nos dias de muito sol, apertava o peito dele. Uma dor que era eterna como Deus e como o sofrimento (Evaristo, 2018, p. 19).

Maria-Nova continua a descrição desse diálogo entre ela e Tio Totó rememorando as lembranças: “Totó entendia, era menino, mas, de vez em quando, sentia aquela apunhalada no peito. Uma dor aguda, fria, que sem querer fazia com que ele soltasse fundos suspiros. O pai de Totó chamava aquela dor de banzo” (Evaristo, 2018, p. 19).

Desse modo, o discurso da personagem/protagonista/narradora Maria-Nova evoca experiências, atravessa traumas decorrentes da escravização: “A vida passou e passou trazendo dores” (Evaristo, 2018, p. 19). No entanto, resgata conhecimentos/saberes outros transmitidos na oralidade pelas mais velhas e pelos mais velhos. O excerto a seguir destaca essas marcas:

[...] Quando Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na “Lei do Ventre Livre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida, nem ele (Evaristo, 2018, p. 17).

Nesse contexto, observam-se as marcas dos traumas ancestrais em relação à desigualdade. Outra situação a ser observada, diz respeito ao Tio Totó, mesmo que não tenha escolhido aquela vida, ainda que tenha nascido livre, era obrigado a fazê-lo – sair do local em que já havia certa vivência –, queria se acomodar em sua velhice; nem ele, que nascera livre e nem os seus pais, que viviam em situação de escravizados, escolheram aquela vida para si. Assim, Sartre (1997) diz que o ser é lançado em um meio que não é da sua escolha.

Com relação aos traumas ancestrais, Margarete Oliveira (2018, p. 3) afirma que o trauma:

Compõe assim uma narrativa entrelaçada por vozes afrodescendentes de diversas gerações, em cenários que vão do ambiente da lavoura aos “quartos de despejo” das grandes cidades. É por esta fala de menina – simultaneamente jovem e antiga – que Conceição Evaristo encena as origens e as consequências da desigualdade.

Quando afirma que a fala da menina é ao mesmo tempo, jovem e antiga, pode-se considerar que o trauma nos força a amadurecer antes do tempo, até pela exposição constante à pobreza, a tensão existente entre os moradores diante do processo de expulsão das suas moradias devido ao desfavelamento, a observância de Maria-Nova às dores dos outros e das outras e as suas dores. O quanto ela promovia a escuta das dores das mulheres negras, as mais novas e as mais velhas e unidas a cada narrativa, expurgavam as suas dores através das memórias recontadas, em uma prova clara de solidão-ridade.

São memórias individuais que se interligam à memória coletiva, no que lhe concerne à esfera da tradição, que é o acervo de saberes de cada comunidade (Halbwachs, 2013). Assim, corroborando com Seligmann-Silva (2008, p. 67), “a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade”.

A memória individual é a lembrança particular e subjetiva de cada indivíduo. Já a memória coletiva, é o conjunto de lembranças, histórias e experiências compartilhadas por um determinado grupo, que auxilia na definição da identidade desse grupo. Já a memória urbana, concerne às lembranças da cidade manifestadas por meio de seu espaço físico ou registros históricos, documentais. Ela representa uma confluência entre a memória individual e a coletiva do grupo que habita/habitou na cidade (Halbwachs, 2013).

Vale salientar que as memórias individual, coletiva e urbana não existem isoladamente, mas sim em uma interação constante. As memórias individuais são influenciadas pela memória

coletiva; enquanto a memória coletiva se apresenta e se transforma na memória urbana, ou seja, nos vestígios físicos e culturais da cidade, como monumentos, ruas e registros históricos (Bezerra *et al.*, 2021).

Ao referir-se a si mesma sem utilizar a primeira pessoa do singular, Maria-Nova distancia-se do aspecto pessoal (memória individual) e aproxima-se da coletividade (memória coletiva) – uma característica marcante na favela que descreve. Ao narrar memórias da sua infância na terceira pessoa, ela afirma que outras meninas-mulheres-negras partilham histórias parecidas (solidão-ridade); assim, as dores relatadas pela narradora-personagem não pertencem apenas a ela ou a Evaristo, mas a diversas Marias que, como elas, foram postergadas a não-lugares (Oliveira; Dias, 2020). Observa-se essa referência, no excerto a seguir:

[...] A oração que Maria-Nova mais gostava era a Salve-Rainha. Havia partes da oração em que ela via todo seu povo, em que ela reconhecia o brado, as tristezas, os sofrimentos contidos nas histórias de Tio Totó, nas de Maria-Velha e nas histórias que Bondade contava. [...] A oração podia ser aplicada a vida de todos e à sua vida: “A vós bradamos os degredados filhos de Eva. Por vós suspiramos neste vale de lágrimas [...]”. Ela via ali, em coro, todos os sofredores, todos os atormentados, toda a sua vida e a vida dos seus (grifos da autora). (Evaristo, 2013, p. 67).

Nesse cenário apresentado, de acordo com Le Goff (1990, p. 368),

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

O foco narrativo de *Becos* vai além de recordações individuais, abrangendo do mesmo modo, a memória coletiva, pois “lembrar significa recuperar as experiências individuais e coletivas” (Oliveira, 2011, p. 32). O fato reprodutor do trauma é revivido e adquire novas ramificações, mas certo distanciamento é tomado para que se escreva/diga aquilo que custa ser escrito/dito. Concomitante a isso,

[...] o elemento inverossímil daquela realidade ao lado da imperativa [...] necessidade de se testemunhar, como meio de sobrevivência. A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço (Seligmann-Silva, 2008, p. 70).

Ao reunir histórias sobre si mesma e sobre os moradores de sua comunidade – a favela inominada, em um período em que o porvir granjeia delineamentos inauditos e incertos, a personagem Maria-Nova, bem como em todo o contexto do romance memorialista *Becos da memória*, aciona a memória coletiva para pautá-la às ações singulares de identidade e da

memória urbana. “A memória urbana, para as instituições nascentes e ameaçadas, torna-se verdadeira identidade coletiva, comunitária” (Le Goff, 1990, p. 389). De forma semelhante, a memória coletiva desempenha um papel fundamental na luta das forças sociais pelo poder.

Para Oliveira (2018), a escritora Conceição Evaristo não apresenta ao leitor uma trama linear, com sequências e finda. É preciso alinhar a colcha de memórias que nos é exposta. Para exemplificar, nota-se em um excerto de *Becos* (2018), a memória relacionada ao trauma, em uma narrativa do Tio Totó:

Perdi as forças, Maria-Velha. Trabalhei demais. Eu quero agarrar nas coisas, pegar o machado, rachar essa lenha... Assento e penso: pra quê? Fiz isso a vida inteira... Labutei, casei três vezes, viuei duas, a terceira mulher é você. Tive filhos das duas primeiras. Os filhos também se foram. Partidas tristes, antes do tempo cumprido, antes da hora. Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança (Evaristo, 2018, p. 17).

O trecho acima se refere à fala da personagem Tio Totó, que se encontra em sua velhice se recordando dos tempos idos e vindos, de como as várias perdas de seus entes queridos, o afetam diariamente, trazendo como consequência, a desesperança e o desejo de não mais viver. A presença do trauma na narrativa evaristiana evidencia que as cesuras ainda estão abertas e cabe ao escopo literário não reproduzir tais vivências, mas reconfigurá-las.

Em suma, Evaristo mostra que a “solidão-ridade” é inseparável: a solidão é fruto da marginalização social da mulher negra, mas a solidão-ridade é a resposta criativa e afetiva das pessoas do beco, o que permite resistência, sobrevivência e afirmação da vida.

Assim sendo, a edificação da obra analisada assenta-se em embasamentos ficcionais impregnados de um teor testemunhal, já que vincula a escrita à vida não só se referindo à vida da autora, entretanto, de toda uma comunidade negra. Nesse sentido, percebe-se que a escrevivência de Conceição Evaristo transpõe e sobrepuja a memória individual.

Desse modo, vem alinhavando, com a sua “Escrevivência”, o tecido memorial que foi destruído pela opressão e violência do passado colonial brasileiro, vislumbrando uma forma de esperar um futuro promissor e visibilizado para a comunidade negra. Tanto nesse romance como em sua *Fortuna Crítica*, a escrita de Evaristo busca dismantlar um projeto político nacional que vem silenciando e modificando, de maneira violenta, a história do povo negro no Brasil. Assim, a escritora utiliza-se da literatura como uma potente ferramenta para alcançar tal propósito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da perspectiva apresentada que partilha texto literário e compartilham textos teóricos e críticos, observou-se que a “escrevivência” de Evaristo perpassa pelo lembrar e escrever. Tece a trama das vivências negras, ao entrecruzar o passado e o presente, a ancestralidade e o novo. Traz questões direcionadas à alteridade em meio à favela, à solidão e o trauma, em que o eu, em-si, relaciona-se com o outro, para-si, em uma crítica social mais contundente. Traz à tona personagens marginalizadas, proporcionando denúncias e outras reflexões, perpassando pelas memórias ficcionais ou reais usadas como ferramenta de reconhecimento dos acontecimentos pessoais ou histórico-sociais, enfatizando a realidade sociocultural de muitos negro-brasileiros, leia-se aqui, mulheres pretas.

A prática da "escrevivência" demonstrou ser uma ferramenta metodológica valiosa na construção do conhecimento, destacando que a escrita de mulheres negras precisa promover mudanças epistêmicas dentro da produção científica hegemônica, que é predominantemente branca e eurocêntrica. Para tanto, a pesquisa qualitativa baseada em narrativas, principalmente aquelas contadas por Maria-Nova, a protagonista do romance memorialista, e outras narrativas autobiográficas em que a autora se desvelou na trama, possibilitou a captura das tensões oriundas do processo de desfavelamento. Assim, os ecos e reflexos de sentido que insurgem das falas foram analisadas a partir da correlação que formou a trama, em que relatos autobiográficos se entrelaçaram com as experiências vividas pelos moradores da favela inominada no romance *Becos da memória*.

A sistematização metodológica para analisar *Becos* envolveu o mergulho na escrevivência de Evaristo para compreender a complexa construção de memórias e identidades negro-brasileiras, considerando as ferramentas narrativas e a força poética que a autora empregou para revelar as realidades da comunidade negra.

Ao analisar o romance memorialista ficcional *Becos*, observou-se como a narrativa da autora, Conceição Evaristo, se enlaça com as suas próprias vivências e com as de sua comunidade, especialmente no tocante à vida na favela e à condição de ser negra no Brasil. A escrita é assinalada por uma narrativa fragmentada e pelo uso do contraponto, que revela a interação entre as lembranças da infância e da vida adulta, assim como entre a experiência individual e a coletiva.

Diante do trauma da diáspora e das marcas ancestrais e outros tantos, como o processo de desfavelamento, a pobreza exarcerbada, a invisibilidade, os estereótipos e estigmas, a denegação por racismo, a solidão, a dor, as cesuras tão potentes e veementes, intensas, agudas

e pungentes para a comunidade negra, pode-se, através da alteridade – dessa empatia entre o eu e o outro, da escuta dos traumas, dores, solidão –, através da representatividade já demonstrada pela mulher negra e o homem negro no cenário nacional, diante da resistência e reexistência de mulheres negras e homens negros potentes, reafirmar que estes, já estão sendo protagonistas das suas histórias.

O estudo demonstra uma “escrevivência” em um viés fronteiriço, às vezes na zona limítrofe da verossimilhança, no reencontro da história literária, ficcional e não-ficcional (quem poderia dizê-lo efetivamente?), amalgamada à pessoal. Ações cogentes traçadas no romance *Becos*, que levam à reflexão e ação, para que as histórias, especialmente das mulheres negras/pretas e da sua coletividade, em suas questões cronotópicas (espaço-temporais) e sociais, sejam reverberadas, revistas, visibilizadas, memorializadas e reafirmadas, fomentando mudanças.

O respeito às diferenças étnicas e suas demandas culturais locais e a diversidade, é preciso, para desmistificar a desigualdade sociorracial, promovendo estratégias que valorizem a cultura negro-brasileira, viabilizando o fortalecimento da identidade da mulher negra e do homem negro, dentro de uma perspectiva decolonial.

De tal modo, é preciso dar importância aos movimentos sociais como o Movimento Negro, que através das suas lutas de representações sociais e ações têm mudado a perspectiva do pensamento abissal; e também dar relevância aos estudos produzidos por intelectuais negros e brancos que, com força identitária, lutaram para que se tenha, na atualidade, a consciência da necessidade do conhecimento das pautas negras; e dar relevo a grupos como o Modernidade/Colonialidade e o Gevonc que viabilizam saberes concernentes à compreensão acerca de discussões antirracistas, interlocuções epistemológicas, buscando o entendimento da história em um contexto diaspórico e decolonial hasteando o protagonismo negro no Brasil contemporâneo.

O Movimento Negro no Brasil tem como uma de suas prioridades, a questão da identidade, que não pode ser observada de uma única maneira. Na perspectiva do Movimento Negro, ela está em constante transformação, ou seja, processo contínuo a ser construído. Ela, por vezes, é aceita, negada, incorporada ou até ressignificada, a depender do contexto. Assim, o Movimento Negro entende que raça e identidade dos seus integrantes estão relacionadas às questões étnico-raciais. Além disso, é importante pensar na conscientização e na mobilização, pois as pautas necessitam buscar a mudança e o fortalecimento da população negra na sociedade.

Reafirma, ainda, o estudo que, através da solidão-ridade, que envolvem a alteridade e dororidade, as mulheres pretas vêm se unindo e se fortalecendo, em uma potente resistência e re(existência), trazendo em suas vivências, o protagonismo negro às suas histórias de vida. Ainda que se vejam, muitas vezes, invisibilizadas e estigmatizadas pelo racismo estrutural, que faz parte do imaginário coletivo e da ambiência brasileira, ainda assim, é preciso vestir a pele e mudar as ações, todos e todas, negros/as e não negros/as.

A solidão-ridade pode ser vista no viés da dororidade, em relação à dor da mulher e a união entre as mulheres para a sublimação desses traumas, na valorização da família, das amizades e da territorialidade. O trauma se presentifica na narrativa de Conceição Evaristo destacando que as feridas do passado, ainda persistem abertas, manifestando-se se forma concreta em *Becos*. Nesse contexto, a função da literatura, portanto, não é a de simplesmente reproduzir tais experiências, mas reinventá-las, como bem maneja Conceição Evaristo em sua “escrevivência”, visibilizando a mulher negra em uma ótica de resistência, deixando o apagamento feminino de outrora, para trás.

Respondendo ao problema de pesquisa, o entrelaçamento das narrativas memorialísticas individuais e coletivas se estabelecem por meio da escrita de Evaristo, construindo uma imagem amalgamada, ora real, ora ficcional, emoldurada pela “escrevivência” no romance *Becos da memória* (2018), trazendo ora situações decorrentes do trauma da diáspora, ora situações de dor e solidão, resultantes do desfavelamento, de problemas sociais, econômicos, que desencadeiam em uma desesperança, mas através da solidão-ridade na ambiência de um desfavelamento, expurgam suas dores e cesuras, buscando seguir em frente, cismando em resistir e re(existir). A “escrevivência” de Evaristo demonstra uma prática da Literatura Negro-brasileira, que permeia as suas memórias individuais, urbanas e coletivas.

À guisa de conclusão, inferimos que as considerações aqui apresentadas contribuem para amplificar a compreensão da solidão-ridade na “escrevivência” evaristiana na escuta do eu e do outro, colaborando para o entendimento das narrativas das vozes femininas no romance *Becos*, que são o ecoar das vozes de mulheres pretas, ressoando em traços de ancestralidade e resistência negra. Ainda que se encontrem no processo de trauma e solidão, de desfavelamento abrupto e desterritorialização, por fim, através da solidão-ridade, imbuída na escrita de si e escrita de nós, na “escrevivência”, que as resgata ou ameniza as dores, das marcas, cesuras e cicatrizes, pois ainda existe a alteridade, a forma de pensar em si e não esquecer-se do outro, as mulheres negras possam ressignificar as suas dores, traumas e solidão, expurgando o racismo estrutural, e através da solidão-ridade, possam dirimir a dor e seguir em frente, em busca do novo, do indizível, de uma nova história e do protagonismo negro.

7 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 35.

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. A diferença e a diversidade na educação. **Contemporânea**, São Carlos, n. 2, p. 85-97, ago.-dez. 2011.

ACHUGAR, Hugo. Historia paralelas / Ejemplares: La historia y la voz del otro. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Año 18, No. 36, La Voz del Otro: Testimonio, Subalternidad y Verdad Narrativa (1992), p. 51-73.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Os perigos de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *In: O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGÊNCIA BRASIL. **Conceição Evaristo abre Casa Escrevivência, espaço cultural no Rio**. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/conceicao-evaristo-abre-casa-escrevivencia-espaco-cultural-no-rio>. Acesso em: 25. out. 2024.

ALCOFF, Linda. Cultural Feminism versus Post-Structuralism: The Identity Crisis in Feminist Theory. **Signs**, New York, v. 13, n. 3, p. 405-436, Primavera, 1988.

ANTZE, Paul; LAMBEK, Michael. (orgs.). Tense Past. **Cultural Essays in Trauma and Memory**. Nova York, Londres: 1997, p. VII.

ARAUJO, Eliza de Souza Silva. **Becos da Memória, de Conceição Evaristo: uma escrevivência da memória da mulher negra no Brasil**. Let. Ideias, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 13-29, jan./jun. 2019.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

ATANÁSIO, Santo. **Vida e conduta de nosso pai Santo Antônio**. Trad. franc. Lavaud, Lavaud, §55, Mosteiro da Virgem (Petrópolis-RJ): Bibliotheca Patristica, 2010.

AULETE, Aulete digital. 2024. **Desfavelamento**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/desfavelamento>. Acesso em: 14 ago. 2024.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Anti-Racismo e Seus Paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo, São Paulo, **Annablume**, 2004, p. 87-93 e 97-106.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BELO HORIZONTE. APCBH. **Fotografia da Favela Pindura Saia na Avenida Afonso Pena em 1965**. Referência: Fundo ASCOM; N° A4432; A4433; A4434. Consulta em 27/06/2011.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In: Walter Benjamin: obras escolhidas – magia e técnica, arte e política*. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet, 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 130.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida da Silva (Org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2016.

BETHENCOURT, Francisco. **Racismos: das Cruzadas ao século XX**. Tradução Luís Oliveira Santos, João Quina Edições. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BEZERRA, Daniele Borges; MARCHI, Darlan De Mamann; VINASCO, Isabel Cristina Bernal *et al.* (Orgs.). **Memória coletiva: entre lugares, conflitos e virtualidade**. [Recurso eletrônico] Porto Alegre: Casalettras; Pelotas: PPGMP/UFPel, 2021.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos do lugar. *In: BOURDIEU, P., A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997. p. 159-166 *apud* MENDONÇA, Jupira Gomes de. **Segregação e Mobilidade residencial na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. 2002. 222f. Tese (Doutorado) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos avançados**, 27:(79), 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Bw9dSHXsM8mC6bg9X7NLDTH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2025.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Poemas malungos – Cânticos irmãos**. 2011. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2011.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 11, p. 11-42, 1998.

CAMPOS, Mateus; BIANCHI, Paula. **Conceição Evaristo**. Intercept_Brasil. Ago. 2018. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

CANDIDO, Antonio. “O escritor e o público”. *In: Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1980, pp. 73-87.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñezjuv** [online]. 2010, vol.8, n.1, pp.607-630. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1692-715X2010000100028&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 set. 2025.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006, Out-dez; 15(4): 679-84.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Escritos de uma vida**. Pólen Produção Editorial LTDA: São Paulo: 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Racismo, Sexismo e desigualdade no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, Francione Oliveira. **A história da arte e as representações do feminino: de quais mulheres falamos?** Trama Interdisciplinar. Ano 1, Volume 2, 2010.

CARVALHO, Wellington Marçal de. Entrevista com Odete Semedo, concedida a Wellington Marçal de Carvalho, em Cacheu, Guiné-Bissau, em 22 de março de 2017, durante Missão de Prospecção do Centro de Estudos Africanos da UFMG. **Caletrosópio**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem – v. 10, n. 1, 2022, p. 196-207.

CHAVES, Wilson Camilo. Considerações a respeito do conceito de real em Lacan. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 41-46, jan./mar. 2009.

CLARK, Taís Freire de Andrade. Memórias de despejos: testemunhos e recordações em cenários de remoção forçada. **Abralic**, 2017, p. 4686-4694. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522243464.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

CRUZ, Jane Cristina. **Uma análise da personagem narradora em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. 2016. 98 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010 – (Coleção Consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

CUTI, Luiz Silva. “O leitor e o texto afro-brasileiro” *In*: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Mazza Edições, 2002. p. 19-36.

CUTI, Luiz Silva. **Quem tem medo da palavra negro**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Niterói**, n. 24, 1. sem. 2008, p. 2023-219

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth (org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 103-116.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. **D.E.L.T.A.**, 31-especial, 2015, 377-390.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b, p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. *In*: DUARTE, Constância Lima. (org). **Escritoras mineiras**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010, p. 11-17.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 48-57.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, dez. 2009, p. 17-31. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 30 mar. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da Recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. **Nexo Jornal**, 26 maio 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo->

%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99. Acesso em: 17 set. 2025.

FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. **Itinerários**, Araraquara, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora EdUfba, 2008.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. **São Paulo**: Edusp, 1994.

FERNANDES, Florestan. O protesto negro. **Rev. São Paulo em Perspectiva**, 2(2):15-17, abr./jun.1988.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan. **Estudos avançados**, 21 (60), 2007, p. 271-288.

FERREIRA, Valéria Rosito. *In*: EVARISTO, Conceição. **Histórias de Leves Enganos e Parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016 a. Via Atlântica, São Paulo, n. 34, 257-264, dez/2018.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa/Portugal: Livraria Clássica Editora, 1913.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Posfácio: Costurando uma colcha de memórias. *In*: EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FONTELA, Orides. **Poesia reunida (1969-1996)**. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Campo Teórico).

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992, pp. 129-160.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. *In*: MOTTA, M. B. (org.). **Ética, sexualidade, política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970- 1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FREIRE, Ida Mara. Celebração. *In*: PASSOS, Joana Célia dos; SANTOS, Zâmbia Osório dos (org.). **Caminhos teóricos e metodológicos em pesquisas no campo das relações raciais: o quê, porquê? com quem? como?** [Recurso eletrônico]. 1. ed. Tubarão (SC): Copiart, 2021, p. 4-5.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. Editora 34. São Paulo, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7 ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Trad. de Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: UCAM, Editora 34, 2001.

GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). **Escritas da violência**: o testemunho, volume 1. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2012.

GOMES, Angela Maria de Castro. "História, historiografia e cultura política no Brasil". Rachel Soihet, Maria Fernanda B. Bicalho e Maria de Fátima S. Gouvêa (orgs.). **Culturas Políticas**: ensaios de história cultural, história política e ensino de história, Rio de Janeiro, Mauad, 2005, p. 21-44.

GOMES, Heloisa Toller. Prefácio. "Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro.". *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. (3. reimpressão). Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A democracia racial: uma militância. **Arte & Ensaios**. Entrevista à Revista Seaf. n. 38. julho 2019, p. 222-225.

GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. **Raça e Classe**, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov.dez. 1988.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Raça e cor no Brasil contemporâneo, oportunismo político e tendência histórica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, 2024, v. 67. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/kRH6NRNr6Bd3NrSC6jkwd8r/?lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2025.

GUZMÁN, Marcelo Chapa; DERZI, Carla de Abreu Machado. O trauma e seu tratamento: contribuições de Freud e Lacan. **Revista Subjetividades**, 21(1): e9254, 2021.

G1 MINAS. **Conceição Evaristo é eleita imortal da Academia Mineira de Letras**. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/02/15/conceicao-evaristo-e-eleita-imortal-da-academia-mineira-de-letras.ghtml>. Acesso em: 13 maio 2024.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.166-205.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. (Org.) Liv Sovik; Trad. de Adelaine La Guardia Resende ... *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAMA, Boubou; KI-ZERBO, J. Lugar da história na sociedade africana. *In*: KI-ZERBO. (org.) **História geral da África, I: Metodologia e Pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p.23-36. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249por.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os *cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243-288.

HARRIS, Joseph. A África e a diáspora negra. *In*: MAZRUI, Ali. **História geral da África VIII: África desde 1935**. Brasília: Unesco, 2010. p. 849-872.

HEILBORN, Maria Luiza *et al.* (orgs.). Quesito Cor. *In*: HEILBORN, Maria Luiza. **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça – módulo IV**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback, posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HIRAN. **Bastardo**. Bahia: Cremenow Records: 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CunmG8LNiOw>. Acesso em: 13 jun. 2024.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, 1995, 3(2), 464.

HUBIER, Sebastián. **Littératures intimes: les expressions du moi, de l'autobiographie à l'autofiction**. Paris: Armand Colin, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Agência IBGE Notícias. **Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda**. 2023. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Destques,0%2C4%25\)%2C%20amarelas](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Destques,0%2C4%25)%2C%20amarelas). Acesso em: 12 jan. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua). **A inserção da população negra no mercado de**

trabalho. Brasil, 2024. Disponível em:

https://sinesp.org.br/images/2024/novembro/Brasil_e_regi%C3%B5es_2024_-_Popula%C3%A7%C3%A3o_negra1.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

ITAÚ CULTURAL. **Ancestralidades.** Fundação Tide Setubal. 2025. Disponível em:

<https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/negro>. Acesso em: 05 ago. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** Diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Comentario a la ponencia de Orlando Fals Borda. **Crítica y política en ciencias sociales**, Bogotá: Punta de Lanza, 1978.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro:** autoficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea. 2006. 204f. Tese (Doutorado em Letras: Literatura Comparada) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ/Rio de Janeiro, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos. Trad. Manuel Luis Salgado Guimarães. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992, p. 134- 46.

LANGA, Angela de Fátima; SILVA, Denise Almeida. **A ressignificação de favela em Becos da memória:** da favelafobia ao beco-lar. Revista *Literatura em Debate*, v. 9, n. 17, p. 80-95, dez. 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão ... [et al.]. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LEJEUNE, Philippe. L'autobiographie de ceux qui n'écrivent pas. **Je est un autre.** L'autobiographie, de la littérature aux médias, Paris: Éditions du Seuil, Poétique, 1980, p. 235-236. Disponível em: <https://publications-prairial.fr/voix-contemporaines/index.php?id=245#>. Acesso em: 11 jan. 2024.

LE MOS, Rosália de Oliveira. **Guia de direitos do brasileiro afrodescendente:** O negro na educação e no livro didático: Como trabalhar alternativas. 2. ed. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2001.

LIMA, Gisele Maria Brito; MONTEIRO, Simone Souza; BARBOSA, Regina Maria *et al.* Raça/cor, gênero e classe nas relações sociais e afetivas de jovens negras: uma abordagem interseccional. **Cad. Saúde Pública**, 2025; 41(8):e00200424.

LIMA, Ludmilla Lis Andrade de; LIMA, Fátima; OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de. Mulheres negras, subjetivação e trauma colonial: bem viver e futuridade. **Revista da ABPN**, v. 14, n. Ed. Especial, Outubro 2022, p. 60-77.

LITERAFRO. **Conceição Evaristo**. Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras (Maio/2009). Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 05 fev. 2024.

MACHADO, Lízia Khênya de Campos Rosa Oliveira. **Pelos Becos da memória: uma análise da autorrepresentação negro-feminina em Conceição Evaristo**. 2021. 80 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos da **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MELO, Tatiana Soledade Delfanti. **A Vila Santa Isabel na Avenida Afonso Pena: a experiência positiva da moradia popular em região central de Belo Horizonte**. 2012. 232 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Núcleo de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: o lado escuro da modernidade**. 2017. Disponível em: www.scielo.br/pdf/0102-6909-rbcsoc-3294022017. Acesso: 17 nov. 2024.

MIGNOLO, Walter. “La opción decolonial: desprendimiento y apertura. Um manifesto y un caso”. **Tabula Rasa**, 2008, n.8, p. 243-282.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, Walter.; WALSH, Catherine. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

MIRANDA, Danilo Santos de. No limiar de um turbilhão. *In*: SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2023, p. 8-9.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada**. 2019. 252 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MORAES, Marcos Antonio de. (org.) **Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa**. São Paulo: Moderna/Salamandra, 2005.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORICONI, Italo. **Circuitos contemporâneos do literário** (Indicações de pesquisa). Comunicação apresentada na Universidade de San Andres, Buenos Aires, 9 de agosto de 2005. Inedita.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Cultura, Divisão de Editoração, 1995.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MUNANGA, Kabengele. **Negritude. Usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5 ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Juciene Silva de Sousa; BOTTON, João Batista. Que faço com minha cara de negra? Episódios de denegação e branqueamento em uma vivência afro-brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 230, set./out.2021.

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move sobre a vida. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 10-24.

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. O pensamento decolonial: conceitos para pensar uma prática de pesquisa de resistência. **Boletim Historiar**, v. 8, n. 1, jan./mar. 2021, p. 97-115.

OLIVEIRA, Joana. **Conceição Evaristo é capa da edição de novembro de Claudia**. 2022. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/conceicao-evaristo-capa-claudia-novembro-2022>. Acesso em: 22 maio 2024.

OLIVEIRA, Jurema José de. **No limite entre a memória e a história: a poesia**. Vitória: EDUFES, 2011.

OLIVEIRA, Jurema; DIAS, Mileide. Reflexões sobre memória e oralidade em *Becos da memória* de Conceição Evaristo. **Contexto**, Vitória, n. 37, 2020/1.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. Mário Augusto Medeiros da Silva. A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 45, p. 465-471, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/3b6xPN4GqJXdvsJXzsgQGnD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2025.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrevivência” em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrevivências”: rastros biográficos em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. In: **Terra Roxa e Outras Terras**, v. 17-B, p. 85-94, 2010.

OLIVEIRA, Margarete Aparecida de. Entre becos e memórias, Conceição Evaristo e o poder da ficção. **Literafro**. Jul/2018. Disponível em: [OLIVEIRA, Neuza Pereira de. **A reconstrução ficcional da favela em becos da memória, de Conceição Evaristo**. 2022. 87 f. Dissertação \(Mestrado\), Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários \(PPGMEL\). Universidade Federal de Rondônia \(UNIR\), 2022.](http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/68-conceicao-evaristo-entre-becos-e-memorias-conceicao-evaristo-e-o-poder-da-ficcao#:~:text=Homens%2C%20mulheres%2C%20crian%C3%A7as%20que%20se,do%20on%20tem%20com%20o%20hoje. Acesso em: 08 fev. 2024.</p>
</div>
<div data-bbox=)

OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. Sobre a realização deste trabalho (ou o ineditismo das primeiras turmas do PPGER). In: FERREIRA, Ananda da Luz *et al.* (Orgs.). **Epistemologias do Extremo Sul [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021, p. 20-23.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Texto para Discussão. Brasília: Ipea, n. 996, nov. 2003.

OSTOS, Luciana Moreira Barbosa. **As idéias dentro do lugar: Plano Global Específico. As idéias brotadas do lugar: participação e conteúdo. Um estudo a partir da Vila da Paz em Belo Horizonte – MG**. 2004. 190f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. EDUFBA, 2013.

PASSOS, Joana Célia dos; SANTOS, Zâmbia Osório dos (org.). **Caminhos teóricos e metodológicos em pesquisas no campo das relações raciais: o quê, porquê? com quem? como?** [Recurso eletrônico]. 1. ed. Tubarão (SC): Copiart, 2021, p. 1-463.

PAULA, Leonora Souza. Afro-ancestralidade and the construction of urban memory in Conceição Evaristo's *Becos da memória*. **Brasil/Brazil Journal of Brazilian Literature**. N. 63, Vol. 33, p.194-210. 2020.

PENNA, João Camillo. **Escritos da sobrevivência**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2013.

PETRUCCCELLI, José Luís. **A Cor Denominada**. Estudo do suplemento da Pesquisa Mensal de Emprego de julho de 1998. Textos para Discussão. Rio de Janeiro: IBGE / Diretoria de Pesquisas, n. 3, 2000.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINTO, Rafael. **O Movimento Negro em São Paulo: luta e identidade**. Ponta Grossa: Editora UEPG, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013, p. 78.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, v. 2, n.3. Rio de Janeiro, 1989.

PORTAL GELEDÉS. Mulheres negras. *In: Escrivência – 30 anos de um conceito revolucionário*. 09/01/2025. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tag/mulheres-negras/>. Acesso em 24 jan. 2025.

PRAZERES, Lílian Lima Gonçalves dos. **Escrituras feministas sul-americanas: corpos, vozes e sentimentos em Luisa Valenzuela**. 2019. 212 f. (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2019.

PRIBERAM. *In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Priberam Informática, S.A. [e-book], junho, 2011, pp. 1-12153.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Jornal of World-Systems Research**, vol. XI, n. 2, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Comentario a la ponencia de Orlando Fals Borda. **Crítica y política en ciencias sociales**, Bogotá: Punta de Lanza, 1978.

QUIJANO, Anibal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Aníbal Quijano; prefacio de César Germaná; prólogo de Danilo Assis Clímaco. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2020.

REIS. Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Presença/MinC/Pró-Memória/INL, 1988.

REZENDE, Luciana Barreto Machado; CAMPOS, Beatriz Schmidt. Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da “escrivência”. **Estud. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 66, e6706, 2022.

RIBEIRO, Djamila. Eu me arrependo dos meus silêncios. **Portal Geledés**, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/eu-me-arrependo-dos-meus-silencios/>. Acesso em 16 out. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. (Coleção: Feminismos plurais).

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. Proximidade Territorial e Distância Social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano. **Revista Ver a Cidade**, Ano 3. Nº 3. Maio/2008. 21f.

RIBEIRO, Romilda Iyakemi. Até quando educaremos exclusivamente para a branquitude? Redes-de-significado na construção da identidade e da cidadania. *In*: PORTO, Maria do Rosário Silveira; CATANI, Afrânio Mendes; PRUDENTE, Celso Luiz; GILIOLI, Renato de Sousa Porto (Org.). **Negro, educação e multiculturalismo**. São Paulo: Panorama, 2002.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [*et al.*]. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Nildicéia Aparecida. A subjetividade feminina/feminista. *In*: **A constituição da subjetividade feminina em Alfonsina Storni**: uma voz gritante na América [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2013, pp. 191-232. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/p269q/pdf/rocha-9786557144879-07.pdf>. Acesso em 25 nov. 2024.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; ABRAMOWICZ, Anete. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 15-30, jan./mar. 2013.

SACRAMENTO, Douglas Santana Ariston. **Os fios da morte nos tecidos da memória**: um estudo comparativo sobre *Amada*, de Toni Morrison e *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. 2021. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SALOMONE, Alicia Noemi. **Alfonsina Storni**. Mujeres, modernidad y literatura. Buenos Aires: Corregidor, 2006.

SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. Saberes e complexidades: fios do tempo-história cingindo o Extremo-Sul baiano. *In*: FERREIRA, Ananda da Luz *et al.* (Orgs.). **Epistemologias do Extremo Sul [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021, p. 24-28.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. **Conceição Evaristo – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”**. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em 30 mar. 2023.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. *In*: **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 44-60.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia Essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução às Epistemologias do Sul. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia Essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018a, p. 297-335.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP 79**, nov. 2007, pp. 71-94. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Prefácio. *In*: GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Flávia Cristina Honorato dos. **As ressonâncias da musicalidade afrobrasileira no espetáculo por cima do mar eu vim**. 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do "ser negro": um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. São Paulo: Educ; Pallas, 2006.

SANTOS, Mariana Fernandes Braga Santos. **O que há num nome?: uma análise sobre a política de categorização e o fluxo venezuelano para o Brasil**. 2020. 163 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2020.

SANTOS, Mirian Cristina dos. Formação, transgressão e rupturas na literatura negro-brasileira escrita por mulheres. **Cerrados**. Brasília/DF v.30, n. 57, dez, 2021.

SANTOS, Tainá Celen Pereira. **A escrevivência como litaraterra (manuscrito)**. 2022. 107f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2022.

SAQUET, Marcos Aurélio. As diferentes abordagens do território e apreensão do movimento e da (i)materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v.22, n.43, p.55-76, jan./jun. 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. Proposições para estudos territoriais. **Geografia**, Paraná, ano VIII, n.15, p.71-85, 2006.

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Petrópolis: Vozes. 1997.

SCHMIDT, Simone Pereira. Posfácio: A força das palavras, da memória e da narrativa. *In*: EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

SCHONS, Carme Regina; GRIGOLETTO, Evandra. Escrita de si, memória e alteridade: uma análise em contraponto. *In*: **1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso**. Anais, Maringá, PR: UEM, 2008. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/jied/pdf/ESCRITA%20DE%20SI%20schons%20e%20grigoletto.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma** - a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Pisic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, 2008, p. 65-82.

SILKO, Leslie Marmon. **Ceremony**. Harmondsworth: Penguin Books, 1986, p. 55.

SILVA, Débora Jean Lopes. **Mulheres na Literatura: Escritas de autoria feminina negra**. 2021. 139f. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MG, Brasil, 2021a.

SILVA, José Walter e Silva; UNGARO, Gustavo Gonçalves; SILVA Paula Anunciação *et al.* Racismos: das Cruzadas ao século XX, de Francisco Bethencourt. **Dialogia**, São Paulo, n. 33, p. 263-267, set./dez. 2019.

SILVA, Luciane Ramos; SAUNDERS, Tanya L.; OHMER, Sarah Soanirina. Introduction: From Solidão, to Isolation, to Solidão-ry. *WSQ: Women's Studies Quarterly*, **Project Muse**, vol. 49, 2021, p. 16-49. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/wsqr.2021.0040>. Acesso em: 30. mar. 2023.

SILVA, Luciane Ramos, *et al.* “Introdução: Da Solidão ao Isolamento, à Solidão-ridade.” *WSQ: Estudos Trimestrais da Mulher*. **A imprensa feminista**, vol. 49, out/inv. 2021, p. 16-49.

SILVA, Márcia Maria Oliveira. As Mulheres de “Becos da Memória”: reflexões sobre gênero e raça no ambiente da favela. *In*: **II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades**. GT I, 2014, Universidade Federal do Espírito Santo, 2014, p. 1-10.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2023, 592 p.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Esboço de Análise Sociológica da ideia de Literatura Negra no Brasil. *In*: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2007, Recife (PE): UFPE, 29 de maio a 1 de junho de 2007, **Anais [...]** Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2007, p. 1-18.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, 2008, 30(3). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *In*: FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES,

Alexsandra Borges. (Org.) **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 123-150, maio/jun. 2018.

SILVA, Renata de Lima. Negro Teatro, Negra Performance. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 12, n. 4, e120854, 2022.

SILVA, Simone Bueno Borges da; PEREIRA, Monalisa dos Reis Aguiar; PEREIRA, Julio Neves. (orgs.). **Línguas e Literaturas: arte, ancestralidade e decolonialidade na formação docente**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras**. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2008.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. (2017). "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, 17(39), 203-219. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 12 maio 2025.

SOBRINHO ROSA, Leonardo Júnio. Falar de nós, escrevendo a vida: escrevivência, memória e a (re)escrita da favela em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, p. 225–236, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/89161>. Acesso em: 15 set. 2025.

SONSIN, Juliana. **Solidão e solidude – entenda a diferença entre ficar sozinho e ser solitário!** Telavita, 2023. Disponível em: <https://www.telavita.com.br/blog/solidao-e-solitude/>. Acesso em: 12 set. 2024.

SOUZA, Livia Maria Natália de. Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 206-224.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty; GIRALDO, Santiago ¿Puede hablar el subalterno? **Revista Colombiana de Antropología**, vol. 39, enero-diciembre, 2003, pp. 297-364.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self – A construção da identidade moderna**. (Trad. Adail. U. Sobral e Dinah de Azevedo de Abreu). São Paulo: Edições Loyola, 1997.

TIBURI, Marcia. Prefácio. *In*: PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

VAN DER KOLK, Bessel A.; VAN DER HART, Onno. “Pierre Janet and the Breakdown of Adaption in Psychological Trauma”, **American Journal of Psychiatry**, 146, 12 dez., 1989, pp. 1.530-40.

VELASCO, Tiago Monteiro. Escritas de si contemporâneas: uma discussão conceitual. **Abralic**, Universidade Federal do Pará, jun-jul. 2015, p. 1-12.

VENTURA, Adão. **A cor da pele**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980.

VIANNA, Francisco José de Oliveira. **Evolução do Povo Brasileiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. (original publicado em 1923).

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VILARBA, Flavieli Arguelho. **Luta pela emancipação da mulher negra em contos de Conceição Evaristo**. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2021.

WERNECK, Jurema. **De Ialodês e feministas**. *Nouvelles Questions Féministes – Revue Internationale Francophone*, v. 24, n. 2, 2005.